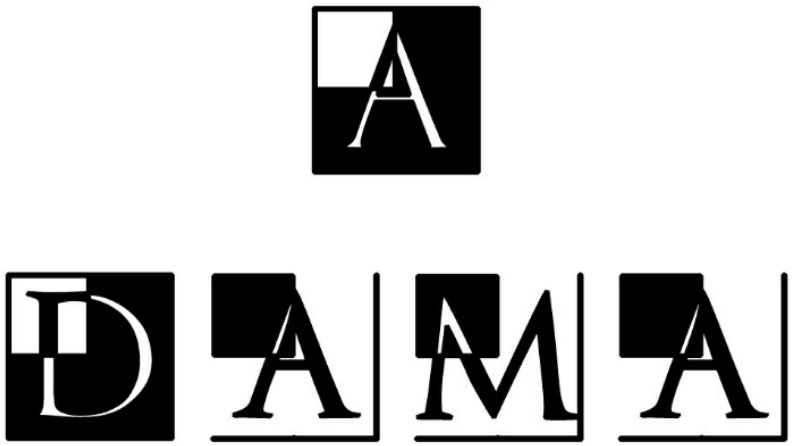
KAT ALMEIDA

A DAMA





.
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
Livros da Kat

A Dama

Copyright © 2024 por Kat Almeida
Todos os direitos reservados.

Os personagens e eventos retratados neste livro são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou falecidas, é coincidência e não é intencional por parte do autor.

•

Dentro da terra

As trevas se espalham

Sem ninguém olhar

- Lorde Jin Sakai
Ghost Of Tsushima / Sucker Punch productions

1

A Assassina

O homem parrudo com um andar estranho ajeitou a manga do terno negro que vestia após sair do carro. A cabeça sem um fio de cabelo refletia a luz roxa que vinha da entrada do clube.

Eu não tive a clara chance de eliminar o alvo que a dois dias vinha seguindo. Parei a moto no estacionamento do hotel logo em frente. Pela escada de incêndio tive acesso aos andares. Subi até o telhado.

Monto o meu rifle calmamente como se estivesse encaixando um brinquedo.

Foram quatro horas de vigilância em cima do frio telhado sem tirar os olhos das saídas do clube.

Poderia muito bem entrar e tentar envenená-lo, ou talvez pegá-lo desprevenido no banheiro, mas era melhor fazer as coisas de longe, havia potenciais testemunhas além de um circuito de câmeras que poderiam me flagrar. Eu apreciava muito o meu anonimato.

A afinidade com rifles de longo alcance era perfeita, como uma extensão de meu braço, assim como as facas e a pistola que usava.

Aquele era um trabalho relativamente fácil, mas era a segunda vez que a oportunidade não veio para eliminar o alvo.

Uma e quarenta da madrugada o homem marcado para morrer saiu do clube privado com os seus dois seguranças gigantes o ladeando. O carro dele já estava na rua em frente à saída clube com o motorista lhe esperando.

Segui com a mira visando uma boa oportunidade. O vento gelado beijava minha pele e levantava alguns fios loiros dos meus cabelos. Conseguia sentir meus batimentos cardíacos. Segui com a mira em sua cabeça. Eu tinha cerca de quatro segundos até ele entrar no carro e sair. Ele parou para conversar com uma mulher de vestido vermelho e brilhante no meio da calçada. Me dando uma visão limpa.

Respiro fundo, travo a mira e solto o ar devagar. O tiro saiu empurrando fortemente meu ombro para trás, o choque percorreu até a base da espinha e reverberou para minhas pernas. O cartucho voou. A bala atravessou o crânio espirrando uma nuvem de sangue e manchando todo o rosto da mulher de vermelho. Pela lente obtive um ligeiro vislumbre da cabeça explodida do alvo. Confusos, os seguranças sacaram as armas, mas não sabiam onde mirar. Eles se abaixaram e puxaram o corpo jogando-o dentro do carro para logo em seguida sair em disparada.

Desmonto o rifle e o coloco na maleta, pego o cartucho do chão e enfio no bolso. Saio apressada do telhado do prédio do lado oposto enquanto digitava a mensagem da confirmação da morte.

Desço pelo mesmo lugar que subi. Ando pelo beco mal iluminado sem chamar a atenção de ninguém até chegar à minha moto. Pessoas já se aglomeravam em frente ao clube e luzes vermelhas e azuis piscavam sinalizando a chegada da polícia.

Coloco o capacete, monto em minha moto e acelero.

Meu último trabalho estava feito.

Assim que entro no escritório, Kurochev me olha e cruza os dedos sobre a mesa. Sentei-me na cadeira vazia na frente dele e então ele se moveu e pegou um envelope.

O homem que me resgatou após um evento traumático já estava na casa dos sessenta com mechas brancas nos lados da cabeça e pele enrugada. Ele educou e me treinou para tornar aquela criança amedrontada na assassina mais letal da Rússia. Isso era a única coisa que eu sabia fazer muito bem: matar. Eu não sentia prazer nisso. O prazer vinha do dinheiro que ganhava para gastar com o que quisesse. Dinheiro este que não conseguiria ganhar em qualquer outro lugar.

— Vou lhe perguntar mais uma vez. Tem certeza disso? — perguntou o homem, recostado na cadeira.

Desvio o olhar para a estátua de uma mulher nua com uma cobra enrolada no pescoço. Sempre considerei aquele monumento exagerado e ao mesmo tempo bonito.

— Sim. Agora, o pagamento.

— O que você vai fazer? Onde irá arranjar dinheiro?

— Eu ainda não sei. Eu tenho uma montanha de dinheiro e mesmo que eu exagere gastando com coisas irrelevantes, ainda terei bastante por meses. Até lá já terei algo em mente para fazer.

— Mas por quê?

— Nós já tivemos essa conversa. Eu quero fazer outra coisa que não envolva gente morrendo. Cansei. Agora, o pagamento.

Eu sentia que em algum dia pudesse morrer fazendo esses serviços, mesmo que eu fosse impecável. Eu não me sentia viva a algum tempo, mesmo desfrutando de festas privadas, com bebidas e mulheres bonitas. Percebi que eu deveria dar valor a minha vida enquanto ainda sou jovem.

Ergui meu corpo colocando a cadeira no lugar.

— O que você faz lhe garante dinheiro, roupas caras que você gosta, joias, bebidas, festas milionárias em iates e mansões, e mulheres. *Muitas mulheres.* Você pode ter o que quiser.

— Terei o que quero assim que sair daqui.

Estou cansada de morte e sangue.

— Quando eu morrer isso tudo será seu. Você é minha herdeira.

— E quanto ao seu filho?

— Ele tem dois anos de vida. Não sei se estarei vivo quando ele tiver dezoito.

— É exatamente isso. Vá aproveitar sua família enquanto pode.

O homem não disse nada e jogou a mochila de dinheiro na mesa. Eu não precisava conferir o seu conteúdo porque sabia que estava tudo ali. Cento e oitenta mil dólares. Já com os quarenta porcento abatidos de Kurochev.

Levanto a cabeça para encará-lo.

— Isso se ele quiser herdar o que você tem. Você devia estar em casa dando atenção a sua esposa e a ele. Agora se me der licença, eu estou indo curtir minha aposentadoria.

— Espera.

— O que é? — Já estava ficando sem paciência.

Kurochev escorregou o envelope pela mesa de vidro.

Revirando os olhos, solto um chiado desanimado e me viro em direção a saída com as mãos no bolso da jaqueta e a mochila cheia de dinheiro nas costas.

Ele não estava a escutando. Acabou, mas para aquele velho era difícil aquilo entrar na cabeça. Para ele, eu era sua filha e estava abandonando-o. Eu nunca me considerei sua filha por mais que ele tenha me salvado de um louco, me educado, me alimentado e me dado todos os tipos de luxo até eu executar a minha primeira missão.

Tudo isso em meio a treinos exaustivo que me faziam querer matar cada instrutor que eu tinha naquela época.

— Eu respeito sua escolha, mas dê uma olhada nessa.

— Nessa? Você sabe que eu não mato mulheres.

— Sim eu sei, mas é de longe o mais lucrativo de todos e vai ser um desafio. Você adora desafios.

— Dê para Aleksandr — voltei a andar até a porta.

— Não quer dar uma olhada?

Soltei o ar dos pulmões.

— De quantos estamos falando? — perguntei, com a mão na maçaneta, só por curiosidade.

— Cinco milhões de dólares.

Eu o encarei espantada. Aquele valor era exorbitante. Se combinasse os valores dos últimos três anos ainda assim não chegava naquilo.

O esboço de um sorriso na face de Kurochev confirmou meu interesse.

— Quem é ela? A Rainha da Inglaterra por acaso?

Kurochev gargalhou tão alto que me fez dar um pulo de susto. A mão escorregou da maçaneta. A curiosidade venceu, caminho de volta até a mesa e pego o envelope.

No conteúdo padrão de um alvo, há fotos e outras informações simples. Na foto, vi uma mulher branca e de rosto sorridente e cabelos castanhos escorridos pelas costas trajada em um vestido azul marinho com grandes botões na frente; em outra, ela parecia discursar em uma espécie de evento e estava rodeada de pessoas que a incentivava; na terceira, ela estava sentada em uma cadeira grande de madeira olhando seriamente para a câmera, seus dedos estavam entrelaçados sobre uma mesa onde tinha um tabuleiro de xadrez com várias peças dispostas, e na última vestia um vestido branco e uma tiara cravejada de joias.

Tinha que admitir que a mulher tinha um bom senso de moda e é muito bonita de se olhar.

— Katherine Victória Øster. Princesa da Dinamarca. — A voz de Kurochev surgiu antes de eu ler a ficha que estava por baixo das fotos — Ou Princesa Katherine da Dinamarca. Como preferir.

Ele ficou doido!

— O alvo é a porra da princesa da Dinamarca!? Ficou louco? Quem pediu isso? O que ela fez? Quem a quer morta?

— Não sei e não posso lhe dizer quem me contatou. Sigilo profissional. Conhece muito bem as regras, menina.

Na ficha dizia que a mulher tinha vinte e dois anos.

Ela era muito nova para ter um alvo nas costas, ainda mais nesse valor.

Em que ela está metida?

Tinha que admitir que a mulher era muito interessante. Sempre muito bem-vestida, entrou na faculdade de economia aos dezessete, mas atualmente estava trancada. Quando completou dezoito serviu o exército por um período de um ano. Ela é uma profissional do xadrez, Uma Grande Mestre. Venceu vários dos campeonatos que disputou.

Eu nunca agia contra mulheres ou crianças essa era minha única regra. Kurochev nunca me passava alvos femininos, estes ficavam com Aleksandr, o outro assassino que fazia parte da pequena agência de Kurochev. Este alvo em questão, tinha risco altíssimo de dar merda. Além de ser ridiculamente idiota de se aceitar. Onde Kurochev está com a cabeça?

— Eu apenas fiquei com a ficha dela para lhe mostrar. Irei destruí-la. Mínimo curioso, não? Queria ver sua reação. Eu não irei aceitar isso. É por prego no caixão e acabar com toda minha

família. Eles provavelmente vão procurar alguma outra pessoa, são 5 milhões afinal, mas acho burrice.

Passei o dedo pela face da mulher na foto e fechei o arquivo.

— Adeus Kurochev. — Me virei

— A ficha.

— Vou ficar com ela.

— Calena! — chamou. — Não faça nada, é uma ordem.

Apenas sorri e fechei a porta saindo dali.

2

Katherine Øster

Madrid, Espanha.
Torneio de candidatas 2025

Eu analisava o tabuleiro enquanto rodava uma peça de Peão entre os dedos. Eu calculava a mais de vinte minutos a próxima jogada. Dei uma olhadela para o relógio, sobravam apenas quinze minutos.

Na avaliação, minha posição estava ruim. Minha oponente tinha um peão passado e um cavalo bem defendido no centro do tabuleiro.

Logo depois de muito pensar, faço a jogada. Passaram-se apenas dois minutos antes da outra mulher fazer a sua. Era o movimento que confirmava que não havia para onde correr. Estiquei a mão para congratular a minha oponente pela vitória. Havia alguns meses desde a minha última derrota em uma partida clássica.

Insatisfeita com a minha performance, levanto e ajudo a arrumar as peças no tabuleiro. Assino os papéis obrigatórios enquanto conversava sobre o jogo. Retiro o meu blazer preto da cadeira e o visto, seguindo desapontada com o resultado.

Passeando pelas outras mesas, parei afastada onde Justina Alvarez estava jogando. Justina estava um ponto atrás nas classificatórias e se a mulher perdesse, um empate na última rodada garantiria a minha vaga para enfrentar Yue Li no mundial de xadrez.

Fico por ali observando de longe. A posição era equilibrada e seria um empate. Justina ofereceu o empate, e assim o jogo acabou.

Depois de mais uma passada de olho nas outras mesas, concedi uma rápida entrevista e encontrei com Daniel, o meu segundo. O homem fazia parte da minha equipe e me ajudava com análises de outros jogos, treinos e pesquisas. Era meu “técnico” desde que eu tinha doze anos. Ele era um Grande Mestre Dinamarquês e meu amigo mais próximo.

A cara dele não era das boas.

— Nenhuma palavra — disse a ele, passando em direção aos sofás. Ali tinha o telão com os placares. Sete vitórias cinco empates e uma derrota para mim.

— Devemos chegar um pouco mais cedo para o último jogo amanhã. — Confirmo com um manear de cabeça e ele se senta ao meu lado.

— Vamos pegar um almoço e voltar para o hotel. Quero analisar o jogo e estar bem descansada para amanhã.

Dois seguranças já me esperavam próximos ao sedan preto enquanto o outro já estava dentro do carro. Daniel e eu entramos e ficamos calados durante o curto trajeto.

O último dia de jogos chegou. Nada ainda estava decidido. A vaga estava entre mim, Indira e Justina. Katja e eu esperávamos olhando para o tabuleiro a liberação para começar o décimo quarto round. Quando o aval foi dado, iniciei o relógio. Eu jogava com as pretas.

Katja iniciou com e4 e respondi instantaneamente com a defesa siciliana evoluindo para uma siciliana dragão clássica.

Aquele torneio era o mais importante da minha carreira. Era a primeira vez que eu estava no torneio de candidatas e a minha preparação foi insana e não ficou apenas restrita ao tabuleiro. Havia exercícios mentais e físicos que incluíam natação e corrida. Pois uma partida de xadrez não é apenas ficar sentada, calcular e fazer jogadas. Precisávamos de um corpo forte. Partidas duravam várias horas quando jogadas no modo clássico.

Peões foram trocados, Cavalos foram eliminados do tabuleiro. Minha posição era ligeiramente melhor. Katja fez o Roque grande para proteger o rei e fiz o mesmo. Levantei e fui dar uma volta para esticar as pernas e observar alguns jogos.

Era comum jogadores deixarem o tabuleiro para descansar os olhos, limpar a mente e esticar as pernas enquanto o oponente pensava na jogada, isto acontecia com frequência no xadrez clássico, onde o tempo da partida é muito maior comparado as regras do *Blitz* e do rápido.

Minha última conquista foi o *Gran Prix*, logo no início do ano, garantindo a vaga para o torneio de candidatas onde agora disputava. Outro campeonato internacional em que fui vitoriosa foi *Tata Steel* no ano anterior. Este era o ponto mais alto em minha carreira, meu ano estava sendo incrível.

Comecei precocemente com apenas cinco anos logo após meu pai falecer. Eu estava mexendo no tabuleiro que ficava exposto no quarto dos meus pais brincando de guerrinha com as peças, até que minha mãe viu e me ensinou a jogar e encontrei no jogo uma forma de distração e passatempo. Eu adorava e queria jogar o tempo todo, minha mente de criança conseguia guardar futuras jogadas e até fazer alguns cálculos. Comecei a andar com um pequeno kit de xadrez para jogar com que eu encontrasse pela frente, principalmente na escola. Infelizmente nem todo mundo sabia jogar.

Foi então que com sete anos decidi que queria mais. Havia campeonatos e eu queria vencê-los e ser a melhor.

Então comecei a minha saga. Me aprofundei no jogo e passei por vários tutores e Grandes Mestres para me ensinar, e havia muita coisa: conceitos, táticas, aberturas, *endgame* e entre quase infinitas possibilidades que o xadrez proporcionava. E quanto mais eu aprendia, mais eu ficava fascinada. Então surgiu Daniel, três vezes campeão nacional. Ele está ao meu lado desde meus doze anos de idade. Hoje ele está na posição de segundo, ou seja, era quase a mesma coisa que um técnico. Havia campeonatos onde nos enfrentávamos, era sempre divertido apesar da seriedade da partida.

Aos quatorze anos, fui campeã Dinamarquesa, vencendo o mesmo campeonato três vezes seguidas; aos quinze me tornei uma Grande Mestre de xadrez, o título mais alto no esporte. Joguei com Grandes Mestres do xadrez mundial, tanto masculino quanto feminino, inclusive em jogos simultâneos, sendo apontada como a estrela em ascensão. Isso tudo em meio a compromissos da realeza. Quando completei dezoito tive que pausar a carreira para servir o exército, que é obrigatório. Um ano depois eu estava de volta.

Eu ocupava o segundo lugar no ranking mundial feminino da FIDE (Federação Internacional de Xadrez), apenas atrás de Yue Li, e nonagésima primeira posição no ranking geral. Meu atual rating era:

2689 (Clássico);

2635(Blitz);

2612 (Rápido).

Quando voltei para a mesa, Katja já havia jogado e eu já tinha em mente o que fazer caso ela fizesse aquele exato movimento. Katja abandonou a partida segundos depois. Com a vitória, não havia como Alvarez me alcançar, finalizando assim minha participação no torneio dos candidatos em primeiro lugar com 10.5 pontos. Eu enfrentaria Yue Li, a temida chinesa número 1 do mundo que irá defender o título pela quinta vez seguida.

Joguei o terninho sob os ombros e saí transbordando de felicidade. Sou a mais nova candidata ao título mundial. Parei para conversar com outras jogadoras que conhecia e que enfrentava uma vez ou outra em torneios presenciais e online. Logo, saí e Daniel me recebeu com um abraço.

— Parabéns!

— Obrigada — Não contive a alegria. — É hora de descansar. O campeonato é daqui três meses. Tenho mais um antes disso. Preciso resolver algumas coisas em casa.



Apenas um mês para o mundial, eu estava de volta ao palácio de Amalienborg, depois de meus últimos compromissos agendados em várias cidades do país.

Meu irmão cruzava o corredor em sua roupa militar.

— Mamãe quer te ver, disse pra lhe avisar assim que colocasse os pés no jardim do palácio. O que você fez agora Katherine?

— Eu não fiz nada! — Realmente não sabia do que ele estava falando. — Vai ver ela quer apenas saber como foram os eventos e visitas que fiz.

— Eu preciso estar em um evento oficial. Boa sorte.

Segui para a sala da rainha. Os guardas que estavam na porta bateram continência e também respondi fazendo o gesto.

— Senhores.

Um deles bateu na porta.

— Princesa Katherine – anunciou.

A porta foi aberta por Brandon, o chefe de segurança.

— Brandon, como vai?

— Vou muito bem Vossa Alteza.

— Brandon, por favor deixe-nos — disse a monarca, juntando alguns papéis para logo os deixar de lado.

— Vossa Majestade. — Me curvo levemente.

— Sente-se. Queria lhe falar, mas você viajou antes.

— Qual o assunto?

— Katherine, você precisa frear seu passo.

— Não entendi.

— Pessoas não gostaram do que você disse na reunião da preservação do meio ambiente.

— Não gostaram porque eu disse que suas empresas não têm um plano de reciclagem ou um jeito correto de dispensar o lixo? Ou jogando dejetos no mar e acabando com a vida marinha na costa do nosso país? Quem estava com tudo correto me apoiou firmemente — A rainha suspirou e se recostou na cadeira. — Nosso país é um dos mais limpos e eu quero que continue assim.

Eles estão afrouxando, e as novas empresas não estão nem aí, só querem lucrar.

— Estou dizendo que o clima não está bom. Porque não faz uma visita nesses locais, em vez de praticamente insultar todos de uma vez na reunião?

— Eu não insultei ninguém! Apenas falei a verdade. O que estava nos relatórios que *nossos* técnicos fizeram. As multas foram bem aplicadas. E as fabricas interditadas tem 1 mês para apresentar um plano de ação.

— Você fala a verdade na cara, e as vezes não pode. Não dá maneira que você fez. Tudo que cada membro da família faz repercute na própria família e não somente na pessoa. Terá consequências. Você é a mais adorada pessoa e a mais próxima dos cidadãos. Uma das melhores jogadoras de xadrez do mundo; sai e discursa no meio da praça, participa de atos a favor do meio ambiente, joga xadrez com moradores das redondezas, mas você precisa ter cuidado, já fui informada de que está gerando conflitos.

— Meu querido irmãozinho também me falou disso, antes de eu partir para Madrid.

— Pois é.

Bufei.

— Eu não tenho muito no que participar este mês. Estou ocupada com minha preparação.

— Sim. Como sabe. Tivemos que reorganizar a agenda da família toda. Você está livre.

— Claro.

Eu não era livre. Não totalmente. Havia um problema. Maior que qualquer ativismo ou manifestação. Toda vez que pensava no assunto, eu queria chorar.

— Vou estar no meu quarto — Me levantei. — Neste fim de semana estarei na pracinha. Vou jogar algumas partidas com a comunidade e ouvir o que eles têm a dizer. E depois irei intensificar meus treinos. Tenho um pequeno torneio para comparecer antes de viajar para a Alemanha.

— Certo. Estamos conversadas.

— Com licença Majestade.

Precisava continuar estudando minha oponente, revisar partidas e treinar, além de supervisionar a primeira edição do meu próprio campeonato de xadrez que seria logo depois do mundial. Tinha mais uma competição, mas nesta, eu estaria apenas como comentarista convidada e outro de menor expressão que era online com duração de apenas três dias com várias partidas rápidas. Jogar com a elite do xadrez de meu quarto no palácio era reconfortante, porém, nada supera a presença do tabuleiro físico.

De vez em quando eu visitava a praça que fica a poucos quilômetros do palácio. Lá, diariamente pessoas jogavam. É um dos meus lugares favoritos. Podia conversar com o público, não só sobre xadrez. Gostava de estar ao ar livre. A praça era o local perfeito. As visitas sempre animavam a população.

Depois de oito horas de treinos, preparação e estudo, finalmente tive tempo. Passei na praça e joguei duas partidas e conversei um pouco, depois segui com Daniel para o bar onde costumávamos frequentar. Alguns amigos estavam presentes. E quando a questão era momentos de lazer, eu queria os seguranças o mais afastados possível. Às vezes até os “dispensava”. Era desconfortável saber que havia pessoas te vigiando e quanto tentava se divertir.

Os seguranças haviam se dispersado tentando ficar invisíveis aos olhos. Este atualmente era o significado da palavra dispensados, pois eu não poderia realmente me desfazer deles.

Eu sou uma mulher lésbica. Minha família não sabe, ou os seguranças que seguiam praticamente todos os meus passos. E é por isto que não me considero totalmente livre. Posso dizer a todo mundo? Sim, mas eu tenho medo porque primeiro: Eu sou filha da Rainha da

Dinamarca. Uma princesa. Sou uma figura pública. Eu cuido de muitas coisas, mesmo com a carga horária de compromissos diminuída. Não que eu fosse melhor que qualquer outra mulher lésbica por aí, mas posso trazer assuntos indesejáveis para o centro da família, sem falar em outros problemas. O país inteiro tem os olhos sobre nós. Poderia originar um escândalo. Há anos eu tenho tudo ensaiado para contar. Eu terei que fazer isso em algum momento. Decidi que seria depois do campeonato mundial logo antes do meu torneio. Tremia toda só de pensar no dia.

Este é um segredo que venho guardando desde os catorze anos. Apenas uma pessoa tinha conhecimento. Esta pessoa é Ellen. Eu a conheci quando tinha dezesseis em um campeonato em Paris. Nós sempre nos enfrentávamos em partidas online até que nos encontramos frente a frente pela primeira vez. E como toda francesa, ela meio que me seduziu e me fez confessar enquanto bebíamos em um pequeno e sofisticado bar. Naquele tempo eu tinha dezoito e ela vinte. De lá para cá nos tornamos muito amigas e as vezes até mais que isso. Ela foi o meu primeiro beijo, minha primeira transa. A única com quem entreguei o meu corpo.

Depois de alguns *shots*, troquei de cadeira aconchegando-me no fundo do bar, no sofá de couro onde sempre me sentava. Daniel se voltou para outros amigos que cantavam balançando as canecas na mesa.

Na outra ponta do bar, obtive um vislumbre de linda mulher de cabelos dourados quase brancos que levemente tocavam a ponta dos ombros. Ela vestia uma jaqueta preta e calças de couro. Parecia ter não mais que vinte e cinco anos. Ela olhava diretamente nos meus olhos como se eu fosse o prêmio mais alto a ser conquistado. *Uau*. Aquilo era de alguma forma diferente. Não conseguia ver a cor de seus olhos, mas pela combinação da pele e cabelos, tinha quase certeza que aqueles olhos eram verdes. Algo brilhava em seu nariz, um piercing em forma de anel no septo. Achei aquilo muito sexy. Eu nunca a vi por aqui.

Se eu não estivesse no armário eu poderia ir lá agora e conversar com ela, mas...

Desvio o olhar para o celular rapidamente e quando volto a olhar para o local onde a mulher estava encontrei apenas a cadeira vazia.

Estava na hora de voltar para casa, mas Daniel me puxou de volta e desafiou a minha pessoa para uma partida rápida.

Jorgen — o dono do bar, sorriu e retirou o tapete com formato do tabuleiro de xadrez junto com as peças e o relógio e levou até nós. O homem também amava xadrez, um dos motivos de adorar aquele local, além de ser um ótimo bar.

Limpamos a mesa enquanto uma roda de pessoas se fazia a nossa volta.

— Então o que vamos apostar? — perguntou Daniel, com a voz alta e arrastada enquanto organizava as peças.

— Não se faz apostas com um membro da casa real Øster. Sempre sairão perdendo! Lembra de Paris?

— Correr sem camisa pela rua às três da manhã enquanto fazia 6 graus. Meus mamilos congelaram. Não vou esquecer tão cedo, mas hoje será diferente! Se eu ganhar, eu quero dormir numa suíte do castelo por uma semana!

— E quanto a sua esposa?

— Ela virá comigo. Ela vai adorar!

— Certo. Eu... — Eu não sabia o que apostar. Olhei para cima e fui fisgada pela loira platinada de mais cedo. A mulher estava ali, no meio dos outros, também prestando atenção. Ao olhar para mim, a loira repuxou os lábios em um mínimo sorriso, então eu fiz uma aposta comigo mesma em silêncio.

Se eu ganhar eu vou falar com ela.

Todos a ainda esperavam a minha parte da aposta.

— Se eu ganhar, você pagará meus drinks por um mês! – disse, mas ainda com minha aposta silenciosa em mente.

— Apostado. Se der empate jogaremos até que alguém vença. — Apertamos as mãos e eu comecei com e4.

Sete minutos depois eu estava claramente vencendo e ele se lamentou abandonando a partida.

— Jorgen! Me desce um drink! — Todos vibraram.

Me levantei sorrindo procurando pela mulher loira, mas ela havia desaparecido novamente.

3

Calena Fantazi

Copenhague, Dinamarca.

Eu não acreditava em destino, somente em o que os meus olhos viam. E no momento, eles estavam trancados no da princesa, mas foi somente por um momento.

É claro que não iria matar a Princesa da Dinamarca, aquilo era maluquice, como o próprio Kurochev disse. E nem por todo dinheiro do mundo, ainda mais com uma bela figura daquela. Mas a minha curiosidade venceu. Queria descobrir por que a mulher tinha um alvo nas costas.

Peguei um avião e estava ali. Eu queria ter pelo menos um vislumbre dela. Por isso fiquei plantada na praça onde ela visitava, mas ela não apareceu. É claro que não. Era difícil acertar o dia. Ela fazia visitas surpresas, mas não custava tentar.

Então, um dia depois, no início da noite entrei no bar onde ela também visitava.

Havia acabado de me sentar em um banquinho próximo ao balcão. Pedi uma bebida. Um grupo comemorava algo e alguém gritou: *Cadê Katherine?*

Automaticamente procurei o homem que havia chamado aquele nome e o vi erguendo um grande copo de cerveja para uma pessoa no fundo do bar. A figura da princesa sentada no sofá em uma área reservada com o celular numa mão e um copo de bebida na outra, sorriu e voltou a mexer no aparelho, mas como eu lhe chamasse, a mulher levantou a cabeça e trocamos um único olhar, ali, por alguns segundos até ela desviar para tela do dispositivo novamente.

A princesa estava rodeada de seguranças que não exatamente se misturavam as pessoas, pois estavam vestidos com terno negros. Eles mantinham uma certa distância, o que era esquisito, mas não tiravam os olhos dela e de seu arredor por um segundo. Eram apenas três. Achei pouco para a filha da rainha.

Bebi o restante do líquido, deixei o dinheiro embaixo do copo e saí, mas minha atenção foi chamada novamente por uma gritaria alegre. A princesa agora falava com o homem de meia idade enquanto arrumavam peças de xadrez no tabuleiro. Pessoas se juntavam ao redor e eu aproveitei a chance para me aproximar sem chamar a atenção dos homens de preto. Se algum assassino quisesse, poderia matá-la ali, mas assassinar o alvo e ser preso nunca é o objetivo, pois não desfrutaria do valor que era esperado receber.

Observei como uma turista apreciando algum show. E que show, porque aquela mulher era maravilhosamente linda. Nem havia pesquisado a fundo a vida dela, apenas locais que ela costumava aparecer.

O seu cabelo castanho estava um pouco mais cumprido do que a foto na ficha. A camisa formal de mangas cumpridas com saia rendada chegando até o meio das panturrilhas combinavam perfeitamente. Um fino colar brilhava em seu pescoço.

Antes da partida terminar retirei-me de fininho para o hotel onde estava hospedada.

Logo pela manhã fiquei por horas vendo vídeos da mulher entre entrevistas, discursos, matérias sobre a família real e dela jogando xadrez.

A jovem era séria quando jogava, somente o tabuleiro existia e nada mais. Uma coisa que chamava a atenção eram as reações. Ela fazia umas caretas engraçadas, mordia a bochecha, olhava para o alto piscando para o teto, para os lados... perdida em sua mente, provavelmente

calculando jogadas.

Duas semanas se foram e eu não a vi mais. Pensei ter matado a minha curiosidade naquele bar, mas eu acordava e via sua ficha na cabeceira da cama então a vontade de estar em sua presença surgia. Afinal ela era uma princesa.

Eu nunca falei com uma princesa.

Katherine da Dinamarca era uma figura muito interessante.

Não descobri ainda o porquê de alguém querer aquela linda mulher morta. Não conseguia enxergá-la fazendo mal a ninguém.

Enquanto eu acompanhava a princesa nos vídeos do YouTube, o nome de Kurochev brilhou no visor celular.

— *O que voc*ê quer? — exaspero.

— Onde você está?

— Na Dinamarca, por quê?

— *Calena. Não faça nada de estúpido. Você não irá passar por cima da-*

— *Eu já disse que não vou fazer nada, só vim observar. Agora me deixe em paz.* — Desliguei.

Me tornei uma cliente assídua do bar do homem chamado Jorgen. Eles tinham minha vodca preferida, algo raro fora da Rússia. Aquele sim era um bar de respeito. Aparecia por lá quase todos os dias procurando pela princesa. Ali e na praça de xadrez eram os dois lugares onde ela aparecia com mais frequência. Sentava-me, bebia, fazia hora e ia embora. Deveria estar nas Maldivas numa rede em frente a uma praia de águas cristalinas, mas estava ali porque não conseguia parar de pensar naquela princesa.

Nunca coloquei minha vida em risco por ninguém, e aquele sentimento de ir embora sabendo que a jovem estava em risco me deixa nervosa, mas *por quê*? *Por que eu não compro minha passagem e vou embora*? A princesa tinha uma segurança forte, mas estávamos falando de assassinos letais treinados para o objetivo de matar o mais rápido possível e sem deixar rastros. Não tinha muito o que fazer, poderia avisar então trancariam a menina no castelo e colocariam um exército na porta até resolverem o problema.

Eu tenho os meus próprios métodos.

Poderia adiar as férias por um tempo.

Era um sábado à noite e eu estava entediada.

Vestida com uma calça de couro bem colada nas pernas, uma jaqueta negra com um leão costurado nas costas, e botas negras de salto baixo, entrei seguindo diretamente para o balcão. Apoio os pês no aço do banquinho e observo. O local estava lotado.

— Vodca — pedi. O homem já sabia qual.

Uma bela mulher de cabelos pretos e encaracolados se sentou ao meu lado e também pediu uma bebida ela se virou para mim e sorriu.

Há tempos eu não dou uns pegas em alguém. O banheiro daqui é pequeno, mas é limpo. Serve.

Devolvo o sorriso olhando-a e lambi meu lábio inferior para deixar claro o meu interesse, ela recebeu o seu copo e quando abri a boca para começar uma conversa, um grande movimento na entrada desviou totalmente a minha atenção da morena na minha frente. Dois Homens de cara fechada e terno entraram e percorreram o local minuciosamente com o olhar. Eu os conheci na mesma hora. Katherine adentrou logo em seguida com outro homem de terno atrás. Dezessete dias depois de tê-la visto naquele mesmo bar. Estava elegante vestindo um longo vestido azul marinho colado ao corpo, terminando abaixo dos joelhos.

Nossos olhos se encontraram novamente. Desta vez, a jovem nobre sorriu para mim e veio em

direção ao balcão.

Ela está vindo para cá.

Congelo por um momento.

Algumas pessoas rodearam a jovem e expressaram os devidos cumprimentos à princesa daquele país. E para o meu maior espanto, Katherine se sentou ao meu lado e pediu uma bebida.

— Hey. — disse ela, para a mim.

Foi impossível não examinar a mulher de cima à baixo.

— Hey...

Ela começou a falar enrolado e a eu não entendi nada, mas era uma voz tão gostosa de ouvir... e ela cheirava bem.

Além de russo que é a minha língua nativa, sou fluente em inglês, francês e um pouco de Mandarim. Não tinha a mínima ideia de como se formava qualquer palavra em dinamarquês.

Ela percebeu minha confusão.

— Fala Inglês?

— Sim. — Confirmo.

O dono do bar colocou algumas garrafas embaladas em cima do balcão junto com um drink.

— Obrigado Jorgen. Seu sotaque é bem puxado, de onde é?

Ela percebeu só por um simples 'sim' que eu disse?

— Eu sou da Rússia.

— Uau! Nunca visitei. É verdade que só tem mulher bonita lá? Desculpe nem me apresentei, que falta de educação. Meu nome é Katherine. Katherine Øster.

— Você é a princesa? — pergunto fingindo surpresa.

— Sim. Não gosto muito de me apresentar com meu título.

— Isso explica os seguranças e a comoção. — Estendi a mão. — Calena Fantazi — *ex-assassina de aluguel*, a frase me passou pela cabeça. Um dos seguranças esticou o pescoço dando uma rápida olhadela para nós.

Será que era proibido tocar nela?

Katherine apertou de leve minha mão, o calor de seu toque... tão macio...

— Nome legal. O que faz no meu querido país Calena? Turismo?

— É mais dor na consciência, mas pode ser dizer que sim — A princesa pareceu não entender e emendei antes que fizesse outra pergunta. — Então Sua Alteza Real. O que faz além de ser uma linda princesa?

Katherine corou no segundo seguinte e sorriu.

— Sou Grande Mestre em xadrez ou GM para facilitar. Jogo profissionalmente. Estou para disputar o mundial daqui a algumas semanas. Faço trabalhos humanitários e defendo o meio ambiente, além de coisas da realeza que não são relevantes para essa conversa.

— Parabéns. Vários deveres. Vida corrida a sua.

— Esses dias não tive tempo para nada, nem para usufruir dos meus drinks grátis, então farei agora. Jorgen mande mais dois do mesmo aqui. — O homem acenou com a cabeça. E a princesa se virou. — Então me diga Calena, o que você faz, ou fazia antes de chegar aqui?

Matava gente por dinheiro.

— Trabalhava na empresa de meu pai. Gestão humana. Agora estou à procura de novos desafios. E eu tenho que dizer que uma princesa num bar bebendo é bem estranho. Isso tudo é para você? Não pega mal?

— Não é qualquer bar. É o bar do Jorgen! O melhor de Copenhague! — A mulher levantou o copo e brindou ao velho que servia bebidas a outros do outro lado do balcão. — E sim, é tudo

para mim. Eu não sou alcoólatra se é o que está pensando. Essas três garrafas vão durar uns quatro meses. Se meu irmão não as roubar de mim. Eu aprecio um bom whisky.

Então ela vem comprar suas bebidas pessoalmente.

Eu tinha que concordar, o local era muito bom. Estive ali quase todos os dias.

— Às vezes eu dou uma escapada nas regras — continuou a princesa. — Eu sou uma pessoa mais pública que minha mãe, eu tenho mais contato com o povo.

— Diga-me uma regra totalmente estranha que vocês precisam seguir — Beberiquei do meu copo, curiosa.

Eu não tenho ideia do porquê ela está conversando comigo, mas estou gostando.

— Não tem nada de estranho só são chatas mesmo. Por exemplo, eu não posso usar roupas reveladoras tipo shorts ou calças muito apertadas; dar autógrafos também não posso. É uma regra para evitar falsificação de assinaturas, mas eu preciso assinar os documentos antes e depois de cada partida, então uso um personalizado somente para este fim, e com isso eu espalho alguns autógrafos por aí.

— A princesa gosta de quebrar algumas regras.

Katherine escondeu a boca e cochichou baixinho.

— Não conte para a Rainha. — Compartilhamos uma risada. *A quanto tempo eu não ria assim?*

A princesa não pediu mais bebidas. A jovem era uma boneca, muito mais linda de perto. A atenção que ela me dava era muito reconfortante, como só eu existisse no meio daquele bar. Eu não soube por que diabos eu disse meu verdadeiro nome. Somente Kurochev e família, além de Aleksandr sabia minha identidade. Eu usava vários documentos falsos para transitar pelo mundo.

Caso pesquisassem o nome iriam encontrar Eveline Andreeva, secretaria executiva. A princesa não teria tempo de ficar fazendo pesquisas sobre pessoas aleatórias, ela tinha alguém para isto. Resolvi encerrar o assunto em minha cabeça.

A nobre mulher se levantou colocando a fina corda da bolsinha nos ombros e pegando a sacola com as garrafas.

— Tenho que ir. Agenda cheia amanhã.

— Ah que pena... quer dizer, que bom. Não sei... — Minha cabeça deu um nó.

Katherine sorriu gentilmente.

— Vim apenas pegar algumas garrafas, mas acabei ficando. Foi bom conversar com você Calena, quem sabe nos encontramos de novo.

— Nós iremos — respondi.

-- Hm. Confiante. Gostei. — A mulher expandiu o sorriso. — Até mais.

— Até, *princesa.*

Katherine, três seguranças e o cara do bar que se Chamava Daniel, que descobri ser amigo e técnico dela, saíram pelo portão de desembarque no aeroporto de Berlin. A nobre vestia uma grossa blusa de frio aberta mostrando uma blusa branca, calças jeans folgadas e salto alto completando o look.

Também de blusa de frio, mas um pouco mais desleixada, acompanhei seus passos parcialmente escondida por um boné. Depois de uma inspeção, eles entraram em um SUV e seguiram para o que deduzia ser o hotel.

Depois de saber onde eles ficariam, aluguei um quarto no prédio em frente.

Sentada em uma cadeira, coloco a mala no chão e pego a pistola para limpá-la. Vi quando um segurança abriu a janela e olhou para fora e logo fechou. A própria princesa da Dinamarca abriu a cortina novamente. O quarto dela era um andar abaixo do meu.

4

Katherine Øster

Berlim, Alemanha.
Campeonato Mundial de Xadrez 2025

Depois de uma curta viagem, chegamos ao hotel em que um dos meus patrocinadores havia reservado. Matt, Rob fizeram sua inspeção padrão nos cômodos antes de me deixarem entrar.

O primeiro dia foi de folga; o segundo dia foi de conferência, fotos e um tour pelo local que já estava preparado para receber o evento. O salão estava impecável e com uma foto gigante minha e de Yue Li na parede.

No último dia antes do primeiro jogo, dediquei ao treino junto a Daniel revendo algumas aberturas.

O grande dia havia chegado. No centro de eventos fui surpreendida por dezenas de pessoas que esperavam na entrada pedindo por um pouco de atenção com celulares, marcadores, tabuleiros de Xadrez e fotos minhas e de Yue Li em mãos. Atendo-os rapidamente espalhando alguns autógrafos e uma foto em grupo.

Eu tenho um carinho particularmente especial com as meninas. O mundo do xadrez é dominado por jogadores masculinos, tendo mais importância e visualizações. E eu pretendia não mudar, mas alcançar o mesmo patamar. Ser um membro da realeza já ajudava bastante, mas não era suficiente. Queria impulsionar o xadrez feminino e o primeiro grande passo é o meu torneio.

Recebi flores e agrados inclusive do prefeito de Berlin e outras personalidades. Continuei o meu caminho e me encontrei com Ellen. Ela também me ajudou na preparação. Jogamos centenas de jogos online. Ela estava ali para cobrir o campeonato e seria uma das comentadoras convidadas.

— Boa sorte! – disse ela, saindo da sala. Faltavam onze minutos para a partida. Coloco meus fones de ouvido e danço ao som da música num cantinho reservado. Este era um modo meu de relaxar e concentrar.

O local estava movimentado com pessoas transitando de um lado para o outro. Yue Li já esperava sentada, olhando distraidamente para a estrutura de vidro que separava à mesa do tabuleiro e as cadeiras dos convidados. Daniel deu batidinhas no meu ombro. Respirei fundo e movi o corpo.

Cumprimento Yue Li, que exibiu um mínimo sorriso. A atenção dos convidados estava agora sobre nós. Esperamos até o árbitro checar se tudo estava ok, então Yue iniciou o relógio. Eu jogava de brancas. Meu plano era jogar a abertura Ruy Lopez, então abri a partida com e4. Yue respondeu com e5. Movi o cavalo para f3. Ela respondeu com cavalo c6 e desenvolvi meu bispo para b5.

Desenvolvi minhas peças e depois que a abertura estava pronta pus-me a pensar de modo mais abrangente.

Com uma olhadela para o relógio me restavam com quarenta minutos, enquanto Yue Li tinha uma hora e dez no relógio. A chinesa era rápida. A partida estava equilibrada, mas tudo parecia parar em um empate. Eu anotei a jogada dela na minha folha e fiz meu movimento e ofereci o

empate. A chinesa concordou. Chamamos o árbitro e a primeira partida de catorze terminou. Meio ponto para cada.

Conversamos brevemente sobre a partida e as jogadas. A Chinesa falava um inglês picado, mas eu entendia totalmente. Havia jogado contra ela por diversas vezes em alguns campeonatos.

Após a entrevista, Ellen se juntou nós. Fomos para o hotel no SUV alugado.

Com Daniel e Ellen, analisamos o jogo e a conclusão foi de que eu fui muito bem. Yue tinha boas estratégias e reagia rápido enquanto eu demandava um pouco mais de tempo.

Depois do jantar, dormi cedo para descansar a mente. Teria um dia de folga e no próximo mais um jogo me esperava.

Seria um longo mês.

5

Calena Fantazi

Depois de uma pesquisa, seria difícil se infiltrar no local. Era um lugar pequeno e grande ao mesmo tempo. Um salão que ficava no térreo de um hotel chique. Tinha um esquema de segurança reforçado e todos usavam crachás com fotos e códigos de barras. Não poderia arriscar, então iria acompanhar a entrada e saída de Katherine no local do evento.

No recanto do meu quarto, acompanhava pelo Youtube o embate entre as duas mulheres. Fiquei surpresa por tanta gente ter interesse em xadrez. Cem mil pessoas assistiam a transmissão, batendo alguns recordes de acordo com os comentaristas. No momento, a câmera focava no rosto de Katherine. Era o primeiro jogo de catorze. Vitória valia um ponto, empate meio ponto. Sete pontos e meio era o número a ser alcançado para se sagrar campeã, mas se no final dos catorze jogos o placar estivesse empatado, tinha o *tie break* com 4 partidas rápidas.

A princesa fez uma jogada, anotou e se levantou pegando sua garrafa d'água deixando a outra jogadora sozinha olhando para o tabuleiro. Isso acontecia as vezes. Talvez precisem descansar os olhos já que elas quase não piscavam olhando para o tabuleiro, ou esticar as pernas.

Depois de pouco tempo, a chinesa fez sua jogada, anotou no papel e também se levantou. A câmera focou no tabuleiro abandonado e nas posições das peças ali.

Achei engraçado. Até os comentadores brincaram com a situação pois as duas ficaram ausentes por mais de três minutos. Havia uma câmera na sala onde elas se dirigiram. Katherine estava sentada olhando para uma tela e a sua oponente comia uma barrinha de cereais também olhando para uma tela. Katherine se levantou e voltou ao tabuleiro.

Jogadas e jogadas, idas e vindas. As mulheres estavam jogando há mais de quatro horas. As jogadoras pareciam entediadas olhando para o tabuleiro.

Algum tempo depois, a face cansada tomou o lugar da entediada e agora parecia que as duas mulheres estavam com enxaqueca. O jogo estava equilibrado e ninguém conseguia uma vantagem de acordo com o comentarista. Eu não sabia que a partida poderia durar tanto assim.

E o jogo terminou em empate.

E eu fiquei inconformada.

— Empate? 4 horas pra isso?! — Levanto-me agora indignada e observo pela janela. Três minutos depois a princesa chega ao hotel.

As transmissões eram atrasadas em meia hora como medida de segurança. Desta vez a cortina não foi aberta.

Eram dez da manhã. Tudo que fiz nesses cinco dias foi observar as saídas e entradas da princesa no evento e no hotel e ficar sentada na frente da tv acompanhando os jogos.

Porque eu vim para cá? Porque essa mulher mexe comigo assim?

Que ridículo Calena.

Eu não sabia mais o que estava fazendo. Entrar pela porta da frente era complicado e não podia simplesmente abordar a mulher e lhe dizer que ela seria uma possível vítima de

assassinato. Além de ser extremamente bonita, e superinteligente, não entendia o porquê de estar tão fascinada naquela humana.

Mais um jogo e lá estava ela olhando diretamente para a câmera. O operador focou e seu rosto dando um lento zoom. De rosto sério, parecia preocupada. O olhar perfurava a lente e a própria tela da tv, lançando sensações pelo meu corpo.

— Merda.

Estava claro agora. Faria de tudo para que proteger Katherine, mesmo não sabendo se alguém aceitaria fazer aquele trabalho. Esta é minha nova missão.



O nono jogo já tinha uma duração de três horas. A princesa voltou, anotou a jogada de sua oponente e se concentrou no jogo. A jovem demorou doze minutos para movimentar uma peça.

Comentaristas

Kevin: *f6? É uma derrota forçada!*

Ellen: *O que Katherine estava calculando? Esse movimento lhe faz perder a partida!*

Ellen: *Yue responde instantaneamente tomando o peão com o bispo e ameaçando a torre em d8. Katherine acaba de cair em si. Ela até virou o rosto. Não há o que fazer será mate em cinco. Aí está, fim de jogo. Katherine abandona a partida. Yue Li com uma grande vitória!*

Kevin: *Estava indo bem. Que erro grotesco e estranho. Uma vez ou outra ela comete erros infantis como este. Foi assim ano passado no Tata Steel e hoje novamente. Yue Li está na frente. 5.5 a 4!*

— Oh, ela está brava.

Katherine reclamava consigo mesma ao caminhar balançando a cabeça negativamente como se não acreditasse no que havia feito.

Estava enrolando demais tinha que agir. Sendo assim, desligo a tv e começo a bolar um plano.

6

Katherine Øster

Ao anoitecer, dispensei os seguranças, não queria ninguém me vigiando, nem uma olhadela sequer. Desço até o bar e para tomar um drink e ar fresco na varanda enquanto olhava a noite iluminada pelas luzes dos prédios.

Depois de perder aquele jogo por estupidez, consegui dar a volta por cima ganhando o jogo 10, e 11, tomando mais uma vez a liderança no placar.

Eram quase onze da noite quando voltei ao quarto. Os seguranças estavam em posição no corredor, tão silenciosos e imóveis como uma pedra.

A bebida circulava por minhas veias deixando o corpo com uma sensação leve de embriaguez. Abro a porta e fecho às minhas costas. Ligo a luz e tomo um susto quando vejo uma mulher loira sentada na poltrona próximo a janela. Os olhos verdes delineados por uma maquiagem preta. Conheci aquele rosto na mesma hora. Calena, a mulher do bar.

— Boa noite, princesa.

— O que faz no meu quarto?

Os seguranças não disseram nada.

— Precisamos ter uma conversa. — A mulher se mexeu e pude ver uma pistola uma com um silenciador parcialmente escondida por sua jaqueta de couro negro.

Arregalei os olhos e dei um passo para trás.

— Vou chamar a segurança — disse gaguejando e olhando para a arma e depois para rosto da mulher.

— Eu não lhe aconselho a fazer isso. Eu invadi o seu quarto de hotel no meio da noite com uma pistola com silenciador e você não tem ideia do porquê?

— Não.

— Veja, isso se tornou complicado. Por que você é tão bonita? — suspirou, colocando as mãos nos joelhos. Eu fiquei ainda mais perplexa e sem palavras. — Estou aqui para te alertar sobre uma ameaça.

Ameaça? Que eu saiba a ameaça está aqui na minha frente.

Meu estomago revirou. Eu iria gritar e correr, já estava preparada, mas não o fiz eu poderia pôr todo mundo em risco.

— E que ameaça é essa? — pergunto, com o corpo rígido.

— Alguém lhe quer morta e eu não sei quem é. — Ela me jogou um envelope. Eu o abri e ali tinham fotos minhas e algumas informações. Todas estavam corretas. — Recebi isto de uma fonte. Você está marcada e tenho certeza que algum lunático irá tentar fazer o trabalho.

Eu? Morta? Quem?

— Como você sabe de tudo isso?

— Porque eu matava pessoas por dinheiro e sua ficha acabou por cair em minhas mãos. Não sou mais uma assassina. Abandonei aquela vida. E eu estou aqui porque sou curiosa de mais. — Calena cruzou as pernas. — Fiz nada o dia todo e ainda sim estou cansada, não estou acostumada a ficar parada. Vou passar as noites aqui. Esse quarto é ótimo. Aja normalmente e não tente cortar minha garganta durante a noite. Diga a seus seguranças que sou uma amiga. Pode se aproximar, eu não mordo, a não ser que você queira. Minha ideia é lhe proteger. Você é uma

princesa legítima e uma mulher inocente até onde sei. Algum segredo que eu deva saber?

— Eu tenho seguranças para isto, uma agência federal, polícia e até um exército inteiro se eu quiser. Meus segredos não são da sua conta.

Pequenas batidas na porta.

— *Sua Alteza?* — Era Rob.

Agora era minha chance. Calena olhou para mim e fez sinal negativo com a cabeça. Não soube se era o leve efeito do álcool, mas dei a primeira desculpa que veio à mente.

— Só estou cantando! — gritei de volta, sem tirar os olhos da loira.

Alguém me queria morta. Por quê? Eu sempre fiz o bem a todos. Não conseguia imaginar. Sou Katherine da Dinamarca! Uma das pessoas mais importantes do meu país. ninguém ousaria cometer tal ato. Tem um exército à minha disposição prontos para servir, agentes da Inteligência... Como não haviam descoberto?

Ou talvez aquilo tudo não passava de conversa fiada. Não soube no que acreditar.

Um telefone tocou, a mulher se levantou atendendo rapidamente.

Uma faca está em cima da mesa com restos de bolo que havia comido antes de descer. Surrupiei o item enquanto a mulher ainda falava ao telefone. Eu tenho treinamento militar e podia muito bem deixá-la em picadinho.

Avancei. A faca estava encostada no pescoço pálido dela, que levantou a cabeça. Cruzamos os olhares. Os olhos dela eram como grama recém regada.

— O que me impede de te matar aqui e agora? — Apertei a faca em seu pescoço.

— Obrigada — disse ela ao telefone, e desligou, não tirando os olhos dos meus.

Então a russa, se é que ela era realmente russa, calma como um óleo derramado, disse:

— Vamos lá princesa, você não faz mal a ninguém. Não é uma assassina. Este era meu antigo trabalho. Estou tentando lhe ajudar — Calena quase colou o corpo no meu, mantive a faca firme em seu pescoço branco e cheio de veias. Ela baixou o rosto quase colando o seu nariz no meu e eu fiquei estática. Prendo a respiração ficando surpresa por deixar aquele ser chegar tão perto.

— Você é cheirosa — Calena fungou explicitamente meu pescoço — Rosas. Bom. Vamos lá, primeiro: você não tem coragem — sussurrou próximo minha boca. Minhas mãos começavam a tremer — Está em dúvida. Chamaria os seguranças, ou sairia correndo; segundo: a sua sobrevivência. Você acha que se eu realmente quisesse te matar você já não estaria morta? Sua guarda iria te encontrar caída neste belo quarto com dois buracos no peito e eu estaria nas Maldivas pegando um sol.

Não movi a faca nenhum centímetro.

— Qual é o seu nome? De onde vem? Pra quem trabalha?

— Você já tem as duas primeiras respostas. Eu trabalhava para uma agência comandada pelo meu pai adotivo.

— Acha que que vou acreditar que seu nome é Calena Fantazi? Isso nem russo é!

— É a mais pura verdade. Que eu me lembre, você gostou muito do meu nome. Uso várias identidades, mas me apresentei a você com meu verdadeiro nome. Ainda não sei por que fiz. Acho que fiquei hipnotizada por você, ou sei lá.

Essa mulher está flertando numa situação dessas? Ela só pode ser louca. Estou quase acreditando que ela é somente uma fã maluca.

— Não confio em você.

— Pode pegar minha arma se quiser. Sei que sabe manejar uma. Vou levantar minhas mãos bem devagar...

Calena levantou os braços em forma de rendição. Não ousei me distrair por nenhum segundo.

Tirei sua arma do coldre e a enfio entre minha cintura e roupa. Examinei o resto de seu corpo para ver se escondia outra. Achei algumas facas coloridas e bem afiadas e dois carregadores reservas. Retirei a faca de seu pescoço, trazendo comigo as armas brancas, e os carregadores, mas continuei apontando a faca do bolo para ela. Calena não se movia e ainda emitia um sorrisinho.

Peguei a arma e conferi. Estava destravada e carregada.

— Confia em mim agora?

— Não.

Calena bufou.

Em um movimento rápido a loira agarrou meu pulso e o torceu, eu iria atirar nela, mas não consegui. Gemi de dor. Usando o treinamento em várias artes de luta, giro e tento acertar a barriga da mulher com uma joelhada, mas o efeito do álcool me fez cambalear. Caímos no sofá da sala com Calena por cima segurando meus pulsos acima da cabeça e com a outra mão na minha boca. Meus gritos saiam abafados.

— Shhh.... Olha princesa, eu adoraria ficar nesta posição, mas preferiria tirar minhas botas primeiro. Caramba eu não consigo superar o seu cheiro.

Tentei empurrá-la, chutá-la, mas em vão

— Sai de cima de mim! — rugi contra a palma de sua mão.

— Não faça escândalo. Eu quero deixar você a par das coisas, mas está me dificultando. Percebi que você estava a meio passo de fazer uma besteira. Se você chamar os seguranças eu não tentarei nada, mas sua vida ficará em risco. Vou soltá-la e deixarei minhas coisas com você. Por favor me escute e não atire em mim. Eu lhe peço. — A russa recuou devagar.

— Desde quando você vem me espionando? — Me pus de pé com a arma apontada para ela.

— Um pouco antes de nossa conversa no bar. — Minhas mãos tremiam ainda mais. Eu começava a ficar ofegante. — Calma princesa, sou amiga. Tenho um remédio para esse seu nervosismo. Irá te deixar calminha — piscou. — A confiança aqui precisa ter duas vias. Eu não vou lhe fazer mal. Ainda temos tempo. Acho que dá até pra você terminar seu campeonato.

— Você me espiou durante um mês inteiro?

— Admito que não consegui quase nada neste tempo. Olha só, provavelmente outra pessoa virá. Assassinos altamente treinados podem acabar com sua vida a trezentos metros de distância apenas com o apertar de um gatilho. Nenhum exército ou seguranças poderá pará-lo.

— E você pode? — perguntou com desdém.

— Sim, eu posso.

— Como?

— Primeiro teremos que por você em segurança. Irá voltar para Dinamarca. Acharei quem encomendou o serviço e irei matá-lo.

— Não serei cumplice de assassinato!

— Ninguém aqui disse tal coisa. Você vai ficar de boa e eu vou lá e resolvo. Simples.

— E como exatamente você irá fazer isso?

— Já tenho a informação de que o mediador se chama Niels. Obtive esta informação agorinha, antes de você colocar a faca na minha garganta. Conhece ele?

— Não.

— Que coisa. Para alguém querer assassinar uma pessoa, está pessoa deve ter feito uma coisa muito ruim. Tem certeza de que você não fez nada?

— Eu não fiz nada.

— Certo. Encontrando-o, encontro o mandante. Você não tem nenhum inimigo que queira

fazer algo assim?

— Já disse, *eu não sei*.

— Quem fez o contrato procurará outra pessoa. Não vão agir de imediato, porque será difícil alguém aceitar esse tipo de contrato, você é um alvo muito complexo. Tentar algo contra você é literalmente perder a vida, mas há muitos loucos por aí que só veem dinheiro na frente deles. Afinal de contas são cinco milhões de do-

— Cinco milhões?! — Quase gritei.

— Sim. Temos algum tempo, então você tem duas escolhas: ficar aqui e jogar arriscando sua vida, a de seus seguranças e amigo, ou voltar agora para Dinamarca e se trancar no palácio até eu resolver o assunto.

Sacudi a cabeça ainda sem acreditar.

— Quanto tempo você acha-

— Não sei. Pode ser hoje, amanhã ou mês que vem.

— Eu irei ficar. — Por mais que aterrorizante aquilo seja, eu lutei minha vida inteira para chegar até aqui. *Eu estou tão perto*... tenho seguranças, e tem essa mulher aí que eu ainda não confio. Isso tudo pode ser uma fraude. Talvez fosse só uma *stalker*. Preciso comunicar a inteligência dinamarquesa.

— Preciso entrar em contato com meu país.

— Não, nada disso. Ninguém pode ficar sabendo da existência dessa ameaça a não ser você e eu. Seremos vistas juntas e após eu ter terminado, podem relacionar a minha pessoa a você caso eu cometa algum deslize, o que é difícil de acontecer, porque eu não cometo falhas, mas só por precaução. Irei pesquisar esse homem e conseguir informações de alguns contatos e quando estiver pronta você volta para seu país e eu sigo meu caminho, então é bom você ganhar seu próximo jogo.



Ela me contou tudo e preciso dizer, ou era ela insanamente louca inventando aquilo tudo ou a coisa era mesmo muito séria, mesmo assim eu não ousava piscar lento demais. Tinha uma mulher estrangeira e armada em meu quarto de hotel. Bem eu estava com todas as suas armas agora e ela parecia não se importar. Pensava em todas as maneiras de se livrar daquela situação. Era só eu chamar a segurança e pronto, mas duas horas havia se passado e eu não fiz nada a não ser não desgrudar meus olhos daquela mulher.

A única certeza da humanidade é que a morte sempre vinha, mas eu não queria morrer cedo. Eu realmente não sei o que eu fiz para alguém querer atentar contra minha vida. Talvez nem seja minha culpa. Mamãe mesmo disse que as atitudes de um membro da família refletem em todos. Será que alguém fez alguma besteira? Sempre tem aqueles que não gostam da realeza, mas *assassinato*?

O sensato para me salvar daquela situação seria enxotar aquela mulher dali comunicar a agência de inteligência, abandonar o campeonato e voltar ao país e ficar trancada no palácio até ter alguma atualização. Isso tudo sem alertar a população ou o caos correria solto, sem falar nas reações da família.

Mas não.

Mamãe sempre me diz que sou teimosa. A rainha estava certa. Estou cheia de medo misturado a uma grama de coragem, se é que podia sentir as duas coisas ao mesmo tempo. Eu queria ficar, jogar e vencer o campeonato, mesmo que eu passasse a noite com aquela mulher ali no meu

quarto.

E tinha Daniel. O que eu falaria a ele? Sua vida pode estar risco. Teria que mandá-lo embora.

— Estou com fome. — A mulher estava próxima e eu não havia percebido. Ela havia tirado o casaco e expondo uma blusa preta similar a um traje de mergulho, porém sem mangas, que contornava todas suas curvas se ajustando ao corpo magro. Nele tinha alças onde as armas dela estavam acopladas.

Peço serviço de quarto. Eu também tinha fome.

A comida veio. Os seguranças ainda em seus postos não sabiam de nada. Eu ainda estava dividida entre pedir ajuda ou não.

Comendo devagar, vi a russa devorar um prato de comida sem ligar para a etiqueta.

Estava ficando tarde demais, precisava me decidir.

— Vou dormir, você vem?

Como assim, 'vou dormir você vem?'

Ela entrou no quarto.

O que eu estou fazendo? Ponha ela para fora!

— Essa cama é a melhor coisa em meses. Lado esquerdo ou lado direito? — Perguntou ela no outro cômodo.

Quando olho para dentro do quarto, lá estava Calena, engatinhando de quatro pelada em cima da cama. Não havia uma única pinta em sua pele branca.

— Woouu! Por que você está sem roupa? — Perguntei automaticamente, tapando os olhos.

— Eu durmo assim. Então qual vai ser? Direito ou esquerdo?

Eu não acredito nisso.

— Direito — respondo baixando a mão e decidindo de uma vez por todas seguir com a ideia daquela mulher. Ela não havia se coberto e me observava com um sorriso travesso.

Percebi que ainda tinha a pistola dela em minha outra mão. O que eu iria fazer? Não conseguiria ficar acordada a noite toda. Entro no banheiro, tirou carregador e a bala na agulha, tiro também as balas do carregador e jogo tudo no vaso. Tomara que não entupa ou eu estarei ferrada.

Mais do que já aparentou estar.

Coloco a arma dentro do meu vestido junto com as facas.

— Ainda não acredita em mim, não é? — Pergunta ela, quando saio do banheiro. Não respondo a sua pergunta. Deito-me sem tirar o vestido e deixo um longo suspiro sair.

— Cinco milhões e você escolhe me proteger.

— Eu não aceitaria o trabalho mesmo. Você está viva até agora, não está? Olha eu sei que que é difícil acreditar em mim. Eu não sou uma fã louca inventando uma história. Isso é muito sério. Seu país não sabe disso ainda pois as coisas são muito bem-feitas e na surdina. Conheço pessoas e seus modos. Fiz parte desse mundo e lhe digo: essas pessoas não desistem fácil, são perigosas. E cinco milhões... bem, as coisas são baseadas em contrato e minha agência recusou e se aceitasse, não seria eu a fazer. Eu estou fora dessa vida de assassina de aluguel. Quero algo que me dê orgulho na vida.

Após minutos de silêncio, este foi quebrado.

— Cinco milhões... pff. Acho pouco.

Calena soltou uma breve e gostosa gargalhada.

— Iremos seguir com sua agenda amanhã. Assim que eu tiver mais informações eu lhe atualizo.

— Por que está fazendo isso por mim?

— Porque eu gosto de você princesa.



Rolei na cama. Não havia ninguém do meu lado. Por um momento penso que o dia de ontem foi somente um sonho maluco e cheguei a rir, mas o sorriso acabou no momento que vi a jaqueta pendurada e um par de botas jogados à beira da cama junto com o resto das roupas dela.

Toquei minha saia e gelei. *Cadê a arma? Ela pegou? Mas estava dentro da minha calcinha!*

São oito da manhã, alguns minutos e eu estaria atrasada. Não ouvi o alarme tocar. Bocejando e aflita, me levanto. Alguém bateu na porta. Passo a mão na minha roupa para ajeitá-la e sigo para a sala na ponta dos pés.

No outro cômodo, Calena com seus belos cabelos quase platinados estava com arma escondida às costas e estava carregada. *Como?*

Ela vestia uma das minhas blusas favoritas. Estava com as pernas e bunda de fora. As belas curvas estavam emolduradas por uma calcinha preta pequena. Ela lentamente abriu uma fresta na porta.

— Olá — disse Calena, com uma voz suave.

— Oi. Desculpe, quem é você?

Oh merda! Daniel!

— Calena.

— Katherine se encontra?

— Oi! Estou aqui. Espere um minuto! — Chego por trás de Calena fechando a porta na cara de Daniel.

— *Vai botar uma roupa!* — chio de modo que somente ela ouvisse. — E como você conseguiu um-

— Bom dia Vossa Alteza. Como está bonita nesta manhã. Mesmo vestindo as roupas de ontem. — Calena descaradamente cheirou meu pescoço. — E ainda cheirando bem. Eu deixei um carregador debaixo do sofá. Lembre-se do que nós combinamos, somos amigas, talvez você possa dizer que sou sua nova segurança.

Que mania é essa de ficar cheirando pescoço dos outros?

Surpresa, me repreendi por meu corpo gostar daquilo.

Calena é uma mulher extremamente bonita. Ela tem a minha altura. Corpo esguio com curvas suaves, os braços bem definidos e pernas perfeitas e lindos olhos verdes.

A mulher sorriu e entrou no quarto com a arma na mão.

Abri a porta.

Daniel entrou e se sentou no sofá. Onde ontem a russa ficou por cima de mim depois de quase atirar nela. Os seguranças ficaram do lado de fora. Calena voltou rapidamente vestida em sua calça de couro negro e botas. Ela ainda usava a minha blusa. Daniel deu uma boa olhada na russa arqueando as sobrancelhas e depois desviou o olhar para mim em uma pergunta silenciosa.

Podia perceber as engrenagens rodando na cabeça dele: uma mulher misteriosa em meu quarto de manhã cedo vestindo uma das minhas camisas. Ele sabia, pois, usei-a várias vezes em sua presença.

— Então... não fomos apresentados devidamente. Sou Daniel. Daniel Handersen.

— O cara da aposta.

Daniel desviou o olhar para mim e ela eu não disse nada.

— Calena Fantazi. Amiga da Alteza. — Matt, o meu segurança mais antigo, colocou a cabeça para dentro do cômodo e olhou para a mim e devia estar se perguntando como aquela mulher entrou no quarto se eles estavam no corredor o tempo todo.

— Você é russa? — continuou.

— Sim. Nos conhecemos em um campeonato em Moscou — mentiu ela, descaradamente.

— Nunca estivemos na Rússia.

— Confundi. Foi na Polônia.

— Bom, podemos conversar no caminho. Falta uma hora para o jogo. Já tomaram café?

— Não. Estou com fome — disse Calena se virando para mim.

Eu já iria descer com a roupa amarrotada quando Calena chamou minha atenção, corri para o quarto e me troquei colocando uma calça social com bolsos, blusa branca formal de manga cumprida, e meu blazer.

Depois do café, onde eu fiquei calada, fizemos o trajeto de quatro minutos até o centro de convenções.

— Onde deixo minha arma? — sussurrou a russa em meu ouvido, quando chegamos na entrada.

— Vou dizer que você é uma das minhas seguranças. O que é verdade agora, eu acho.

Na porta, todos foram liberados, mas tiveram que deixar todas as armas em um compartimento. Calena retirou a arma, e as facas.

Ela pegou as facas também? Havia esquecido delas. Aquela mulher acessou o meu corpo e eu nem vi. Os três homens já estavam prontos para agir, mas intervi dizendo que ela é minha nova segurança pessoal.

Acomodamo-nos na antessala. Eu precisava me concentrar. Essa coisa toda de morte encomendada e mulher armada e desconhecida no meu quarto, enrolou a minha mente.

Pus os fones de ouvido, escolho a música e começo a dançar.

7

Calena Fantazi

O que ela está fazendo?

— Que diabos? — Eu olhava a princesa balançar a cabeça como se estivesse em um show de rock.

Daniel sorriu observando-a.

— Isso é o que ela chama de esquecimento. Sempre faz antes de uma partida. Para esvaziar a cabeça. Parece que hoje é dia de rock.

— Ela não devia estar se concentrando e com a cabeça cheia de cálculos, estratégias?

— Ela está. — Daniel se virou — Então você é a nova segurança dela.

— Sim.

— Nunca ouvi falar de você.

— Somos amigas a algum tempo. Inclusive nos conhecemos enquanto fazia a segurança de um amigo lá na Polonia — menti.

— É muito burocrático passar por todos os testes e checagens. Afinal, é família real da Dinamarca, mas se foi aprovada sei que é impecável no que faz.

Sou mesmo.

O homem acreditou na mentira pelo que parece.

Queria manter o mínimo de conversa possível para não me atrapalhar, então vesti a mesma face dos outros seguranças e me levanto para dar uma volta e checar as entradas e saídas. Ninguém teria coragem de fazer nada aqui. Muito arriscado.

Katherine ainda balançava e mexia o corpo. Se tivesse uma câmera aqui ela seria uma vergonha nacional dançando daquele jeito toda desvairada. Era cômico. Ninguém parecia se importar enquanto a princesa da Dinamarca se mexia ao som de seus fones em um canto. Depois ela apenas ficou ali, em pé e respirando como se estivesse meditando. Depois daquela coisa toda ela tirou os fones e arrumou penteado, seguindo para fora sem falar com ninguém.

Seguimos para o local onde os espectadores ficavam. O salão é grande e calculei algo entre setecentas cadeiras. As poltronas eram bem confortáveis e ficavam cerca de cinco metros da mesa com o tabuleiro de xadrez e suas peças idolatradas por uma luz. As duas mulheres esperavam algo. Alguns segundos depois a partida começou.

Naquela manhã eu havia recebido mais informações de um contato, como foto e prováveis localizações do homem chamado Niels. Ele é dono de um açougue ao centro-oeste da Dinamarca e fazia parte do submundo do crime.

Precisavam voltar o mais rápido possível para a Dinamarca e jogar Katherine no palácio e resolver as coisas, mas a mulher escolheu ficar porque era o seu momento e esperou muito tempo por ele.

Ela realmente estava arriscando a vida por um campeonato de xadrez.

Assassinos podiam estar as vigiando e bolando um ataque. Nada foi falado aos seus seguranças ou a Daniel, pois se ficassem sabendo ela seria arrastada de volta ao país num piscar de olhos. Pedi ao universo para que aquilo acabasse logo.

Com três horas de duração o jogo terminou com mais uma vitória de Katherine. A menina vibrou muito nos bastidores.

E agora Katherine estava a um empate de conquistar o título.

Teríamos um dia livre. Eu estava sempre em sua presença, seja na hora do almoço, café, jantar, nas lojas onde visitou trazendo várias sacolas.

Até conversamos sobre assuntos aleatórios, mas o que eu gostava mesmo era de provocar a princesa. A jovem surpreendentemente aceitava bem e até respondeu um de meus flertes. E acho que essa última vitória a fez esquecer da situação.

À noite, ela voltou a ficar nervosa. Eu apenas disse para relaxar porque eu estava ali.

Acordamos as sete. Katherine estava agarrada à minha cintura, mas logo tratou de tirar as mãos de meu corpo nu para se levantar. Ela ficou toda alvoroçada. Aquela princesa me arrancava muitos sorrisos. Nunca sorri tanto em minha vida como nesses últimos três dias.

Estávamos novamente nas poltronas. Passei por uma Katherine nervosa tentando espantar a coisa com seus fones e música, mas em vão. A mulher parecia que iria explodir por dentro, porque estávamos ali há Cinco horas! *Cinco!* Aquilo deveria ser um recorde.

As duas mulheres mostravam semblantes cansados e Katherine não parava de rodar uma peça na mão. Ela estava a mais de vinte minutos olhando o tabuleiro e faltava apenas sete minutos para seu relógio zerar. De acordo com Daniel, que só faltava pular da cadeira, ela estava bem melhor na posição.

E eu conseguia entender mais ou menos as coisas, nada tão aprofundado quanto um Grande Mestre.

Comentaristas

Ellen: *Não há o que fazer Kevin.*

Kevin: *Também vejo isso Ellen. Esse peão passado é um problema. Irá ser promovido e isso deixará o rei exposto. Parece uma jogada fácil de achar, mas Katherine está a vinte e quatro minutos calculando. Torre toma e5 é a jogada. O sacrifício da peça é o caminho aqui. Eu acho que ela irá achar.*

Ellen: *Torre toma e5! Oh meu Deus!*

Kevin: *Yue Li olha para o lado, podemos ver como ela aperta a peça em suas mãos. Acabou! Vemos o aperto de mão. A chinesa abandona a partida! Katherine Øster é a nova campeã mundial de xadrez clássico! Destronando uma lendária jogadora. Ela faz história como a primeira Dinamarquesa a vencer o campeonato mundial clássico! Yue se retira com um semblante nada feliz e Katherine está com as mãos no rosto e parece inapta a se retirar do tabuleiro. Um momento emotivo!*

Ellen: *Um sólido jogo de Katherine com as brancas. Vemos o seu choro sobre o tabuleiro.*

Kevin: *Acompanhamos Katherine desde começou a fazer burburinho no mundo do xadrez. A menina tem uma grande trajetória a cumprir. Yue Li foi campeã por quatro anos seguidos, uma lenda do xadrez mundial. E temos agora a princesa da Dinamarca como a campeã. A mais nova a vencer esse título. Não é emocionante?*

Daniel vibrou e eu vibrei com ele. Não podíamos fazer escândalo então vibramos baixinho. Ele se levantou e eu o segui com os seguranças para antessala.

A princesa não deu sinais de comemoração, ela parecia chocada. Ela se levantou limpando os olhos e olhou para todos os espectadores agradecendo com uma leve reverencia. Uma grande rodada de aplausos surgiu. A princesa limpou o rosto pegou seu vidrinho de água e seu blazer e seguiu para a antessala.

— Parabéns princesa — congratulei baixinho.

— Obrigada. — Apesar de seus olhos castanhos estarem vermelhos, a mulher era puro sorriso. — O dia ainda não terminou, tenho um monte de coisa pra fazer.

Katherine seguiu para a coletiva onde como sempre, respondeu a diversas perguntas. A cerimônia de premiação teve início logo depois. Ela recebeu uma medalha, flores e ergueu um lindo troféu dourado sustentado por figuras de cavalos que parecia ser bem pesado.

A princesa ainda participou de uma sessão de autógrafos e passou alguns minutos conversado com pessoas que eu não tinha a mínima ideia de quem eram, mas deviam ser jogadores de xadrez ou do ramo.

Ellen, a comentarista loira, se juntou a nós.

— Eu disse que você ganharia com as brancas! Temos que celebrar! — disse Ellen. — Estamos na Alemanha. Há um bar em cada esquina! — retrucou Katherine, sorridente.

— Devemos ir para o hotel – cochicho no ouvido da mais nova campeã. Só queria deixá-la no hotel e partir no próximo dia. Um lampejo de preocupação passou por seus olhos.

— Olá, sou Ellen. Ellen Lemieux.

— Calena Fantazi. Prazer — aperto a mão da mulher. Agora eu tinha quer me apresentar com meu nome verdadeiro, ou poderia arranjar problemas. A mulher pegou minha mão e a beijou como uma cavaleira enquanto me encarava.

Ah, francesas...

Ela é bonita. Olhos castanhos escuros, cabelo dourados cumpridos. Vestia uma calça azul reta de alfaiataria e camisa social branca de mangas cumpridas, parecidas com a de Katherine.

Normalmente membros da realeza não se demoram em lugar nenhum, parece sempre estarem apressados, mas Katherine era diferente, ela é tão normal. Conversa com todo mundo e passeou para lá e para cá atendendo um monte de fãs. Não é à toa que ela é a mais popular da família.

Depois que a princesa encerrou todo o seu circuito, seguimos para o hotel. Descemos para o bar. Era um local com movimento moderado de pessoas e eu fiquei de olho em todos, principalmente nos drinks preparados para ela. Agora que estava acabado, não via a hora de resolver de uma vez por todas as coisas. Ainda seria um longo caminho a percorrer.

Katherine conversava com a mulher loira. Não conseguia escutar o que as duas estavam falando, mas estavam bem envolvidas no assunto principalmente sobre um campeonato que a princesa iria hospedar num salão dentro do palácio.

Katherine se levantou e estava quase desaparecendo entre algumas pessoas quando puxei o seu braço.

— Aonde vai?

— Vou no banheiro, nossa! — respondeu com uma voz arrastada. — E depois vou subir. Durma em seu quarto hoje, vou ter visita.

— Isto está fora de questão. — Ela não deu ouvidos e continuou andando.

Passei por ela para checar o banheiro, algumas mulheres estavam ali. Recebo olhares furtivos. O meu jogo não é esse então dei uma boa olhada em cada uma. Qualquer uma poderia ser uma

ameaça.

Katherine não apareceu. Volto e começo a procurar por ela por todo o bar. Eu também não via os seguranças, nem Daniel, nem Ellen.

— Mas que porra.

Subi para o quarto. Matt estava plantado na porta.

— Vossa Alteza está?

O homem confirmou em silencio. Passo o cartão-chave reserva que me foi dado e entro no recinto. Estava tudo escuro. Ando sem fazer qualquer barulho.

Um barulho de secador vinha do quarto. A luz do banheiro estava acesa e vazava pela pequena fresta embaixo da porta. Me sento na cama e caio de costas aliviada e um pouco cansada pelo dia quase totalmente parado. Percebi que ficar sentada por quase com cinco horas é mais cansativo do que correr dez quilômetros.

— Estava cheio? — Achava-me naquele limbo entre o sono e de estar acordada quando ouvi a voz dela.

Parte da cama afundou. Alguém montou em mim. Cabelos tocaram minha bochecha. Fiquei alerta no mesmo instante e já estava com uma faca na mão. O aroma de um perfume floral que passei a conhecer muito bem inundou meu sentido e então ela me beijou. Um beijo com gosto de cereja. Me rendi instantaneamente a aquele toque molhado e delicioso sem pensar duas vezes largando a faca no colchão e segurando as laterais da cabeça da Princesa.

Não segurei o gemido baixo quando minha língua entrou em sua boca.

Ela está me beijando! Isso é um sonho?

Aperto o corpo da mulher contra o meu. Pelo toque liso e escorregadio, era um robe de seda que ela vestia. Estávamos vivendo no mesmo quarto de hotel há alguns dias e não passou despercebido os olhares que a Katherine me dava.

Eu nunca fui pega desprevenida. Essa foi a primeira vez.

O cheiro, o toque, o beijo. Desci minha mão por sua garganta e apertei.

O corpo saiu de cima de mim como um raio. A luz foi acesa. Katherine tinha o rosto vermelho e os olhos esbugalhados.

— Vo-você! Eu disse que era para você ir para o seu quarto! Oh, meu Deus! — exasperou a nobre, chocada.

— *Uau*. — Nunca fiquei tão atordoada em minha vida. Uma princesa do país da Dinamarca havia acabado de me beijar. *Uma princesa literalmente.* Lambo os lábios, provando os resquícios de sua boca na minha e mostro o sorriso mais sexualmente maldoso do mundo. — Vossa Alteza...

Que beijo delicioso você tem. Delirante, doce e com gosto de cereja.

Eu quero mais.

— O que você está fazendo aqui? Seu quarto é do outro lado da rua! — apontou com gestos exagerados para a janela. Ela claramente ainda tinha resquícios de álcool em seu organismo.

— Então você some e me deixa a ver navios. Pensou que poderia me enganar e subir com aquela loirinha?

— Não é da sua conta!

— Eu estou te protegendo, então é da minha conta sim.

Mas mais do que isso. Eu descobri que Princesa Katherine da Dinamarca fode mulheres.

O barulho de fechadura sendo aberta afastou meus olhos de Katherine. Tirei a arma de dentro da jaqueta e pus um dedo na boca pedindo silencio.

— Olá. — A loirinha gentil chamada Ellen que seguia Katherine pelo campeonato apareceu e

deixou a embalagem de pizza cair quando me viu com a arma na mão.

— Calena! É a Ellen! Abaixa isso! — Atendi a seu pedido rapidamente e guardo a pistola. — Ela é minha segurança — explicou Katherine para a francesinha.

Olhei para Katherine e de volta para Ellen então minha mente clicou.

Ah...

— Desculpa. Vou colocar isso ali — A visitante pegou a embalagem do chão e foi para a cozinha.

— Você pode ir — disse Katherine em minha direção, coçando a testa como se estivesse preocupara com algo.

— Descobri seu segredo? — disse, divertidamente. Aproximo quase colando minha boca na sua orelha. — Você me confundiu com a francesinha. Ela vai te foder hoje? Posso ver? Não. Eu definitivamente quero participar.

— Só. Vai. Embora — disse baixinho. Ela nem olhava em minha cara. *Ah, que cômico!*

— Você sabia que era eu, confesse. Já conhece meu cheiro. Dormimos várias

vezes juntas naquela cama ali e até acordou agarradinha em mim. Gostei de seu estilo de pegar sem permissão.

— Estava escuro! Dá o fora!

— Eu não devia ter te enforcado. Talvez o momento durasse mais. — Pisco sedutoramente. — Estarei no meu *outro* quarto. Não abra as cortinas. Me ligue qualquer coisa.

— Esteja em pé às oito.

Encarei-a por um momento. Aquela face jovem, bonita e determinada.

Foi no primeiro encontro. Naquele bar na Dinamarca que eu caí nas graças daquele olhar. Ela é adorável, bonita e cheia de vida, e até onde sei, inocente. Reuni todas as informações que pude sobre ela e não sabia que ela era bissexual ou lésbica. Aquilo era um segredo muito bem guardado.

Agora eu sei um segredo seu Alteza.

Deixei o hotel sentindo um certo ciúme. Queria ficar. Ser eu no lugar da outra loira. *A realeza vai transar hoje e eu vou ficar em meu quarto sozinha? Não mesmo!*

Descendo no elevador, apenas uma coisa permeava minha cabeça: o beijo da Princesa.

Eu estava determinada a fazer algo sobre aquilo: esquecer.

Pelo menos por essa noite.

8

Katherine Øster

Pela manhã, Ellen se despediu com um beijo na minha bochecha. Eu ainda me encontrava sonolenta em minha cama, mas ainda assim lhe dei um abraço. Ela ainda tinha alguns compromissos e eu o meu voo de volta para Dinamarca. Não tínhamos horário para passar o dia atoa e conhecer mais da cidade. Uma pena.

Uma hora depois, desperto novamente com o suave barulho de chuva vindo do lado de fora. Levanto esfregando os olhos e me ponho de pé. A primeira coisa que vi foi o maravilhoso troféu. Eu sou a campeã mundial de xadrez clássico e a número um do mundo! Aquele último jogo foi insano. O mundo inteiro já devia estar analisando-o, e eu o faria durante a viagem.

Espio pela cortina para o outro prédio, mas a fecho rapidamente, lembrando-me das medidas de segurança e com elas, Calena.

Nada aconteceu entre mim Ellen na noite passada por causa daquela ex-assassina. Ellen e eu ficamos conversando, ela até tentou e eu cedi por alguns minutos, e trocamos alguns beijos, mas não consegui ir em frente. Eu tinha uma outra loira dentro da minha cabeça.

Aquele beijo...

Porque eu estou pensando nessa mulher?

Ellen é uma peça importante do cenário do xadrez. Além de competir, também era comentarista e outrora apresentadora dos mais importantes campeonatos. Ela obtinha o título de Mestre Internacional O único requisito que faltava para se tornar uma Grande Mestre era conseguir os 2500 de *rating*. A francesa foi a primeira a ser convidada para meu torneio que se realizaria em um par de meses.

Nos tornamos grandes amigas e às vezes, um pouco mais do que isso quando nos encontrávamos com algum tempo de sobra. Tudo no mais absoluto segredo. Ellen era a única no mundo que sabia sobre orientação sexual. Uma pessoa de bastante confiança.

— Ela é linda e tem cara de má. Gostei — disse Ellen, em uma de nossas conversas ontem.

Não sabe é nem a metade!

Contei sobre o pequeno incidente e Ellen caiu na gargalhada dizendo que eu deveria cair com tudo para cima da russa, pois estava desperdiçando a beleza alheia.

— Mas eu definitivamente pegaria a Yue, ela é toda delicada. Aqueles olhinhos pequenininhos são tão fofos! — disse a moça. Eu gargalhei, nunca pensei na chinesa com desejo, mas tinha que admitir que a mulher era muito fofa mesmo.

Ellen perguntou quando a eu me abriria para o mundo e disse que eu tinha até marcado grande dia na minha agenda. Tinha que fazer em algum momento, estava me cansando de ficar trancada no próprio corpo. Eu iria lidar com maturidade tudo que viesse contra mim e abraçar quem me apoiar.

Não nego que senti o cheiro de Calena no momento que toquei aqueles lábios finos. O perfume também estava impregnado no travesseiro. Estava tudo escuro e tinha somente o vislumbre de cabelos claros no colchão. Juro por tudo que era sagrado que era Ellen ali, até ouvir o gemido de Calena. E em vez de me afastar continuei por mais um breve segundo, porque estava muito gostoso.

Ainda não acreditava que havia beijado aquela assassina russa, mas tinha que admitir que foi

maravilhoso.

Quando eu contar para a família que ignorei uma ameaça, deixando uma desconhecida que pouco tempo atrás matava gente por dinheiro me fazer companhia, não iriam acreditar, de tão besta que soa. Eu estou nervosa e com medo, mas não demonstro.

Em cerca de duas horas estaria dentro de um avião de volta à Dinamarca. Poderiam resolver as coisas. Tudo iria ficar bem.

Esperei por Calena na companhia de Daniel no lobby, mas ela não apareceu. Liguei e só dava caixa postal. Estava para ir embora sem ela, mas pensei novamente.

Cruzei a rua entrando no hotel onde ela se hospedava e consegui o número de seu quarto depois de convencer o recepcionista.

— Calena! — Bato na porta diversas vezes.

Logo a porta abriu e revelou uma Calena vestida apenas com uma camisa branca cumprida tocando o meio das coxas. Conhecia bem aquela peça.

Quando foi que ela furtou minha roupa?

— Bom dia campeã, dormiu bem? — Os seios pequenos e empinados quase perfuravam o tecido. O corpo esguio, porém, com músculos nos lugares certos foi examinado por mim. Até a maneira que os olhos de Calena são separados é atraente.

Quando volto o olhar para seu rosto, lá estava aquele sorrisinho. Agora eu tenho um nome para ele: sorriso molha calcinha.

Não que eu estivesse excitada vendo-a daquele modo...

Ah, para quem estou mentindo? Que porcaria aconteceu comigo?

— Como uma princesa — respondo, cruzando os braços tentando disfarçar, mas tinha sido pega e corei como um tomate.

A russa deu dois passos para trás.

— Quer entrar?

— Pelo amor de Deus, vai vestir uma roupa, nosso voo é em uma hora.

Esperei no sofá. Calena apareceu em seu traje assassino com suas armas e facas e os escondeu com uma jaqueta negra.

Calena, Eu, Rob e Matt seguimos em um carro, enquanto Andersen e Daniel vinham em outro logo atrás. Caladas, cada uma olhava para fora de sua respectiva janela.

O silêncio foi cortado por uma freada brusca. Algo se chocou contra nós e o carro girou. Senti uma dor em meu pulso. Pipocos começaram do lado de fora. A lataria tremia com os impactos na blindagem.

O carro estava revirado, Rob estava por cima de mim e eu não pude ver muita coisa. Eu estava aterrorizada. Calena gritava para que eu me abaixasse, assim como Rob e Matt.

Fiz o que me foi solicitado. Coloquei minhas mãos na cabeça e me encolhi sob o corpo grande de meu segurança. Era tudo que eu poderia fazer.

— Código 99! A Dama foi atacada! Código 99! Andersen?! — gritava Matt, através do ponto no ouvido em meio a tiros.

O carro apesar de ser o alvo dos tiros era o local mais seguro no momento, mas Calena não quis saber.

— Amadores do caralho — ralhou a russa e pude ver ela abrindo a porta. — Como ousam atentar contra minha princesa!

Ela puxou a pistola e começou a atirar.

Calena gritava para Matt para lhe dar cobertura. Os tiros se intensificaram ainda mais. Pus as

mãos nos ouvidos e fechei os olhos terrivelmente assustada. Rob ainda estava em cima de mim.

Os tiros cessaram, sirenes eram ouvidas. Ouvi outro xingamento na voz conhecida da loira.

Abri os olhos, os vidros estavam todos trincados. Havia fumaça do lado de fora.

— Alteza, está bem?

— Acho que sim...

Precisamos de escolta agora! Andersen situação? — gritou Rob através de seu ponto no ouvido. — A Dama está segura dentro do carro.

Matt abriu a porta e os dois me escoltaram rapidamente para dentro do carro em que Andersen dirigia junto com Daniel.

Meu amigo me abraçou e disse alguma coisa, mas eu não conseguia ouvir, os sentidos estavam uma bagunça, talvez eu estivesse em choque.

— Precisamos ir agora! — disse Rob.

— Onde está a moça? — Perguntou Andersen, ligando carro.

— Calena! — grito com tudo, como se acabasse de despertar. — Ela está lá fora! Vá buscá-la!

— Sua segurança primeiro Alteza — disse Andersen.

— Peguei todos! — ouvi Calena gritar. — Amadores filhos da puta! Que bando de idiotas! — Ela gargalhou.

Como uma psicopata.

Em uma atitude estupida, eu quis sair do carro, mas Rob me segurou. Matt então correu em direção a ela. Calena estava caída com as pernas esticadas a alguns metros do nosso carro atingido, ela não ria mais.

— Calena! — Grito novamente.

A rua estava tomada por viaturas. Matt levantou a mulher e voltou com ela apoiada nele. A outra mão livre segurava a barriga. Estava manchada de sangue.

— Oh meu Deus! Você está sangrando! — A camisa preta estava úmida de sangue e sua mão toda vermelha

— Que caralho. Eu nunca tomei um tiro. Essa porra é estranha. — Ela gritou de dor ao ser colocada no banco de trás. Desta vez o seu sorriso não era aquele provocador, mas de sofrimento. — Você está bem?

— Estou, estou. você precisa de um médico.

— Mandamos todos para o inferno, acho. Quatro. — respondeu com a mão pressionada na lateral da barriga. A respiração dela estava entrecortada.

Andersen afundou o pé no acelerador, não ligando para qualquer tipo de autoridade daquele país. O objetivo era sempre me manter em segurança e lidar com qualquer outra coisa depois.

— Eu devia ter arrastado essa sua bunda Real e a jogado no palácio, em vez disso teve que ficar por causa de um joguinho — reclamou a russa entre dificultosos suspiros.

— Não é um joguinho! Xadrez é parte da minha vida!

— Não dá para jogar se estiver morta!

— Mas eu não estou!

— Porque eu tenho uma boa mira.

— Do que vocês estão falando? – Perguntou Matt. Ele foi ignorado por nós duas.

Viaturas de diversos tipos com policiais com uniformes diferentes passavam zunindo.

— Ela precisa de atendimento médico. Pare aqui! — ordeno.

— Matt e Daniel fizeram sinal para uma ambulância.

— Não. Eu vou ficar com a Alteza — respondeu Calena. — É só um furinho. Eu costuro depois.

Essa mulher é louca!

Sangue escorria entre os dedos que apertavam a barriga.

Ela vai morrer. Os olhos verdes estavam perdendo o foco.

— Não sabe do que está falando. Para a ambulância agora! — Seguro a cabeça dela com as mãos em sua bochecha. A dor se irradiou em meu pulso e um gemido me escapa — Por favor. Te encontro depois.

Eu apenas agi, sem pensar em mais nada. Colei meus lábios nos dela enquanto buscava ar para respirar.

Calena ficou perdida por um momento quando me afastei.

— Certo. — Ela se inclinou para minha boca e parou fazendo uma careta de dor. — Aii, caralho. Quando imaginei nós duas gemendo, não era desse jeito.

Numa situação gravíssima desse, ela me fez rir. Inclinei e beijei sua boca novamente. Ninguém ali presente falou nada.

—Vai — disse soltando-a.

Rob a puxou e serviu de escora, levando a russa até os paramédicos.

Fui colocada em um jato e em duas horas pisava no aeroporto da Dinamarca. De lá, fui escoltada por dezenas de agentes, incluindo agentes da Inteligência, guardas de trânsito e policiais. Minha mãe e meu irmão esperavam no grande salão principal com mais uma dezena de agentes de segurança.

— Meu Deus! Você está bem? Está machucada? — Mamãe perscrutou meu corpo atrás de algum ferimento.

Eu havia trocado de roupas, pois estavam manchados com sangue de Calena. Um médico me examinou rapidamente na sala de espera antes de embarcar. Tinha torcido meu pulso e só precisava não o forçar demais.

— Estou bem mãe. Não preciso de atendimento médico. Já fui avaliada. Só estou com meu pulso doendo um pouco.

Estava bem, apenas assustada. Precisava de notícias de Calena, mas também abrir o jogo.

— O que aconteceu?

— Eu preciso contar a vocês algumas coisas.

Seguimos para a sala da rainha.

— Katherine, o que deu na sua cabeça!? — esbravejou mamãe.

— Resumindo. — Erick respirou, e continuou — Alguém contratou outro alguém para lhe fazer mal e ninguém sabe o porquê. Essa mulher sabia desse contrato e resolveu te espionar durante um mês e te seguiu até a Alemanha para te proteger, e matou os caras é isso?

— Basicamente. Ela já sabe quem é o mediador, um tal de Niels. Com ele, ela acha o mandante.

— Eu estou impressionado e chocado ao mesmo tempo. Porque simplesmente não nos avisar?

— Eu não sei — menti, mas admiti no segundo seguinte. — Eu não queria abandonar o campeonato.

—Arriscou a vida pelo xadrez?

Isso de novo.

— É, eu arrisquei mãe. Pronto.

— Pelo menos você ganhou — disse Erick. — Parabéns.

A rainha suspirou e lhe deu um olhar mortal.

Eu entendia o desapontamento, a preocupação. Afinal alguém me queria morta.

— Essa tal de Calena, você não sabe onde ela está agora? — perguntou mamãe.

— Em algum hospital em Berlim, eu acho.

— Nossos seguranças não sabiam de nada?

— Como eu contei, não. Eu sei manter um segredo.

— O protocolo de segurança máximo foi instaurado no palácio. Ninguém sairá daqui. todos os compromissos serão adiados ou cancelados. A Inteligência já está em alerta e falarei com eles novamente e passarei o nome desse homem e dessa mulher. Eu quero tudo sobre ela na minha mesa! Eu não consigo acreditar... — A rainha massageou as têmporas.

Eu me banhei, permitindo-me demorar o bastante para tentar relaxar, mas tudo que vinha na minha mente eram os momentos terríveis dentro do carro enquanto as balas paravam no vidro e também de Calena esparramada no chão.

Minha mente dava voltas e sempre parava nela, em seu rosto.

Eu a beijei. Duas vezes. Na segunda não foi engano. Eu quis. Botei em minha cabeça que era apenas para fazê-la aceitar ir para a ambulância. Era parte verdade. Eu também precisava sentir de novo. Mesmo naquela situação.

Ela me hipnotiza com aqueles olhos cor de esmeralda e sorriso cheio de segundas intenções, ela me choca com seu palavreado, me surpreende com seus flertes descarados.

Dei batidinhas na minha bochecha.

Ela vai ficar bem. Vamos. Daniel me espera.

Daniel havia chegado e me esperava em uma sala reservada. Nos abraçamos.

— Meu Deus, Katherine.

— Estou bem.

— E Calena?

— Tudo que sei é que foi levada para um hospital. Vou tentar contato.

A inteligência já estava a todo vapor procurando informações sobre ela e Niels.

Depois de conversarmos, eu decidi dar um tempo. Apenas deixar a mente em branco. Quando eu estivesse pronta novamente eu o avisarei. Ele voltou para casa junto de sua família e manteria contato.

Entrei em contato com cada hospital de Berlim até achar o registro de entrada de Calena. A inteligência já devia ter está informação. Ela deu seu nome verdadeiro.

“A paciente não se encontra no hospital, ela se deu alta.” A recepcionista disse.

Para onde você foi?

Ela foi atrás deles?

A notícia do ataque se espalhou como uma praga. O primeiro-ministro estava fazendo um pronunciamento e o meu papel era ficar fora de vista, mas... eu apareci pegando todos de surpresa. Eu entrei de cabeça erguida e tomei o microfone ninguém interferiu. Fiz um pequeno pronunciamento de que eu estava bem e seguiria com meus compromissos. Nada iria me abalar.

Na verdade, eu estou abalada, mas eles não precisam ficar sabendo. O povo precisa de uma figura forte. Apesar de minha mãe ser a rainha, a própria monarca me considerava o rosto da família.

Os dias passaram. Fiquei ocupada com a organização de meu campeonato: *o Katherine Øster Invitational*, que iria reunir as melhores jogadoras do planeta, porém teve que ser adiado em algumas semanas.

E com isso a minha confissão.

Quanto a russa, sua única resposta foi que ela estava bem. Isso depois de eu muito insistir. Ela não me respondeu mais.

A Inteligência conseguiu algumas informações: nome idade, residência, descobriram sua ligação com Kurochev, mas não sabiam que ela foi uma assassina. Também tiveram acesso ao seu depoimento. Era curto e simples:

"Fiz o meu trabalho e protegi minha princesa."

Ela deveria ficar no hospital até eu mandar alguém para buscá-la, mas falávamos de Calena Fantazi, ex-assassina que se tornou minha protetora. Eu iria lhe dar uma medalha por aquele feito na Alemanha.

E se tivéssemos privacidade, eu poderia beijá-la uma terceira vez.

9

Calena Fantazi

A bala perfurou a lateral da minha barriga, saindo pelas costas, por sorte não atingiu nenhum órgão e não tive nenhum outro dano mais grave, somente alguns estilhaços que foram retirados da perna. Nada que alguns pontos e anti-inflamatórios não dessem jeito. Eu precisava agir. Me dei alta no fim do dia. Eu mesmo podia ter suturado a ferida, mas havia perdido muito sangue e estava fraca.

Assim que os policiais saíram, me levantei, peguei minhas roupas e fui embora.

Duas semanas depois, ainda sentia certo desconforto, mas as feridas estavam quase cicatrizadas. No momento, encontrava-me ao centro-oeste da Dinamarca em um açougue com o homem chamado Niels amarrado à cadeira e desacordado. Tive sorte em encontrá-lo sozinho.

O cheiro de carne crua causava ânsia de vômito e queria logo sair dali, então precisaria de resultados concretos rapidamente.

Um dia após o atentado, o primeiro-ministro fez um pronunciamento de que a princesa passa bem e está se recuperando do susto tomado. Para surpresa de todos, Katherine apareceu, tomou o microfone para si e fez um incrível e poderoso discurso. Algumas das palavras sabiam ser para mim, mas sem divulgar o meu nome. Ela não sorria e tinha um semblante sério enquanto as palavras saiam de sua boca.

Ah, ela está puta.

Ela ligava e mandava mensagens todos os dias. Respondi apenas com a palavra ‘bem’.

Por mais que eu quisesse conversar com ela, eu não poderia ficar em contato constante com a princesa porque eu faria uma coisa muito, muito ruim naquele açougue, algo que jurei que eu nunca mais faria. Eu matei quatro homens pela princesa e agora mataria mais um e eu não queria o nome dela ligado a nada.

Ela havia me beijado novamente naquele carro, e por um momento eu havia me esquecido de que estava baleada. Não sei se foi apenas uma jogada para me convencer, o que funcionou porque eu acatei seu pedido como uma cachorrinha ferida, mas única coisa de que me arrependia era de não ter dado mais um beijo na mulher antes de sair em busca de quem poderia fazer mal a quem tanto gostava.

Eu nunca gostei tanto de alguém como da princesa Katherine.

Despejo um balde de água fria em cima do homem fazendo-o despertar assustado.

— Boa noite — lhe dou um sorriso alegre por trás de minha máscara.

O homem disse um monte de coisa em dinamarquês, provavelmente insultos. Se ele não soubesse inglês, eu teria que recorrer ao tradutor.

— Porra! Quem é você caralho?!

Ah, agora sim.

— Eu sou ninguém. Quem é você?

— O quê?

— Eu só quero duas respostas — digo, sob a máscara de demônio. — Quem lhe contratou para encomendar a morte da princesa e onde ele está.

— Vai se foder!

— Estou com pressa e sou muito boa com lâminas — pego um cutelo de aparência gasta, mas bem afiado. — Dedos das mãos ou dos pés?

— Não! Por favor! Não!

— Mãos então. — Eu não tinha experiência com tortura, mas uma coisa que eu sabia bem era matar, e eu poderia matá-lo de forma mais lenta do que normalmente fazia. Giro o cutelo na mão e o levanto pronta para decepar alguns dedos.

— Quem encomendou o assassinato da princesa? — Demorou muito para responder, então agora ele tinha apenas sete dedos nas mãos.

— Aaaaah! Sua vadia! Vagabunda! Eu vou te matar!

— Só me diga, então eu acabo com o seu sofrimento. — Pego uma maleta com uma grande cruz vermelha desenhada e a coloco em cima da mesa à sua frente. — Ou eu posso tirar os outros três e depois usarei este alicate para te deixar sem dentes.

Desesperado, Niels tentou se desatar, em vão.

Levanto o cutelo.

— Kaviv! O nome dele é Boris Kaviv, ele tem fábricas de tecidos! Por favor!

Até que foi rápido. Um homem desse não dura muito na organização.

— Em qual fábrica ele está?

— Em... em *Taarbæk!* É tudo que sei!

— O nome fábrica?

— Kaviv Têxtil!

Tiro o celular do bolso e procuro pela fábrica. Ponho o nome do homem no Google e a cara dele aparece em menos de um segundo. Viro o celular para Niels.

—É esse cara aqui?

— Isso. É ele mesmo.

— Se estiver me enrolando. Eu irei te encontrar e cortar o seu pau fora.

Bato a arma branca na mesa e ele se assusta.

— É verdade. Eu o conheço. Ele planejou tudo e apenas procurava alguém que fizesse o serviço.

— Você sabe por que ele queria a princesa morta?

— Ele não disse. Queria apenas alguém para fazer o trabalho. Ele não me passou o motivo.

Normalmente ninguém passa mesmo.

Guardo o celular e enrolo os dedos dele em uma gaze. Apago ele com o cabo do cutelo e vou vasculhar o local.

Tive uma outra ideia. Não irei matá-lo. Ainda bem que estou de máscara. Localizo algumas câmeras, todas elas estão com os fios cortados e camufladas por poeira grossa.

Ligo para a polícia dinamarquesa e dou a localização de Niels dizendo que ele era o intermediário no plano contra a princesa. Eles deviam receber centenas de trotes, mas deviam verificar todos.

Eu não sou mais uma assassina, mas fui forçada a matar os bandidos que atentaram contra a princesa. Foi minha escolha deixar Niels vivo. Não sei se foi a escolha certa. Se fosse a antiga Calena, ele já estaria morto com um tiro na cabeça.

A resposta foi rápida. Seis minutos e as luzes das viaturas piscavam na estrada.

Montei na moto e passei por eles a toda velocidade.

Faltavam alguns minutos para o sol nascer.

Em algumas horas estaria na fábrica.



Algumas poucas horas de sono e lá estava eu na Kaviv têxtil, me tremendo toda por causa do frio desgraçado que fazia. A neve caia fina e constante e minhas roupas de couro grossas não davam conta.

A segurança do local não era das boas. Consegui esgueirar pelos corredores e câmeras e furtar uniformes, certa de que conseguiria meu objetivo antes de me notarem, porque muitas mulheres trabalhavam ali. Passei alguns minutos procurando, pois eu não poderia simplesmente perguntar a alguém onde ficava a sala do homem, eu não queria meu rosto marcado na mente de ninguém, por uma dessas que eu trouxe a máscara que também havia usado para interrogar Niels. O escritório principal ficava no segundo andar. Cheguei à porta onde a placa com o nome de Boris Kaviv estava colada. Bato na porta dizendo a única frase que treinei em dinamarquês:

— Senhor uma das máquinas está com problema.

Assim que ouço o barulho da porta, coloco a máscara *Oni*. Quando ele abre, já estou com a arma apontada para sua cabeça.

Ele deu passos para trás e eu entro fechando a porta atrás de mim.

— Fala inglês?

— O que quer? Quem é você? — perguntou.

Todos os meus trabalhos eram feitos a distância e eu não precisava falar com ninguém. Sorte a minha que esses homens falam um idioma que entendo, porque se não tudo ficaria mais difícil.

Kaviv é um sujeito gordo, de pele parda e de estatura alta. A barriga fazia força contra o paletó, quase o rasgando o tecido.

— Seu nome?

— Boris Kaviv — respondeu com as mãos para cima. Sabia que ele estava avaliando se valia a pena reagir.

— *Senta aí*. — O homem se afundou na cadeira.

— Se quer dinheiro, está no meu cofre, mas é melhor se apressar, meu pessoal estará aqui em poucos minutos.

— Que bom porque eu também estou com pressa. — O servidor com as gravações estava logo atrás de sua mesa, percebi pelas luzinhas verdes piscando. A sala tinha duas câmeras. Com a mão direita puxo o celular e o deixo em cima da estante logo ao lado da porta para filmar a conversa. A inteligência o levaria e se falasse algo diferente, saberíamos. — Agora me diz por que encomendou a morte da Princesa da Dinamarca?

O homem arregalou os olhos e empalideceu ainda mais.

— O quê? Eu não...

— Atentar contra a sua monarquia, não é algo inteligente. Na verdade, é a pior coisa que você pode fazer nesse país.

— Já não bastava uma mulher, agora são duas.

Ele fez um sutil um movimento com a mão em direção à mesa.

— Sim. Duas lindas mulheres. Não servimos apenas para trepar, parir crianças, limpar casa e fazer comida. Algumas têm habilidades. Veja só, eu sou muito boa com facas e melhor ainda com uma pistola.

— Tire essa máscara e me deixe ver este rostinho. Você não é da inteligência. Mandaram você sozinha para me capturar? Ou vai me matar?

O homem começava a suar e seu rosto estava como uma maçã gigante e vermelha.

Eu continuei.

— Digamos que eu sou uma... *freelancer*. Agora responda a minha pergunta.

Meu plano é entregá-lo vivo também. Se eu entregasse os homens responsáveis pelo atentado, talvez eu tenha uma chance remota de não ser caçada e presa pelas autoridades dinamarquesas. Eu tinha certeza de que isso vai acontecer assim que eu voltar à Copenhagen, porque eu quero ver muito a princesa novamente e talvez...

O talvez que estou pensando nunca irá acontecer. Me conformo com isso.

E eu era uma ex-assassina. Katherine deve ter contado tudo. Eu não a culpo, é uma opção melhor do que mentir, porque eles iriam descobrir de qualquer forma.

Batidas vieram na porta, a segurança havia chegado. Kaviv sorriu.

— Aquela vadia fechou minhas fábricas e me aplicou multas milionárias. Se mete em assuntos que não diz respeito. Princesinha mimada. Não ligo para a realeza e nem os seus assuntos.

— Esse é o motivo? Por interditar suas fábricas? Você está de brincadeira com a porra da minha cara? Porque não pagar as multas e consertar os erros em vez de dar 5 milhões para um bando de estúpidos? Estão todos mortos agora, não faz diferença a questão é-

— A questão é que às vezes isso não basta — interrompeu. — Sabe, ela me deixou muito puto. Não foi a primeira vez, ela pensa que pode mandar em nós porque é da família real. Aposto que você odeia alguém e quer matá-lo também. Todo ser humano tem alguém.

Não, eu não tinha ninguém. Kurochev chegava perto. Às vezes eu odiava o velho, mas não queria matá-lo.

Ando em direção a ele com passos tão silenciosos que fez o medo voltar a face rechonchuda, ou talvez fosse a visão de minha máscara de demônio negra. O rosto dele estava tomado por uma camada de suor que escorria para dentro do colarinho branco. Estavam esmurrando a porta e ela estava prestes a cair

— Katherine é a mulher mais corajosa que conheço. Ela se importa com seu povo, os ouve. Ela é perfeita, adorável e inocente, e já você, é um filho da puta. — Ele deu mais uma olhadela para debaixo da mesa. Constatei que havia uma arma ali.

A porta foi arrombada. Giro rapidamente, alguém atira e eu revido em todos que tentavam entrar. O homem caiu do lado de fora da sala e eu sou atingida no braço, logo o sangue derramou quente por minha pele. Kaviv puxou a arma de debaixo da mesa, mas eu estava de olho nele e fui mais rápida ao mirar minha Makarov antes dele sequer apontar para mim.

Acerto um tiro na mão do pançudo, que o fez gritar de dor e largar a arma.

Corri até ele enquanto dou tiros de supressão direção a porta para evitar que os seguranças tomassem posição para atirar ou entrar. Dou uma coronhada na cabeça dele e alcanço e recolho a arma do chão, passo a mão no celular e vou até o servidor. Retiro todos os HDs enquanto ainda disparava pausadamente. Jogo tudo dentro da maleta do homem. Peguei pelo colarinho puxando-o comigo até a janela, de onde o empurro. Eu pulo logo atrás.

10

Katherine Øster

Dou uma pausa nos jogos online e ando pelos corredores do palácio, mas já não aguentava mais, mesmo com os passeios no jardim. O único lugar onde os seguranças não me seguiam era para dentro do meu quarto.

O jantar foi servido. Eu não estava muito bem e as pessoas à mesa eram cautelosas a minha volta. Todos ali pensavam ser o ataque que foi cometido contra mim e eles não estavam errados, mas tinha outra coisa: uma mulher bonita de olhos verdes e cabelos loiros quase platinados e com um piercing no nariz que me fazia prender os lábios com os dentes.

Calena.

Duas semanas haviam se passado. Uma denúncia anônima levou a um dos homens envolvidos no plano: Niels. Ele estava em um açougue amarrado a uma cadeira e com alguns ferimentos. Sabia que era obra de Calena.

A mulher não mandou mensagem e nem fez ligações, depois da curta resposta que obtive dela um dia depois do atentado.

Apenas belisquei a carne e remexi as verduras com o garfo enquanto escutava o tilintar dos utensílios nos pratos e conversas aleatórias entre tios, tias e primos.

Poucas palavras foram direcionadas a mim e eu respondia com poucas palavras também. Por fim, não consegui comer. Peço licença à Rainha e me levanto, voltando para o quarto, quebrando outro protocolo.

Calena não deixava os meus pensamentos. Sonhei com seu sorriso, o que era estranho, porque a mulher não sorria muitas vezes. Não sonhava com aquela russa linda e insolente todas as noites, até porque aquilo de sonhar com uma pessoa todos os dias não existia. Aquela besteira era falada apenas em livros de romance. Se bem que minha vida estava parecendo um. Daqueles onde coisas improváveis acontecem. Daria um belo filme.

Essa coisa começou a me consumir quando a russa literalmente ficou pelada na minha frente para se deitar. E a mulher ainda provocava com flertes que me deixavam vermelha como um tomate.

É só atração. Ela é muito bonita, vai passar.

Mentira.

Deito-me na cama. Uma lagrima solitária escorre por minha bochecha.

Isso não pode acontecer comigo. Por que ela? Menos de uma semana! Ela matava pessoas por dinheiro!

Eu passei horas dando depoimento à inteligência e detalhando todo o ocorrido na Alemanha, deixando de fora a relação entre nós.

Não existe relação. Foram só uns beijinhos.

Eles têm fotos dela que foram tiradas no campeonato, e estão interrogando Niels neste momento.

Deixo o celular no meio das colchas grossas da cama depois de conversar com Ellen.

— Katherine? — Meu irmão bateu na porta.

Levantei e abri a porta.

— Está tudo bem?

— Eu não sei.

Sinceramente.

— Uma notícia chegou agora. Prenderam o homem suspeito de ser o mandante.

— O que? Onde?

— Uma denúncia anônima.

— Foi ela! Calena! Alguma notícia?

— Os agentes da inteligência estão chegando lá neste momento. Ele está em posse dos policiais. O nome dele é Boris Kaviv. Dono de uma cadeia de indústrias têxtil.

— Meu Deus. Interditamos as duas fabricas dele. Será que foi isso?

— É um motivo bem fútil. Já devem ter algumas respostas de Niels. Talvez ele possa confirmar.

— Onde o encontraram?

— Numa floresta em a um quilômetro da fábrica dele.

— Ela realmente conseguiu.

Estava um pouco surpresa, porque Calena queria matar os dois, mas ela disse que não seria mais uma assassina, parece que cumpriu com a palavra.

— Ei. — Ele colocou uma mão em meu ombro. — Vamos desvendar toda essa coisa não se preocupe.

Não consegui me conter. Explodi.

— Eu não aguento mais Erick. — Pus as mãos no rosto.

— A inteligência está nisso, vamos resolver e você poderá voltar a brincar na praça. — Sorriu com afeto.

— Não é só isso.

— O que é então? A mamãe está sendo muito dura? Sei que você não pode sair, é isso?

— Não. Não.

Respirou fundo.

— Vamos lá me diz. Quer que eu chame o médico?

— Não Erick. Não é nada com a saúde. É toda essa situação, e tem só essa pessoa e eu comecei a gostar, mas é muito complicado.

— Pessoa? Minha irmã finalmente está interessada em alguém? Está causando problemas para você? Posso bater na porta dele e lhe dar um aviso.

— Não é ele. — *Lá vai. Deus me ajude.* — É ela. Eu sou lésbica — Confesso. Não quero olhar para ele, abaixo a cabeça escondendo o rosto e desabo no choro.

Finalmente estava dizendo aquilo em voz alta.

— Oh. Ok. Isto é-

— Um desastre! — corto, choramingando.

Era a primeira vez que eu ficava neste estado deplorável.

— Ser quem você realmente é, não é um desastre. Estou surpreso porque eu nem sequer desconfiei disso. Devo ser um péssimo irmão.

— Você é o melhor irmão do mundo, nem vem... Ainda assim um desastre.

— O que te faz pensar nisto?

— Se eu fosse filha de qualquer outra pessoa talvez, mas olha quem eu sou!

— Estou olhando. Katherine Øster, Princesa da Dinamarca. Uma mulher independente que aos vinte e dois anos é campeã mundial de xadrez, filantropa, que luta pelo meio ambiente e é adorada pelo povo.

— É... Sou tudo isso aí que você falou. — Consegui sorrir entre as lágrimas. — E é

exatamente por isso. Eu me sinto em uma prisão.

— Você precisa dar os passos. Pensou em alguma vez se abrir? — continuou Erick.

— Milhares de vezes. Vou contar a mamãe um pouco antes de meu torneio. É difícil Erick. Eu sei de todos os passos possíveis. Já ensaiei tantas vezes, mas eu tenho medo. E se as pessoas se voltarem contra mim? E a nossa família? Eu não terei herdeiros.

— Nosso país é um dos exemplos bons na comunidade LGBT. Casamentos entre pessoas do mesmo sexo foram aprovados em 2012, depois de duas votações e a aprovação da realeza, *nossa família*. As pessoas aqui são livres e levam seus parceiros a qualquer lugar. Lógico que haverá uma pequena resistência por parte da minoria. Você sabe de tudo isso, mas também não precisa marcar uma coletiva de imprensa e anunciar para todo mundo. Apenas viva a sua vida do jeito que você quer. Vai ser notícia por meses? Sim, mas você precisa viver a vida do jeito que realmente quer. Além disso, Asta e eu vamos gerar muitos herdeiros — Ele me cutuca sorrindo. — Alguém mais sabe?

— Ellen, ela é uma amiga, e Calena.

— A que virou sua segurança.

— Sim. — Limpo o rosto, e continuo olhando para baixo.

— Então, é dessa Ellen de quem você está gostando?

— Eu gosto muito dela. Ela é enxadrista também e cobre eventos de xadrez, mas não. Não é.

— Quem é então? É alguém que conheço? — Pela primeira vez depois de chorar, eu levanto a cabeça e olho meu irmão mais velho nos olhos.

— Eu não sei como chegou a isso. Foi tudo tão rápido.

— Sem chance...

— É ela mesmo. Calena.

— Agora sim posso chamar isto de extremamente complicado, antes era só um pouco complicado. Isso é impossível Katherine.

— Eu sei. Mas e se... deixa. Eu vou resolver. Os seguranças me viram beijar ela.

— Matt, Rob e Andersen são altamente confiáveis.

— Eu vou esperar mais um pouco.

— Não vai querer chegar aos trinta sem ninguém — brincou me dando mais uma cutucada, dessa vez com o ombro.

Tento relaxar os músculos, mas é difícil. Tudo me deixa inquieta.

— E você e Asta? — troco o assunto. — Não a vejo a algum tempo. Quando vão se casar?

— Estamos no segundo ano ainda, calma. Não quero interferir em nada nos assuntos dela. Ela não gosta muito de todas as etiquetas e regras da monarquia e está muito ocupada para me acompanhar em todos os eventos.

— Ela achou umas espadas e tesouros antigos na Irlanda, não foi? Eu vi isso em algum lugar.

— Sim.

— Deve ser muito legal ser Arqueóloga.

— Desvendar mistérios do mundo antigo parece ser bem divertido. Ela é obcecada por joias antigas, e eu nunca vi alguém tão feliz em varrer terra de um vaso de barro.

— Ela é uma mulher muito boa. Gosto dela.

Ficamos em silencio por um momento.

— Então... — retomou Erick. — O que aconteceu entre você e essa Calena? Deixe de fora o conteúdo adulto, por favor.

Esboço um sorriso.

Eu confio totalmente em meu irmão. Ele é apenas seis anos mais velho que eu, ele é o homem

da casa e herdeiro do trono. Às vezes ele age como uma figura paterna e eu o agradeço por isso.

Conto da parte do beijo enganado. Dali as coisas foram só crescendo dentro de mim, não sei se ela percebia. Então veio os beijos dentro do carro numa Calena ferida e manchada de sangue depois que ela, Matt, Rob e Andersen me defenderam das pessoas que nos atacaram. Erick ouviu tudo atentamente sem interromper.

— Se relacionar com uma mulher não é o problema aqui. Ela não lhe serve Katherine, mesmo que sentisse o mesmo por você. A vida dela é duas vezes mais complicada que a sua. As informações que temos é que foi adotada por Dimitri Kurochev, um milionário russo suspeito de vários crimes, e que ela trabalha para ele fazendo você sabe... — Ele fez um sinal com o dedo no pescoço.

— Ela não trabalha mais para ele.

— Mas isso não a livra das coisas que ela fez.

Meu celular vibrou em cima do colchão interrompendo a conversa. A letra C brilhava no visor. Era ela.

— Alô? Calena! Você está bem? Onde você está?

— Olá princesa. Eu estou aqui fora. Tenho que mostrar algumas coisas.

Erick quase caiu da cama para que eu não colidisse com ele de tão rápido que levantei.

Saio do quarto com meu irmão atrás e cruzo os corredores do palácio.

Afastada do grande portão principal, do outro lado da avenida, estava Calena. Sua cabeleira loira quase platinada tocando os ombros era inconfundível. Ela sempre usava negro, raras foram as vezes que a vi com roupa de outra cor. O preto combinava com qualquer pessoa, mas em Calena ficava fantástico.

Eu simplesmente me joguei nos braços dela, abraçando-a bem apertado e aspirando o perfume de seus cabelos. Ela cheirava a mato.

— Aii, o meu braço.

— Desculpe. É tão bom te ver. Está machucada? — passo a mão pelo rosto dela em alguns pequenos arranhões.

Percebi que a russa ficou sem ação.

— Não é nada. Você estava chorando?

— Não é nada. Por que não atendeu minhas ligações? Ou respondeu minhas mensagens?

— Não queria distrações. Creio que já estão em posse dos dois?

— Sim — confirmou Erick.

Olhei para trás. Meu irmão estava parado com sete seguranças ao seu redor, inclusive os meus.

— Vamos entrar. Ah esqueci! Esse é meu irmão, Erick Øster.

— Boa noite, Alteza. Quero uma reunião com a rainha e a princesa, sua Alteza deve estar presente também, quero explicar algumas coisas.

Políticos, famosos ou pessoas importantes não conseguiam tal feito quando queriam, mas depois de dizer que era sobre o ocorrido na Alemanha, meu irmão concordou.

Calena foi obviamente revistada. Ela carregava uma maleta. Dentro, ela dizia ter gravações. Ela portava facas e pistolas, o que não era chocante. Também tiraram dela um envelope que foi entregue a Erick. Era a minha ficha. A que ela recebeu.

— Me dê isso aqui. — Meu irmão me entregou os papéis e o envelope e o coloquei na maleta.

— Katherine isso é-

— Eu sei o que é, não se preocupe.

Mamãe já devia estar sabendo, pois ela entrou no mesmo corredor seguida por Brandon e

mais dois agentes.

— Mãe, precisamos conversar agora. É sobre os suspeitos. — A mulher tinha o rosto sombrio e olhou para Calena. — Esta é Calena Fantazi. Ela e os seguranças me salvaram lá em Berlin.

— Majestade — Calena fez uma profunda reverência e eu não evitei sorrir.

— Certo — Emelia concedeu mais um olhar para a loira.

Minha mãe, Erick, Brandon, Calena e eu, formavam o grupo que entrou na sala de reuniões. Matt, Rob, Andersen ficaram d lado de fora.

— Preciso dessa história explicada nos mínimos detalhes. Obrigada por ter ajudado minha filha O que tem para me mostrar? — A Rainha, com um olhar severo para Calena, cruzou os dedos em cima da mesa. Um movimento idêntico ao de Kurochev.

— Quem está com meu telefone? — perguntou a loira.

Levantei e abri a porta pedindo o telefone e a maleta aos seguranças.

Coloco tudo em cima da mesa.

Alguns toques e ela mostrou algumas fotos.

— Este é Niels, o mediador. Ele integra uma rede no submundo do crime. Eu o capturei e fiz a denúncia. Seu pessoal deve estar com a ficha completa dele uma hora dessas. Estou certa? — Ela tocou a tela do celular e mostrou um vídeo.

Jesus! Ela decepou os dedos dele!

O homem depois de vários xingamentos e com menos dois dedos, confessou em dois minutos onde se encontrava Boris Kaviv. Ela tocou a tela do celular novamente e outro vídeo começou a rolar.

— E este é Boris Kaviv, o mandante. Eu o deixei na floresta para vocês.

Boris admitiu tudo na gravação. O motivo foi a interdição de suas fábricas. Ele era desequilibrado da cabeça. Pensar que podia infligir contra a família real deste modo e sair impune. Tiros foram ouvidos, Boris pegou uma arma, mas levou um tiro na mão e deixou o objeto cair. A gravação terminou.

— Jesus Cristo! — assustou-se Erick, assim como todos na sala. Até Brendan olhava com surpresa para as imagens.

— Tenho os discos rígidos contendo as gravações de toda a fábrica, está na maleta, caso queira.

— Ele estava em uma das reuniões em que compareci para tratar exatamente sobre os novos requisitos para as fabricas — interrompi.

— E Kurochev?

— O que tem ele? Ele não tem culpa de nada. Recebeu a ficha e negou o contrato. Ele só não avisou. E de acordo com a legislação de nossos países, não notificar um crime não é punível.

Parece que ela veio preparada.

— Não há mais ameaça? — Erick abriu a boca.

— Não. — A russa confirmou.

— E você espera algum tipo de recompensa por isso? — Mamãe se recostou na cadeira. Ela parecia estar mais relaxada. Calena olhou para mim por alguns segundos e respondeu:

— Claro que sim. Passar a noite seria legal, nunca dormi num palácio e está fazendo um frio do cacete, meu hotel fica a dez minutos daqui. Pilotar até lá me desanima.

Todos a avaliaram Calena. Mamãe apertou o ponto entremeio os olhos.

— Prendam-na — ordenou a Rainha.

Calena revirou os olhos, soltou a respiração e se recostou na cadeira.

— O que?! Não! — Grito, surpreendida. — Mãe!?

— Brandon leve-a para a inteligência. Amanhã iniciaremos o interrogatório.

Brandon ergueu Calena pelos braços. Não parecia amedrontada ou chocada com a ordem da rainha, estava com uma carranca de decepção.

— Te vejo outra hora princesa.

Calena se deixou levar por Brandon e outros oficiais sem dizer nenhuma palavra.

Me levantei pronta para dizer algo, mas minha mãe me deu um olhar para que eu ficasse na minha.

Intervir no comando da rainha era um desrespeito grande. Erick estava calado. Não adiantava pedir por ajuda.

Eu saí da sala sem dizer nada a ninguém.

Não consegui dormir. Na primeira luz do dia procurei por mamãe. Ela tomava café tranquilamente lendo jornal.

— Que horas é o interrogatório?

— Bom dia — respondeu a matriarca, baixando a caneca de café.

Sento-me e tomo café em silencio em um claro sinal de revolta. Mamãe tentou conversar, mas eu não quis papo.

Seguimos em um carro até o grande prédio com vidros escuros da Inteligência.

Christian Braithwaite no esperava segurando uma pasta. Era um dos homens mais experientes que trabalhava naquele prédio. Ex-ministro da defesa, agora liderava a Inteligência.

A inteligência é o serviço secreto que serve somente à família real. Composto por espiões, agentes de campo, engenheiros entre outras profissões. Foram selecionados a dedo por membros do conselho no qual a rainha preside.

Quando chamam a Inteligência, já era.

Passando por vários corredores, adentramos numa sala, e no meio dela sentada em uma cadeira com as mãos presas a uma mesa, estava Calena. Ela parecia entediada brincando com as algemas.

Christian Braithwaite entrou na sala e ligou a câmera.

Mamãe e eu ficamos atrás do vidro para observar o início do interrogatório. Eu sempre quis saber mais sobre a russa, mas não daquele jeito.

— Vamos começar com o seu nome — disse Braithwaite, se sentando e jogando a pasta na mesa.

— Só falo se for com a princesa — respondeu Calena numa pose descontraída.

— Não é possível. Qual seu nome?

— Tenho certeza de que você sabe. Deve estar escrito aí.

Um riso escapou da minha. Emelia olhou de esgueira para mim.

— Você é filha de Dimitri Kurochev? Trabalha para ele?

Calena continuou calada. Em seguida recebeu um tapa na cara.

— Mãe! Ele não pode fazer isso! Deixe-me entrar!

A rainha se concentrou no cubículo onde Braithwaite continuava a fazer perguntas, não obtendo nada. Até aquele momento a loira havia levado uma boa dezena de tapas. O rosto estava vermelho. Calena não parecia ligar e ainda exibia um sorriso cheio de sangue entremeio seus cabelos bagunçados.

A rainha apertou um botão e uma luz vermelha dentro da sala acendeu chamando a atenção do homem. Ele saiu e Calena cuspiu no chão. A rainha se virou para mim.

— Vai.

— Vossa Majestade, não é prudente a princes-

— Vamos ver o que ela consegue — interrompeu a rainha.

Pego os papéis da mão de homem mirando ele com certo ódio e entro na sala. Os olhos de Calena brilharam intensamente junto a um sorriso generosamente grande e ensanguentado.

— Linda como sempre, princesa.

Tentando não parecer nervosa, sento e coloco os papéis na mesa.

— Você está bem? — pergunto com certa intimidade e querendo tocar em seu rosto.

— Estou ótima! — Isso aqui apontou para a face. — Carinho de neném.

Me recomponho e limpo a garganta.

— Qual é o seu nome?

— É sua primeira vez fazendo isso né? – ela ri. — Meu nome é Calena Fantazi.

— Idade?

— Vinte e quatro anos.

— Onde nasceu?

— Moscou.

— Você é filha de Dimitri Kurochev?

— Não. Fui adotada.

— Trabalha para ele?

— Eu não trabalho mais para ele.

— Mas trabalhava?

— Sim.

— Como era seu trabalho?

Calena ponderou.

— Recebia contratos diretamente dele para eliminar pessoas.

— Ele recebeu o contrato relacionado a mim?

— Sim, mas ele recusou.

— Por que não aceitou? Era muito dinheiro.

— Ele não é estupido. Definitivamente ia dar merda. Ele presa muito pelo que construiu.

— E se ele lhe passasse o serviço?

— Não queria mais fazer este tipo de trabalho. Não ajo contra mulheres. Além disso, era errado, você é uma boa pessoa.

A luz vermelha acendeu. Eu ignorei.

Fiz outras perguntas que não estavam na lista. Entrando mais a fundo da decisão da loira não executar o seu trabalho, sobre os dias passados na Alemanha, o tiroteio, sua missão em descobrir as pessoas por trás do pedido de assassinato e de como ela os encontrou.

Era preciso que Calena contasse muito mais do que aquelas folhas estavam pedindo. Precisava mostrar para a rainha e para o líder da Inteligência que a russa não era a pessoa que eles pensavam. Não mais. E que Calena estava mesmo empenhada em trabalhar para me proteger.

A luz vermelha piscou por diversas vezes.

Juntando as folhas, faço uma última pergunta:

— Por que você quis tanto me proteger?

Calena olhou para as mãos. Em meio ao mínimo sorriso. Ela chamou com um dedo. Me inclino em direção a ela. A boca encostou em minha orelha, o calor do seu hálito quente desceu por meu pescoço. Ela sussurra:

— Gostei de você. Desperta algo em mim.

Recuo olhando nos olhos dela e sorrio. Viro de costas e saio sem falar mais nenhuma palavra.

— Consegui tudo e mais um pouco, e agora? — Solto ao ar preso nos pulmões.

— Não sabemos se tudo que falou é verdade, mas a maioria bate — comentou Braithwaite.

— Eu posso confirmar tudo. Ela não iria mentir, não para mim.

A rainha me deu um olhar observador tentando entender a relação minha com aquela mulher que ela considera extremamente perigosa.

— Braithwaite, ninguém pode saber do que aconteceu hoje. Nenhuma informação pode vazar. Entendido? — disse a rainha em um tom ríspido.

— Sim, Vossa Majestade. Os arquivos ficarão em meu cofre pessoal separado dos demais.

— Eu não sei o que fazer com ela — A rainha se manifestou olhando para Calena pelo vidro. O tiroteio na fábrica deixou 2 feridos. Está sendo noticiada em todos os canais.

Ela fez isso tudo para me proteger.

— Podemos dizer que ela é uma agente da Inteligência que rastreou Boris e foi atacada — opinou a princesa.

— E por que está tão empenhada em livrar essa mulher, Vossa Alteza?

Braithwaite não entendia. Assim como minha mãe.

— Ela pôs a vida em risco para me proteger. Se não fosse por ela, talvez eu não estaria viva.

— Isso porque você não nos avisou! E nem ela. — Poderíamos ter te escoltado de volta para casa. Sua teimosia passou dos limites!

— Eu gosto dela – digo, ignorando a bronca. — Ela está disposta a mudar. E se Vossa Majestade a liberasse?

— Manteremos ela aqui até segunda ordem — disse Emelia.

— Quero que ela seja parte da minha equipe de segurança.

Os dois arregalaram os olhos em minha direção.

— Você está me surpreendendo esses dias minha filha. Que tipo de feitiço essa mulher colocou em você? Ela está te chantageando? Que ideia é essa?

Ah mãe, nem te digo qual feitiço.

— Você não entende.

— Me explique.

Eu sou capaz agora? Capaz de dizer que tenho um sentimento em relação a aquela mulher? Uma mulher que já matou um monte de pessoas? Que tem um passado sombrio e que deveria passar o resto da vida numa prisão?

Esfrego as mãos, nervosa e olho para o vidro sem responder.

— Até segunda ordem. Vamos, tenho coisas a fazer.

A rainha deixou da sala.

Três dias após o interrogatório, e depois de uma reunião desgastante em família, fui pessoalmente até a sede da Inteligência buscar Calena. E claro, estava acompanhada não só por meus seguranças, mas quase um pelotão inteiro.

Emelia decidiu liberá-la como forma de agradecimento por ter me salvado, e também dizer que foi a inteligência que conseguiu rastrear e prender os suspeitos. A Inteligência iria lidar com tudo.

E foi liberado para a mídia que conseguiram com êxito prender os suspeitos do crime. Tínhamos tudo contra Boris Kaviv. É esperado que ele e Niels peguem prisão perpétua pelo que

fizeram.

A russa deveria voltar ao seu país imediatamente por conta própria. Ser extraditada geraria assuntos tanto internos como externos. E se ela ficasse, como eu estava planejando, poderia surgir boatos indesejáveis. Então a Rainha convidou a mulher para se retirar.



— O que diabos ela está fazendo aqui? — perguntou a rainha, ao dar de frente com comigo e Calena em um dos corredores do palácio.

Emelia estava acompanhada de meu irmão. Desta vez, ele estava confortável em um terno aberto de cor azul marinho e gravata na mesma cor.

— Temos alguns negócios para resolver.

— Negócios? — A Rainha e Calena disseram ao mesmo tempo. Eu piso no pé da loira e limpo a garganta.

— É, negócios — Calena confirmou, não convencendo ninguém.

— Ela deveria estar na Rússia e não em meu palácio.

— Então ela vai ficar comigo no meu apartamento — desafio. — Eu estava desobedecendo não só a ordem oficial da rainha, mas também da minha mãe.

— Katherine Victória Øster!

— Mãe. — Interrompeu Erick, que estava calado até o momento.

A russa apenas acompanhava a discussão.

— Irei falar com sua Majestade outra hora. Com licença — Pego Calena pelo pulso e começo a puxá-la pelo corredor, mas a russa fez questão de fazer outra reverência.

— Quando eram menores era mais fácil! Vocês obedeciam! — esbravejou Emelia.

Dois minutos de caminhada e chegamos na ala onde eu vivia, mas não por muito tempo. Tenho em mente me mudar para meu apartamento.

Calena passou esse tempo observando as tapeçarias, telas elegantes, fotos e a bela arquitetura do lugar.

— É realmente incrível. — disse Calena ao chegar no meu cantinho — Bem rústico. Ah, é claro que encontraria um desse — apontou para o tabuleiro de xadrez no canto da grande mesa onde meu troféu também descansava.

— Ainda estou esperando por aquela partida que você prometeu. Quer alguma coisa?

— Tem vodca?

— Tenho de tudo um pouco aqui. Hey! Tira os pés do sofá!

— Não ouviu falar nas regras de hospitalidade? Preciso de conforto e alimentação. Tem algo de comer aí? Estou cheia de fome. Não me alimentaram direito naquele lugar e eu ainda não comi.

— Pode ter conforto que quiser desde que tire os malditos pés de cima do meu sofá.

Calena encolheu as pernas.

Sirvo a vodca e uma dose dupla de whisky para mim e peço para a comida ser entregue. A refeição do jantar ainda deveria estar aquecida.

A russa engoliu o conteúdo do copo em um único gole.

— Você insistiu bastante para que eu ficasse — começou.

— O que eu posso fazer? Eu gosto de loiras.

Era a primeira vez que flertei descaradamente. Só faltava me jogar nela. Coisa que eu estava

pensando em fazer ali mesmo. Eu estava pouco me lixando.

— Eu nunca fiquei tão feliz em ser confundida.

— De novo esse assunto.

— Irei trazê-lo à tona até você confessar.

— Tá. Percebi que era você no meio do caminho. Pronto.

— E você não parou imediatamente.

— Não parei.

— Viu como foi fácil.

Sou fácil que quando é com você, pensei.

— Então, o que você disse no interrogatório...

— Eu disse um monte de coisas. Era um interrogatório.

Reviro os olhos.

— Sobre *gostar* de mim.

— Ah isso. Sim foi bem sério, Alteza.

— Eu gosto de você também — digo, levando o copo ao nariz para sentir o aroma de madeira envelhecida e baunilha do whisky.

Calena abriu um sorriso.

— Sei que sou bonita além da conta e ainda não lhe ofereci o que tenho de melhor — disse ela, toda confiante. — Acho também que você gosta de uma mulher perigosa. Me manter por perto deixa outros com medo, isso te excita, não é?

Nunca havia pensado por este lado, e chego à conclusão de que eu gosto bastante. Faço um pequeno sinal com os dedos sinalizando *'um pouquinho'*.

Calena deixa seu copo na mesa, ainda me encarando. Estamos a uns bons quatro metros de distância uma da outra e sinto seu olhar queimando em meu corpo.

Ela se levanta e caminha em minha direção.

11

Calena Fantazi

Katherine engoliu a bebida e congelou ao lado da cadeira enquanto eu fazia meu caminho lentamente até ela arrastando os dedos sob a madeira lisa da mesa sem desviar os olhos dos seus.

Tudo que eu sabia era que iria tirar aquele elegante vestido negro com costuras douradas e sem decote daquela maldita princesa que é dona de noventa porcento de meus pensamentos. Eu preciso prová-la pelo menos uma vez antes de ir embora. Sinto saudades daquele toque quente e delicioso que foi aquela boca na minha. Fiquei por semanas pensando naquele beijo.

Quando estava presa naquela mesa com a jovem à minha frente mexendo aqueles lábios ao fazer perguntas, a vontade cresceu mais ainda.

Não pensava mais em como eu acabei parando onde estou: no palácio da família real da Dinamarca, na casa da princesa, depois de a proteger de quatro assassinos e capturar os dois homens envolvidos no esquema.

Depois que fomos separadas, acreditei que aquilo não era correto e durante todo o tempo em que havia saído em busca da ameaça, o rosto da princesa vinha à minha mente. Eu sempre pensava nela antes de dormir.

Ela é uma pessoa única e eu caí em seus encantos sem ela nem fazer força.

— Sabe o que duas pessoas que se gostam fazem? — tamborilo os dedos na madeira ao parar em frente a jogadora de xadrez. — Na *verdade*, mais do que se gostam.

Colo o meu corpo no dela e ela envolve minha cintura. Avanço e a princesa recebe minha boca, cedendo a aquele desejo. Ela coloca as mãos nos meus cabelos aprofundando o beijo. Sua língua convida a minha para dançar.

Neste tipo de dança, eu arraso.

Subo meus dedos por sua nuca, agarrando as mechas castanhas de seu cabelo arrumadinho, enquanto a outra aperta sua bunda. Paro o beijo e Katherine geme. Tiro aquele vestido estilo tubinho o mais rápido que consigo. Puxo a calcinha para baixo. Ela dá um riso e balança as pernas. Aperto e cheiro a renda vermelha ligeiramente úmida. O item mais valioso em que pus as mãos. *Sim*, a calcinha de renda vermelha da princesa da Dinamarca. Katherine me observa totalmente excitada.

Jogo minha roupa em um canto qualquer e puxo uma cadeira acolchoada. Deixarei para sentir o gosto de sua boceta um pouco mais tarde. Eu a chamo toco minha coxa onde eu quero que ela se sente. Trocamos outro profundo beijo enquanto eu habilmente retirava o seu sutiã com uma mão. Agora eu podia sentir todo o seu corpo principalmente o calor de seu sexo roçando em minha perna.

Não precisávamos de palavras naquele momento. Katherine gemia baixinho em meu pescoço, movendo os quadris para frente e para trás.

Ela está a *me* cavalgando.

Tinha que admitir que Katherine sabia como se mexer.

Aperto sua bunda a deixando ter o seu prazer enquanto beijava sua garganta.

O que quero mesmo é me afogar naquela fenda quente e encharcada. Puxo os cabelos de Katherine e a faço dobrar para trás. Ela não parou de rebolar. Arrasto a língua entre meio os seios dela, então abocanhou um. Eles eram dignos de atenção. Não tão grandes, não tão pequenos. Durinhos e empinados, iguais aos meus, mas os bicos tinham uma coloração amarronzada.

Desço os dedos até encontrar o sexo da princesa massageando-o em círculos. Katherine gemeu e rebolou mais rápido colocando a boca na minha orelha.

— Me come. Me come... — sussurrou cheia de tesão. Suspiro sorvendo o cheiro de sua pele com aquele pedido manhoso.

— As suas ordens, princesa. — Deslizo dois dedos para dentro dela e ela grita brevemente. Ela pingava desejo. Movi, lento e fundo. Katherine gemeu e me enlaçou pelo pescoço e arfando de prazer aumento a velocidade. Eu a fodia rápido em meu colo. Os movimentos dela se tornaram desenfreados abrindo mão da cadência para chegar ao orgasmo. Levei a mão até seu pescoço apertando-o. Segundos de passaram até ela tremer e desfalecer, deixando cair seu corpo contra o meu. Seu gozo escorria, molhando toda minha coxa. Katherine ainda se mexia vagarosamente querendo obter um último resquício de prazer.

Retiro os meus dedos e os chupo sentindo pela primeira vez o gosto dela.

Divino.

— Nossa... – disse ela, ofegante.

— Que bagunça gostosa Vossa Alteza fez — passo os dedos na coxa molhada com a excitação dela.

Katherine beija minha boca escorrega até ficar de joelhos na minha frente. Ela começa com beijos em meu joelho até chegar na parte da minha coxa onde ela estava sentada segundos atrás. Ela lambe todo o mel que ela deixou, provando do próprio gosto diretamente da minha pele, tudo isso me encarando com aqueles olhos castanhos.

Nossa. Está aí uma coisa que eu nunca vou esquecer.

A boca se aproxima do meu centro, ela separa meus lábios e tremo quando sinto sua língua passar sobre meu clitóris. Passo os dedos por seu cabelo e o prendo puxando sua boca para a minha boceta melada por ela.

Katherine se empenhava em me dar prazer, acho que ela queria me impressionar já que não tinha oportunidades por ser da realeza e ter que se esconder. Tinha a tal da Ellen e eu não sei quantas vezes elas se envolveram, mas não quero pensar mais nisso. Eu a deixaria fazer o que quisesse comigo para que pudesse saciar toda a sua curiosidade e vontade.

Ela introduziu dois dedos em mim, fazendo aquele vai e vem gostoso e me conhecendo por dentro. Gemi seu nome e a incentivei ir mais forte. E ela acatou o meu pedido como uma subordinada. A sua boca não parava, chupava, lambia a minha pele que se encontrava vermelha e escorria a cada toque dela. E mesmo ocupada com aquilo tudo, ela gemia deliciando-se com o meu prazer.

Que visão. Uma princesa chupando minha boceta e me fodendo com os dedos. *Katherine*. Nada vai superar isso.

Uma de suas mãos alcançou meu seio e ela começou a apertar enquanto eu apertava o outro.

Eu gozei em sua boca e ela limpou toda a minha boceta com a língua. Aquela mulher quase inexperiente me deu o meu melhor orgasmo.

Continuei a olhar para ela. Soltei os seus cabelos e ela levantou a cabeça. A boca melada do meu gozo.

— Não me chame de Vossa Alteza.

— Eu chamo você do que eu quiser, sua safada.

A maldita sorriu. *Tão linda*.

Eu não conseguia tirar a visão de Katherine lambendo o próprio gozo da minha coxa. Eu não conseguia tirar a visão dela chupando a minha boceta.

Eu não quero ir embora.

Eu preciso tê-la.

O olhar que eu dou a ela agora, eu nunca dei a ninguém. Um olhar de paixão, amor genuíno. Isso nunca aconteceu com nenhuma mulher com quem eu tenha ficado. Por causa da minha vida passada, eu evitava conexões, era apenas sexo.

Eu não tenho certeza se Deus existe ou não, e também não acredito em destino. Eu tracei o meu próprio caminho e estou aqui.

Não há nada melhor.

Eu levanto e a puxo para mim. Eu a beijo e aliso sua cabeça. Ela merece todo o carinho do mundo pela pessoa que é. Eu nunca fui tão carinhosa com alguém. Eu definitivamente tinha mudado bastante.

A pego no colo e ela dá um gritinho. Coloco-a em cima da mesa de madeira e aproveito para chupar os seus seios. Ela geme aperta das pernas em volta da minha cintura.

Logo saio do seu aperto porque era minha vez de ficar de joelhos por aquela mulher.

Fico de joelhos entre as pernas da dinamarquesa. Ela faz o mesmo movimento agarrando as mechas dos meus cabelos. Eu não perdi tempo e provei aquele néctar. Ela já molhava toda minha boca. A safada está com a boceta lisinha sem nenhum fio de cabelo. Passo a língua pelos pequenos lábios e abocanho seu clitóris sugando forte, fazendo Katherine gritar. Por mais que eu quisesse ouvir ela gemer, peço silêncio e ela ignora empurrando minha cabeça de volta para sua intimidade. Quando a fiz gozar, bebi de seu gozo e lambi o que escorria.

Eu a peguei no colo, ela estava cansada depois gozar intensamente duas vezes, mas a minha fome não tinha passado levei ela até cama e começamos tudo de novo. Nenhuma palavra, apenas toques e prazer. A nobre apertava meu corpo e meus mamilos duros, deixando a sensação ainda mais prazerosa. A princesa se demorou em minha boca, é incrível beijá-la.

Desci mordendo suas coxas até chegar novamente em sua fenda molhada que esperava por minha boca quente. Ao toque, Katherine gemeu e incentivou a penetrá-la. Rolamos pela cama grande esquecendo-se de tudo e de todos naquela noite que esperei por meses acontecer.



Acordo sob grossas colchas. Esfrego os olhos e vejo a bela figura de Katherine em frente ao espelho ajeitando um brinco na orelha. As joias brilhavam à luz do sol junto com um lindo colar de pequenas pedras preciosas. Os cabelos castanhos estavam enrolados em um coque, e por cima, um pequeno chapéu lilás com uma flor branca. É claro que ela estava de vestido. Uma linda peça branca sem muitos detalhes além de uma fita também lilás em volta da cintura; as luvas da mesma cor de seu chapéu percorriam desde os dedos até os cotovelos. Por fim, a princesa se virou e baixou a teia negra do chapéu cobrindo a face. Eu adorava as roupas que a mulher usava, tinha que admitir que ela tem a mais alta classe na escolha do vestuário.

— Você acordou — disse ao perceber que eu a observava.

— Está magnífica Vossa Alteza. Aonde vai?

— Preciso estar presente em um café da manhã.

— Também quero. Alguma chance eu conseguir algo doce? Tipo você?

Katherine curvou a cabeça de modo curioso. O penteado nem se mexeu.

— Sério?

Me livro das colchas saindo da cama. Sem nada cobrindo meu corpo. Katherine ficou hipnotizada e eu adorava o efeito que eu tinha sobre ela. Se eu quiser deixá-la meio abobalhada

era só eu tirar a roupa.

Pulo na mesa e me sento na beirada. Mordo o lábio inferior e balanço as pernas como uma menina travessa.

Eu estou adorando minha nova vida.

E acho que não vai durar muito. Isso me deixa triste.

— Então, quais são os negócios? — pergunto para uma Katherine já seduzida. Não tivemos a chance de conversar sobre na noite passada.

— O quê? — Tirou os olhos dos meus seios. — Ah sim. O que vai fazer a partir de agora?

Não sei o que irei fazer, mas abriria mão que qualquer coisa para ficar aqui, pensei. Mas terei que ir embora, ou trarei problemas.

— Me deitar numa ilha paradisíaca e tomar um sol, mas tenho motivos para ficar.

— Tem? — Ela sabia que era por causa dela que eu queria ficar.

— Como eu explico... Você é gostosa, e eu gosto do seu estilo.

Katherine arregalou os olhos.

— Então você quer ficar por aqui só para me ter como seu brinquedinho sexual?

A pergunta saiu como se ela não se importasse muito em ser meu brinquedinho sexual.

— Não é uma má ideia.

— Cuidado, pode ser o contrário — Eu vi através redinha que caia sobre o rosto, o seu olhar desafiador.

— Hm...

Levanto a mão e toco o seu vestido à procurando o zíper para tirá-lo. Katherine deu tapinhas para me afastar.

— Para com isso.

— Você vai negar o fato de que fizemos um louco e delicioso sexo selvagem ontem? — Ela não respondeu. — Naquela cadeira chique — aponto para o móvel lembrando de como ela escorregou pelo meu corpo e lambeu minha coxa provando seu gozo. — E nesta mesa — aliso a madeira como se fosse um animal de estimação peludo —, e naquela cama. Sexo pela manhã bate diferente. Vem. — Jogo meu cabelo de lado inclinando o corpo para trás para mostrar a ela que eu estava pronta para ser tomada. Algumas marcas feitas pela boca e unhas dela na noite passada ainda eram evidentes em minha pele pálida.

Vi a mulher fascinada ponderar.

Ela alcançou o meu ferimento na barriga com a mão e depois subiu para o ferimento no braço e dali, alcançou meu seio esquerdo e apertou, mordendo o lábio inferior ao mesmo tempo.

— Estarei ocupada o dia todo. Tenho um evento para ir e depois um encontro com jovens no centro humanitário e a inauguração de uma escola.

— Tantos compromissos, como você tem tempo para treinar e competir?

— Com essa coisa toda que aconteceu, eu fui liberada de muitos compromissos, mas não é assim todos os dias, meu irmão e minha mãe são bem mais ocupados do que eu. Minhas semanas são bem organizadas. Eu dou conta.

— Entendi.

—Eu não quero que você vá embora.

Katherine puxou o mamilo durinho entre os dedos e eu segurei um gemido.

— Eu também não quero ir embora, mas isso contraria a sua mãe e pode haver muitos problemas. — Toco o seu pescoço e ela se aproxima entrando no meio das minhas pernas. Sua mão desliza de meu seio passando por minha barriga até chegar em minha boceta. Abro mais as pernas e ela começa a me masturbar.

Eu suspirei. Katherine suspirou.

— Sobre os negócios. Estive pensando se você aceitaria um emprego, caso eu passe pelas barreiras da minha mãe.

— Onde?

— Aqui. Quer dizer, não aqui, mas comigo. Como minha segurança pessoal.

Ela passou o dedo sobre meu clitóris molhado e perco o tempo da resposta.

Eu a olho intrigada e tomada pelo tesão.

— Caralho Katherine — gemi e ela sorriu triunfante — Eu... Mmm... não tenho dois metros e 100 quilos, não tenho credenciais, fora isso, eu sou incrivelmente habilidosa, mas a rainha me convidou a sair do país. Eu literalmente salvei sua vida e sua mãe não parece gostar de mim.

— O seu passado deixou todo mundo com medo porque você sabe... *pew pew* — ela faz um gesto de arma com a outra mão livre — Passado é passado. Eu vejo dentro de você e sei que mudou apesar de eu não conhecer sua versão passada. No caso seria contratada por mim e não pelo governo, então ninguém poderá falar nada, podem falar, mas eu não vou ouvir. Sei que é quase impossível, mas uma garota pode sonhar.

— Admiro a grande confiança, mas não sei. Vai ser difícil não apertar sua bunda em público, ou lhe dar um cheiro.

Katherine riu.

— O salário será compatível com o cargo.

— Vou ter que usar terninho?

— A roupa será formal como pede a etiqueta podemos fazer um teste hoje. Acho que um terninho ficará perfeito em você.

— Não pode ser daqui meia hora? Você está me alisando há cinco minutos, e eu quero gozar. Também e quero te ver apenas com esse colar no pescoço.

— Infelizmente não. Eu vou me atrasar.

— Vamos, eu posso ser o seu brinquedinho sexual hoje — aperto sua cintura com minhas pernas. Katherine definitivamente ia se atrasar porque ela ainda brincava com os lábios da minha boceta molhada e eu não a deixaria sair antes de fazê-la gozar.

Ela olhou para o pequenino relógio no pulso e enfiou os dedos em mim. Gemi jogando a cabeça para trás

— Posso me atrasar um pouco — disse depois de me beijar —, mas vou ficar vestida.

— Adoro desafios.



Ela estava atrasada.

Hehehe.

Mesmo assim, ela desceu do carro e atendeu algumas pessoas que passavam frio na frente do palácio apenas para ver alguém da monarquia. Ela trocou sorrisos e agradecimentos e também algumas palavras.

A primeira parada foi em um evento beneficente. Eu poderia fazer este trabalho por toda a vida. Seguir Katherine para cima e para baixo e sempre tê-la à minha vista, definitivamente não era ruim.

Os dinamarqueses eram um povo muito educado, mas sempre tinham algumas pessoas um

pouco mais “agitadas” que tentavam tocar a jovem. Eu prestava muita atenção nelas. Os seguranças faziam seu trabalho e eu e as afastava exibindo uma carranca.

Esquecendo de toda essa coisa de etiqueta, até porque eu não sei de nada dessas coisas da realeza, eu coloquei a mão na coluna de Katherine enquanto seguíamos pelos bastidores. O toque não passou despercebido por ela que tirou educadamente minha mão de lá e Matt me deu um puxãozinho de orelha pelo ato.

Até aquele momento, Katherine não se deu ao trabalho de explicar para ninguém o porquê que eu a acompanhava.

Katherine podia envolver qualquer um com a sua fala. Era carinhosa, gentil e sorridente. Quando chegava a hora de dizer palavras mais sérias ela fechava um pouco a cara para passar a importância do que ela dizia. Todos tinham olhares de admiração direcionados a ela.

Depois do almoço, partimos para a inauguração de uma escola. O resto da tarde foi ficar de guarda observando.

Em todos os momentos era eu que ficava mais próxima, sempre a três passos da mulher. Eu não tinha aprendido sobre nenhum protocolo, mas fazia o que os outros seguranças faziam.

Era impressionante, por onde ela passava os convidados se curvavam, depois sorriam agradecidos e com os olhos brilhando por ter a presença dela ali.

Eu não gostava de câmeras, e ao redor da princesa tinha muitas. Katherine ainda não era aberta sobre sua sexualidade e eu pensava quando ela falaria sobre isso, a vida dela se tornaria um pouco complicada.

Estávamos em uma casa a cinco minutos centro de Copenhague. E é ainda maior que sua moradia oficial no palácio. A casa tem uma aparência antiga por fora com raízes de plantas e folhas subindo pelas paredes. Por dentro, alguns lustres estavam pendurados no teto assim como em praticamente todo o palácio. A arquitetura antiga era atrativa e Katherine a replicou muito bem adicionando alguns móveis de madeiras provavelmente feitos no século passado e algumas pinturas.

A rainha não gostou nada quando soube que Katherine estava zanzando comigo publicamente. Mãe e filha discutiram por telefone enquanto eu esperava relaxada no sofá. Nenhum agente secreto apareceu para me levar. Aceitei este teste apenas para ter conhecimento do que uma princesa realmente faz, além de ficar mais perto dela, não iria durar muito, infelizmente eu precisava ir, pelo menos por algum tempo.



Niels e Boris estavam numa prisão federal de segurança máxima e os jornais noticiavam sobre os dois e Katherine, falando sobre o acontecido.

Emiti um sorriso quando disseram que foi um agente livre que estava em contrato com a inteligência que conseguiu rastrear os dois. Quando o jornalista falou, a princesa se virou para a tv para conferir a notícia.

— Eles me contrataram e eu nem estou sabendo — brinquei.

Então ela se virou e sumiu para algum cômodo da casa enquanto perguntava à mãe sobre a notícia. É claro que a monarca não iria falar nada por telefone. Eles ainda passariam por julgamento, com total certeza a princesa participaria dando sua versão e eu também.

Alguns minutos depois, ela voltou com um semblante mais tranquilo.

— O que achou do dia? — perguntou Katherine. Matt, Rob e Andersen ficaram do lado de fora e eu fui convidada a entrar. Eles ficariam rondando o perímetro, afinal, era o trabalho deles.

— Olhar para você o dia todo é um bom emprego. Se este é o trabalho de uma princesa você faz muito bem.

— Obrigada. — Ela se senta ao meu lado. — Normalmente eu lido mais com assuntos ambientais. Tenho uma pequena startup de reciclagem e uma escola de xadrez.

— Está aí uma informação que eu não sabia.

— Fique à vontade. Ah! Minhas pernas estão me matando — Esticou o corpo e fez uma careta. — Eu preciso fazer mais algumas ligações. É sobre o meu campeonato de xadrez que está para começar, preciso fazer os últimos ajustes. Tem alguns hotéis aconchegantes na área. Você pode dar uma olhada. Por mais que eu queira, não é uma boa ideia você ficar aqui. Você sabe por quê.

Tentei não exibir uma cara triste. Como seria a reação da mulher quando eu fosse embora? *Ela está realmente acreditando que eu poderei ficar? Nem por um milagre.*

— Como sua segurança pessoal, eu não deveria estar sempre em sua presença? — Eu me levanto para ficar na sua frente. Retiro o blazer sob olhares curiosos de Katherine e o coloco na mesinha atrás de mim. Retiro a arma de choque *(eca)* que me deram e a coloco em cima do blazer. Fui vetada por ela a não levar minha arma, eu tinha o registro, só não estava em meu verdadeiro nome. E eles não me deram uma, apenas aquela coisa que dá choque. Aquelas roupas não tinham lugares para minhas queridas facas. Eu me sentia nua e não de um jeito bom.

Fico em um joelho e retiro os seus saltos devagar.

Estico sua perna esquerda e massageio entre seus dedos os separando e apertando. A resposta dela foi um gemido que eriçou meus pelos até de onde eu não tinha.

— Está bom? — pergunto subindo o aperto. Agora eu estava em sua panturrilha.

— Divino... isso, bem aí. Hmm...

— Vai jogar hoje?

— Hoje não. Farei um *puzzle rush* [1] e alguns games online amanhã. Participarei de alguns campeonatos presenciais em diversos países ano que vem. E adivinha? Irei para Moscou em agosto. Competirei lá.

— Posso te levar a alguns lugares. — Aperto a carne com mais força arrancando mais um suspiro dela.

Mudo para a outra perna e faço o mesmo, mas dessa vez não parei na panturrilha. Subo as mãos pelas coxas. Katherine assistia tudo relaxada. Me afasto e dou a volta no sofá. Aproximo a minha boca e arrasto minha língua de sua nuca até na orelha.

— Vossa Alteza precisa relaxar mais. — Minha boca está em seu pescoço, lambendo a pele cheirosa.

A princesa jogou a cabeça para trás e deu de cara com meus olhos de cabeça para baixo.

Eu sentiria tanta falta deles.

As mãos envolveram minha face, Katherine ficou estranhamente quieta. Os lábios dela tocaram os meus em leves carícias antes do beijo em si acontecer, mas não durou muito. Porque eu pulei por cima do sofá e a puxei para o meu colo. Puxo a alça do vestido para baixo e tenho acesso aos seus peitos. Meti o rosto no meio deles. Chupei um depois o outro. Katherine gemendo é música para os ouvidos. E pensar que eu passaria um bom tempo sem ouvir aquilo.

Eu não tinha certeza do futuro que me esperava.

12

Katherine Øster

Calena não estava no quarto. Ela deve ter saído para achar um lugar para ficar. Estiquei os membros e me pus de pé. Havia um envelope no travesseiro e o peguei.

Querida Katherine.

Desculpe por tê-la enganado com a falsa esperança de que eu iria ficar. Sabe que isso não é possível no momento, e não quero que você tenha problemas. Saiba que iremos nos ver novamente num futuro próximo e quem sabe eu possa ficar, isto depende de algumas respostas. Eu realmente gostei desse lugar e adorei os momentos ao seu lado. Você é uma boa pessoa.

Por favor não me ligue, e não me mande mensagens. Eu não quero trocar de celular de novo. Eu estarei bem.

Até,
Calena Fantazi

Fiquei em pé ao lado da cama com a carta na mão olhando para o nada um pouco atordoada.

Eu me iludia achando que tinha alguma possibilidade de ela ficar, mas mantinha aquela esperança.

Eu tinha um dia cheio e não me permiti que a ida dela tomasse conta de mim, doía um pouco, sim, mas fazer o quê? Era uma ordem direta e se fosse ignorada ela seria expulsa. Ela disse que me encontraria em um futuro próximo. Já estava contando os dias.

Seria na Rússia? Faltam dez meses para agosto. Tão longe.

Me coloquei dentro de um vestido simples e juntei meus cabelos em um coque com madeixas caindo dos lados. Para onde iria não precisava gastar horas no cabelereiro. Coloquei a carta em uma gaveta e parti.

Paramos em frente a uma pequena loja de joias. Garland trouxe o item dentro de uma maleta e o colocou em cima da mesa. Ele abriu os fechos e retirou o troféu mais lindo que já vi. Por um momento, esqueci Calena e meus olhos brilharam de orgulho e felicidade.

Era uma peça toda feita em aço e banhado a prata e ouro. O formato é de uma peça de dama que é sustentada por uma base. Chegava a quarenta centímetros e pesava cerca de três quilos. Um pequeno rubi estava acoplado no topo seguido por vários pequenos cristais, dando a peça um visual bruto e enriquecedor.

— É perfeito Garland. Muito obrigada.

— Apenas segui suas instruções Vossa Alteza.

Faltavam poucas semanas para o início do *KO Invitational.*

Garland colocou o item de volta na maleta. Peço a Andersen para levar a maleta e voltamos ao palácio.

Daniel esperava em uma das cadeiras para visitantes.

Desde que voltamos da Alemanha eu não joguei uma partida com o tabuleiro à minha frente, apenas online. Havia dado descanso a ele aquele mês depois do que passamos. Era bom voltar a

tocar nas peças com um oponente à minha frente. Há vários campeonatos em que tenho presença confirmada.

— Algo de errado? — perguntou ele. Eu não tinha dado nenhum sinal e estava concentrada no tabuleiro.

— Nada.

Após algumas partidas e puzzles para afiar a minha mente — que até então estava um pouco parada —, faria uma visita ao ministério do meio ambiente e depois descansaria e juntaria as forças para enfrentar outro dia.



Vinte e nove dias sem notícias dela, não que eu estivesse contando. Da outra vez, ela também havia ficado incomunicável e eu não gosto disso. Sou comunicativa e gosto de estar a par de tudo que acontece.

Será que ela voltou para a Rússia? Ou está em alguma praia como ela mesmo disse?

Cruzei os corredores vazios e por alguns minutos consegui esquecer a russa magra de cabelos loiros e olhos verdes como esmeraldas. Hoje seria a abertura do meu campeonato e eu não poderia estar mais alegre. Também era o dia em que eu escolhi contar à mamãe sobre minha sexualidade.

Eu não sabia o que esperar, mesmo assim meu animo estava elevado.

— Nervosa para o campeonato? — perguntou meu irmão ao me encontrar. — Você nem vai competir.

— Mas sou a realizadora, quero que tudo esteja perfeito.

Meu irmão semicerrou os olhos e meu deu um olhar inquisitivo.

— Notícias *dela*?

Porque você teve que tocar no assunto Erick!

— Não tive notícias dela. — E antes que ele pudesse responder, continuei — Estou indo falar com mamãe neste momento, irei contar a ela sobre... você sabe.

— Então tomou coragem.

— Essa data está marcada há meses e não sei se é o momento certo, mas eu preciso fazer, hoje. Vou mudar para a minha casa no centro.

— Não posso te acompanhar, desculpe. Se algo sair do controle me ligue. Irei sair rapidamente deste evento tedioso para te atender. Asta já não estava muito a fim de ir mesmo.

— Asta! Eu não a vi. Onde ela está?

— Na casa dela. Irei buscá-la.

— Ah! Não sabia que ela estava de volta. Diga que eu quero vê-la.

— Ela chegou há dois dias atrás. Irei passar o recado. Ligue para ela.

— Faço ao fim do dia. Eu preciso ir agora.

— Boa sorte irmã.

— Obrigada.

Assim que fecho a porta ela joga o jornal na mesa e retira os óculos.

— Ei mãe.

— Sim querida? — Ela olhou para mim colocando a caneta no tinteiro.

— Precisamos conversar sobre uma coisa.

— Algum problema com o campeonato?

— Não. Vai começar daqui a pouco. Eu apenas quero conversar.

— O que foi? Sente-se.

— Hm... isso pode ser difícil de escutar — digo, ao me sentar.

— Está me deixando nervosa.

— Eu gosto de mulheres — disse sem enrolação.

— E isso significa que você é-

— Lésbica. Sei que você deve estar desapontada comigo. Não terei filhos legítimos, não aumentarei a família. E eu não sei o que vai ser daqui para frente. Eu sou a mesma Katherine, não mudei em nada, só não quero viver escondendo o que sou, quero ser eu mesma. Por favor diga alguma coisa.

Ela fez um bico e cruzou os dedos das mãos em seu conhecido gesto pensativo.

— Entendi — disse mamãe, calma. — Admito que não era o que eu queria, mas não estou desapontada. Você é a joia dessa casa e todos nós te amamos. Por que não contou antes?

— Estava com medo.

— Ninguém aqui tem problema com isso. Devia ter conversado comigo no momento em que se... descobriu.

— Desculpa. Depois que se tornar público, pode me tirar dos eventos e compromissos se Vossa Majestade quiser, mas eu não vou me esconder tenho minha startup e a escolinha de xadrez e eu estarei lá quando precisarem de mim.

— Não há o que se desculpar. E sua agenda será a mesma. É a sua vida e você irá enfrentá-la. Desde que esteja feliz é o que me importa, terá o meu, o nosso suporte, mas você precisará ter cuidado com seus atos ou ao falar disso publicamente.

— Sou bem discreta, não sabe o quanto — deixei escapar. A conversa estava indo muito bem. Graças a Deus. — Como Erick disse, não vou marcar uma reunião com a imprensa e lhes dizer que sou lésbica, mas os rumores irão crescer e se a pergunta surgir, admitirei logo de uma vez.

— Ah, ele sabe?

— Contei para ele em um momento de desespero algumas semanas atrás.

— Agora tudo faz sentido — disse a rainha olhando diretamente nos meus olhos. — Sua obsessão por aquela mulher.

— É — confirmei cabisbaixa. Sorri de nervosismo. — Olha, eu sei que não vai com a cara dela-

— Ela entrou em contato com você?

— Não.

Mamãe enrugou a testa.

— Certo. Podemos conversar com calma mais tarde. Você tem o seu evento para participar. Deseja falar mais alguma coisa?

Foi mais simples do que eu pensava.

— Era só isso. Eu preciso ir, o campeonato vai começar. Conversamos depois.

— Me deixe a par do fim dos jogos, eu irei fazer uma visita a elas.

— Obrigada, estou ansiosa — respondi deixando o assunto ‘Katherine lésbica’ de lado — Em relação à minha agenda ser a mesma, queria dizer que agora que sou campeão mundial eu irei continuar a fazer minhas visitas nas ongs, só que com menos frequência e quanto a eventos, somente os mais importantes, se eu estiver disponível. Meu tempo estará dedicado à minha profissão como sempre.

— Então nada irá mudar, vá.

Com uma olhadela no relógio, girei, estava quase na hora. Antes de sair, mamãe veio até mim

e me abraçou. Aquilo não acontecia a algum tempo.

— Estou orgulhosa de você querida, é uma menina forte.

— Obrigada, mãe.

Me retirei do espaço e fechei a porta. Respirei fundo e segui pelo corredor.

Katherine Øster Invitational será o melhor campeonato de xadrez feminino que o mundo irá ver.



Elas já me esperavam. As melhores jogadoras de xadrez do mundo estavam ali no salão do palácio conversando e deslumbradas com a arquitetura do lugar. Câmeras já posicionadas e gravando o recinto. O esquema de segurança era grande já que a competição era dentro do palácio em um dos salões. O staff do campeonato andava para lá e para cá. Os juízes já a postos e as jogadoras, além de vários mestres de todo o lugar do globo conversavam e observavam o recinto. Aquilo me trazia uma felicidade imensa. Apesar das diferentes nacionalidades, todas ali conseguiam se comunicar através da língua inglesa e se davam bem umas com as outras.

O campeonato estava sendo transmitido pela internet e não havia plateia, apenas alguns convidados, como o campeão mundial Marcos Cuesta, organizadores, repórteres, entre outros grandes talentos do xadrez.

Após a cerimônia de abertura e algumas considerações finais, os jogos estavam para começar. Seriam doze dias de pura emoção!

A maioria dos jogos da primeira rodada já tinham acabado, apenas Ellen e Elena Andreeva ainda estavam à frente do tabuleiro. Ellen com uma grande vantagem e era questão de tempo para a sua vitória.

Além de ser o host do evento, tomei o lugar de comentarista das partidas e adorei experiencia.

O jogo terminou com surpreendente vitória de Ellen para cima da quarta no ranking feminino.

— Katherine, você ganhou o campeonato mundial. Como foi organizar o seu primeiro torneio? Tivemos jogos impressionantes hoje! — Dyna, a grande mestre convidada para as análises e comentários fez a pergunta.

— Ótimo! Quero fazer mais pela comunidade e também para as enxadristas.

— Ellen superou Elena nesta primeira rodada. Ela já tem as normas e está a poucos pontos para conquistar o título de Grande Mestre! Acha que ela consegue?

— Ela é uma das três mestras internacionais competindo e vitórias como essa garantirão pontos primordiais. Acredito que ela consiga.

Analisamos rapidamente o jogo entre a francesa e a russa e despedi saindo do estúdio.

Troquei palavras com Justina, Maria Almeida, Yue Li, Ellen, Graziela Mikhalina e todas outras que foram convidadas. Fizemos um tour pelo castelo. Elas conheceram a rainha e voltaram para seus respectivos hotéis.



Yue Li foi a primeira campeã do *Katherine Øster Invitational* depois de vencer Justina. A ex-campeã mundial era a favorita, mas o campeonato foi muito equilibrado com apenas meio ponto de diferença para a segunda colocada.

Das doze competidoras, Ellen ficou em quarto lugar. Para uma jogadora de um nível um

pouco mais baixo, ela se saiu muito bem e com seu desempenho conseguiria os 2500 de rating. A última norma para se tornar uma Grande Mestre.

Peguei o lindo troféu e entreguei para chinesa. Além dele, a mulher também levou um prêmio de cem mil dólares. Yue Li tinha um sorriso radiante e foi aplaudida por todos os presentes.

Depois da conferência com as jogadoras, fiz um convite para o bar do Jorgen.

Quando adentramos o bar, fui surpreendida e congelei na entrada. Meu coração foi até a garganta. Calena se encontrava atrás do balcão vestida com uma blusinha preta de alça fina escrito *Xeque-mate.*

Ela levantou a cabeça e travou seus olhos nos meus. Foi um momento mágico. O tempo parou e tudo que eu conseguia ver era ela com o seu sorriso característico. Os cabelos estavam mais curtos e caiam sobre as bochechas.

— Olá. Senhoritas! Bem-vindas ao *The Assassin* — disse em alto e bom som, sem retirar os olhos direcionados a mim.

— Não estou entendendo. — Me aproximei, eufórica. Eu queria pular o balcão e abraçá-la e beijá-la até minha boca doer — Você voltou? Como?

— Olá princesa. Eu comprei o bar.

— O quê!?

— Eu fiz uma oferta generosa. Jorgen já estava pensando em vender. Ainda preciso trocar a placa lá fora.

— Como você conseguiu voltar para Dinamarca?

— Aqui não é a inteligência para tantas perguntas meu amor. Ah, a Inteligência... foi engraçado quando cheguei no aeroporto, eles já estavam lá. — Ela sorriu e não me deixou falar. — Que tal você se enturmar com a sua galera, lhe faço companhia em um instante, podemos colocar o assunto em dia entre outras coisas. A primeira rodada é por minha conta. — Eu não me cansava de seu sotaque russo, era muito gostoso de se ouvir.

O bar estava lotado e mal conseguíamos nos mexer pessoas filmavam o local e também as jogadoras para fazerem uma espécie de documentário pós-campeonato. A maioria dos convidados também estava lá. A mesa que eu sempre ficava estava bloqueada por cordinhas vermelhas e lá já havia um tabuleiro com as peças no lugar.

— Onde está a mais nova Grão Mestre? Que tal uma partida de rápida*?* — gritei e todas gritaram em concordância. Ellen apareceu entre as pessoas.

Nos atrapalhávamos a cada jogada derrubando peças aleatórias porque já havíamos tomado um drink. Risos e gritos de incentivo ecoavam. No fim, eu venci. Aquele foi um dos dias mais felizes de minha vida. Xadrez nunca foi tão divertido! Era o que eu amava fazer.

A minha profissão.

E Calena estava de volta. Esperava que ela nunca mais parta para longe de mim.

Calena chegou com dois drinks nas mãos e uma revista debaixo do braço.

— Hey.

— O que é isso?

Ela virou a capa da revista para mim. A foto minha e de Calena estampava o lado superior direito. Era no almoço onde ela colocou sua mão na base da minha coluna. A foto flagrava o exato momento em que eu agarrava a mão dela para tirá-la de mim, mas a foto passava algo diferente, como se eu estivesse a segurando para não sair de perto. Eu não tinha visto aquela matéria. Andava muito ocupada para ler revistas de fofoca.

— Ah, isso aqui. Eu estava doida para ler para você. Vi numa banca de revista no aeroporto. Olha. Eles me chamam de guardiã da princesa. — Ela cutucou minha costela sorrindo e mexendo

as sobrancelhas.

— *Quem é a misteriosa loira que salvou a vida da princesa Katherine? Parece que a princesa Katherine Øster tem uma nova guarda-costas, não se engane pelo bonito rosto. De acordo com rumores, Calena Fantazi eliminou os bandidos que cercaram o carro que carregava a filha de nossa Majestade depois de ela vencer o campeonato mundial de xadrez na Alemanha. A investigação ainda está em andamento, os homens estão presos e esperando julgamento e não se sabe o motivo. Calena não tem ligação com o governo e parece que foi escolhida a dedo pela própria princesa da Dinamarca, há desconfiança pela bela loira ser de origem russa e um passado apagado, mas podemos ver que ela é muito eficiente em seu trabalho.*

Eu estava espantada. Não pela matéria. O que me impressionou foi que ela leu a matéria em dinamarquês com perfeita dicção

— Desde quando você fala dinamarquês?

— Eu não falo, ainda — ela levantou o dedo. — Eu li isso umas trezentas vezes, só quis te impressionar um pouquinho. Acho que funcionou. Quero aprender a língua, no entanto.

Começamos a conversar sobre o dia que ela foi embora. Ela não tinha escolha mesmo, tinha que ir, apenas para fazer a vontade de minha mãe segundo ela.

— Eu esperava te encontrar em alguns meses e depois no campeonato na Rússia, mas as coisas ficaram muito interessantes antes de eu embarcar. Um agente da Inteligência me abordou e entregou um envelope. Dentro, tinha uma mensagem junto a uma ficha e um celular descartável. Isso me levou a memórias passadas. Era um alvo. O homem mais procurado da Dinamarca.

“Desta vez, era diferente. Eu precisava rastreá-lo e se possível prendê-lo até a Inteligência chegar. Iriam me pagar muito bem pois estavam atrás dele há mais de dois anos. Seu pessoal ficou impressionado quando peguei aqueles dois sozinha. O seu país princesa, é muito seguro então imagine uma pessoa com vários crimes nas costas solta por aí. Eu recusei e fiz uma contraproposta. Que eu pudesse ser bem-vinda na Dinamarca novamente se eu conseguisse achar e prender o cara.

— Espera — interrompi. Eu tinha inúmeras perguntas.

— Deixe-me terminar. Perguntas depois. Continuando. O Homem do Arquivo não aceitou e depois de uma rápida ligação ele foi instruído a me levar até a sede da Inteligência, se eu quisesse. Eu o acompanhei e encontrei com o Braithwaite. Ele estava lá com sua mãe. Se eles me levaram até lá, estavam dispostos a negociar. E eu negociei. Me humilhei um pouquinho, mas consegui o que queria. E depois disso, tive até uma conversa decente com ela, que me contou sobre você se abrir sobre a sua sexualidade. É claro que ela disse isso porque sabia que eu estava envolvida com você, mas mesmo assim me perguntou e eu não menti.

“Comecei os trabalhos imediatamente Comprei uns equipamentos e iniciei minha pesquisa coletando todas as informações possíveis. Estou falando demais. Para poupar tempo irei resumir. Achei o homem no extremo sul em uma pequena fazenda isolada depois de trinta e quatro dias de um exaustivo trabalho de gato e rato. Ele estava diferente visualmente, mas nada passa despercebido por Calena Fantazi. Entrei em contato com a Inteligência e eles vieram e o levaram. Então aqui estou eu. Tudo por você, minha princesa. Posso te beijar agora? Aqui, na frente de todos?

— Não.

Meus pensamentos estavam uma bagunça. Braithwaite, a Inteligência... Mamãe! Ela escondeu isso de mim, além disso, ela sabe sobre Calena e eu e não disse nada. *Por isso o olhar estranho dela quando perguntou se Calena tinha entrado em contato comigo?*

Enquanto piscava e tentava pôr os pensamentos em ordem ela se aproximou perigosamente.

— Pare de pensar. — O hálito tocou minhas bochechas. — Fiz tudo por você para estar de volta. Eu realmente não me reconheço mais. Eu não faria isso por ninguém, mas você, Vossa Alteza... não sei o que fez comigo. — Algumas pessoas miravam-nos com olhares rápidos antes de desviarem para outro lugar.

Ela se inclinou para me beijar, mas a impedi.

— Certo. — Ela se afastou depois de bater de frente contra a minha resistência. Calena se levantou passando as mãos nos cabelos curtos. — Vou buscar um drink para nós. O seu favorito?

— Sim. Obrigada.

Minha cabeça iria explodir com toda aquela informação. Resolvi jogar tudo de lado e aproveitar a noite. E é claro que eu queria beijar Calena, sentir seu corpo no meu, sua boca e seus toques, mas estávamos agora em seu bar muito cheio e com privacidade zero. Não quero que eu e ela tenha nossos rostos estampados em jornais e revistas, mas sei que irá acontecer de qualquer forma.

Ellen aparece enquanto eu estava sozinha e cola em mim perguntando sobre a loira. Eu fiquei na defensiva.

— Calena! — Ellen gritou excitada quando a russa voltou.

Calena se sentou sorrindo encostando a perna na minha e desviou a atenção para o balcão.

Ellen mordeu o lábio inferior e fez um rápido gesto obsceno passando a língua no dedo. Ela apontou o queixo para a russa e depois piscou para mim.

Ellen e eu nos demos bem nas três vezes em que transamos. Ela era minha única opção e era raro nos encontrarmos. Nós somos do gene flexível. Ficar por baixo e ser castigada com toques prazerosos ou puxar uns cabelos enquanto meus dedos entram fundo, ou trabalhar a minha língua arrancando gemidos pesados. A excitante sensação no meio das minhas pernas começava a me dominar.

Com um pouquinho de coragem proporcionada pelos dois drinks, movi a minha mão esquerda para próximo da virilha de Calena apertando sua coxa por baixo daquela calça de couro e subi a mão até encostar em algo gelado. Calena levantou a sobrancelha olhando-me curiosa.

— Você está armada — repreendo baixinho no ouvido dela.

Calena puxou uma das pernas de sua calça para cima. Um toque gelado subiu por minha panturrilha tocando por trás de meus joelhos.

Lâminas.

Ela sorriu.

Meu Deus. Eu achava aquilo tudo muito sexy. Minhas bochechas esquentaram e a pressão no meio das minhas pernas me deixava a ponto de montar e me esfregar nela.

Apenas nos olhamos.

— A proposta do beijo ainda está de pé?

— Sim — Ela não fez nenhum movimento e continuou esticada no sofá.

Puxo seu queixo e a beijo carinhosamente nos lábios. Ela agarrou a base da minha nuca puxando alguns cabelos e aprofundou o beijo. Antes dela querer me devorar ali no meio do bar, eu me afastei. Aquele foi meu primeiro gesto em público e não consegui olhar para mais ninguém. Sorri envergonhada como uma adolescente apaixonada. Havia até esquecido dos seguranças. Matt, Rob e Andersen estavam parados com suas caras sérias observando tudo ao redor.

— Nossa, que delícia. — comentou Ellen, se abanando e bebericando o último gole de seu *Dry Martini*. — E eu? Ganho alguma coisa?

— Quem você quer? —as perguntou a russa, voltando a sua posição relaxada. Eu olhei para ela, rindo.

— Você. — Ellen apontou para Calena. A russa já iria se levantar, mas pus a mão no peito dela e empurrei de volta para sua posição.

— Desculpa Ellen. Ela é minha e eu a proíbo.

— Possessiva? Ah, eu vou morrer de tesão.

— Seguirei a ordem de minha princesa. — Calena passou a mão no meu cabelo ajeitando alguns fios soltos.

— Vou buscar meu último. — A francesa se levantou e foi em direção ao bar.

— Você iria beijar ela mesmo?

— Sim, mas já sabia que você não iria deixar. — Ela piscou e eu lhe dei um beijo na bochecha.

Eu iria ouvir muito amanhã e seria notícia em cada metro do país. As pessoas não paravam de olhar para nós. Algumas mexendo freneticamente nos celulares. Podia adivinhar a mensagem: *Você não vai acreditar! A princesa beijou uma mulher aqui no bar!*

Meu coração palpitava. Eu não ligo para o que ela foi no passado. Calena realmente mudou. Está nítido. E ela fará qualquer coisa para me ver segura. Assim como eu.

— Esperei esse beijo por meses. Eu quero mais — disse Calena em meu ouvido.

— Gostou?

— Muito, mas não estou satisfeita. Só fico satisfeita depois que chupo sua boceta.

Fiz um ‘O’ com a boca, chocada e empurrei seu ombro lhe dando uma falsa advertência.

Ela se aproximou mais. O hálito passou por minha orelha fazendo arrepiar. Não esperava aquela frase no meio daquela conversa.

— Gente, deu minha hora, vou voltar para o hotel — interrompeu Ellen, com sua bolsa no ombro. — Os treinos serão depois de amanhã de manhã?

— Sim. Às nove no meu endereço. Acho que eu também vou, quer uma carona?

— Eu aceito.

— Calena?

— Oi?

— Vai ficar no bar ou me acompanhar?

— Onde a Vossa Alteza for, irei atrás.

Deixamos Ellen no hotel e seguimos para meu apartamento. Depois de passar pelas etapas de segurança Calena entrou atrás de mim e fechou a porta.

— Finalmente, posso ter você toda para mim. — As mãos contornaram minha cintura e me puxaram com posse, arrebatando-me com outro beijo delicioso. Sua língua tocando a minha de forma aveludada e apressada.

Afastando-me, olhei fundo, desviando para o local onde o piercing estava cravado em seu nariz. Ela ficava tão sexy com aquela coisa.

— Eu adoro esse piercing. — Toco o metal frio ponta de seu nariz.

— Então... seu primeiro beijo em público.

— Não quero imaginar o dia de amanhã.

— Fica fácil com o tempo. Embora esperasse mais ousadia, eu entendo.

— Queria que eu te dedasse no meio do bar?

— Isso seria incrível.

Ah, aquele sorriso que me derrete.

— Espero que minha mãe não me mate — coloquei uma mexa atrás de sua orelha.

— Sei o que isso irá causar para a sua família. Eu já sou um caminhão de problemas, mas acho que estou me redimindo. Queria ares novos e deixei minha antiga vida para ter algo diferente. Algo que não envolva morte. Eu queria paz para poder gastar meu dinheiro a vontade e não ter preocupação com nada e acima disso tudo, pegar muita mulher — lhe dei um soco nos ombros, ela riu —, mas você entrou na minha vida e descobri que não consigo ficar longe e é a única que eu preciso.

— Mesmo com minha vida em perigo quando te conheci, você me atraiu. É loucura isso. Desde que eu deixei a Alemanha, sempre me perguntava onde e o que você estava fazendo. Está internada? Escondida em uma casa chique? Num hotel? Ou está pelos becos escuros? Pensei até o pior. Eu quero te tocar o tempo todo, sentir seus cabelos passando sobre meus dedos, sua pele branca, seu cheiro, ver o seu sorriso cruel, suas atitudes presunçosas e o seu sarcasmo chato. Até lamber esse piercing eu quero.

Ela ficou me encarando. Seu rosto radiante, pura felicidade.

A mão foi sedutoramente subindo por minhas costelas.

Espelhei seu movimento começando pela coxa. Encontrei o aço gelado em sua cintura e o puxei.

— O que vai fazer com isso, princesa? — perguntou de sobrancelha erguida, enquanto eu avaliava a arma. — Essa é uma Makarov modernizada com supressor e carregador de 12 cartuchos 9,2x18mm.

— Você acabou de me deixar molhada — respondi, excitada.

— Espere até você ver meu rifle de longo alcance. — Mordeu o lábio inferior.

— Você não pode andar com essa arma. Está em seu nome falso. Temos que estar na linha. Qualquer pingo fora do balde e estamos ferradas, então nada de andar com armas ilegais por aí.

Tirei o carregador e a bala que estava na agulha. O som trouxe memórias do ano que passei no exército. Depois daquele tempo nunca voltei a pegar em uma arma. Minhas armas eram peças de xadrez.

Coloquei a pistola desmontada em cima de uma mesinha sob o olhar atento de Calena.

— Essa foi a coisa mais sexy que eu já vi — disse ela, mais uma vez me agarrando.

— Uma mulher manuseando uma arma?

— Não. *Você* manuseando a *minha* arma.

Ela me puxou pelo braço e me levou até a cama e me jogou lá. Assim que ela se deitou sobre o meu corpo eu virei o jogo apertando seu pescoço e raspando minha unha por sua garganta e entremeio os seios. Eu tenho urgência em sentir seu gosto. Puxei sua calça de couro junto com sua calcinha branca. Acariciei seu clitóris abrindo seus lábios molhados com meus dedos. Sua boceta toda rosada me deu água na boca.

O que pode dar errado?

Algumas coisas.

E eu realmente não quero pensar nisso.



Nossos corpos estavam entrelaçados e cobertos com o grosso lençol. Fazia um frio gostoso e

estávamos acordadas. Ela olhando para mim e eu olhando para ela. É sábado e eu não tinha compromisso algum e podia ficar na cama fazendo nada, ou talvez muitas coisas. Um tipo de dia raro em minha vida.

— Conte-me sobre a história dos Fantazi. Você tem algum parente?

— Não existe nenhum Fantazi, eu mesmo me dei este sobrenome.

— Por quê?

— Eu me chamava Calena Nesov. Eu não sei muito sobre minha antiga família. Apenas que meu pai era um sádico. Eu não tinha mãe porque ela morreu quando eu tinha apenas três meses de vida. Meu pai me batia sempre que estava bêbado, e isso era quase todos os dias. Quando eu tinha nove anos, meu pai me bateu tanto que eu fiquei jogada na sala sem conseguir me mexer e quase desmaiando de tanta dor. Minutos depois, ouvi o corpo dele cair ao lado do meu com um buraco na cabeça. Eu mal enxergava e fui ter um vislumbre de quem havia me resgatado dias depois. Era Kurochev. Ele vigiava o vizinho ao lado quando viu meu pai me espancando. Kurochev me adotou e eu me tornei Calena Kurochev. No começo, eu não entendi o porquê dele me resgatar, o homem não tinha tempo para mim. Eu o via cerca de duas vezes por semana. Ele me deixava aos cuidados de umas mulheres no clube de strip-tease dele que se que se chama *Fantasy Strip club.*

— Ah não, Calena.

— Na época, Kurochev era um homem frio e sozinho, sem esposa e filhos. Ele nunca se aproveitou de mim. Eu passei muitas das noites naquele clube aos cuidados das dançarinas. Algumas mulheres eram felizes lá, outras, nem tanto. Normalmente as novatas. Eu era tipo a filha de todas elas e eu gostava de ver seus corpos seminus passando para lá e para cá, inclusive passei a ver quase todos os shows da madrugada. Algum tempo depois, Kurochev começou a ficar mais presente e eu passei a ficar menos tempo no clube. Aquele lugar apesar de ser muito explícito, foi acolhedor comigo. Kurochev me treinou arduamente e eu saia da sessão de treinos muito pior do que quando eu era espancada pelo meu pai, mas eu gostava do meu progresso. Kurochev dizia que eu poderia dominar qualquer um, ser rica e fazer o que eu quisesse uma vez que eu terminasse todos os treinamentos. Empunhei minha primeira arma aos doze anos e ganhei uma aos quatorze e fiz meu primeiro serviço aos quinze. Quando eu tinha tempo, sempre visitava o clube. Os seguranças me deixavam entrar, mesmo sendo menor de idade. Eles me conheciam, mas não era só por isso. Eu era a filha do dono e eles não queriam a filha do dono chateada. Foi o primeiro lugar onde eu gastei o dinheiro do meu primeiro contrato, não vou entrar em detalhes. Todas queriam me agradar e eu me sentia poderosa. Tenho muitas lembranças boas daquele lugar. Quando eu completei dezoito eu troquei meu sobrenome legalmente para Fantazi em homenagem ao clube, que foi praticamente minha segunda casa. A pronúncia como você conhece é diferente, não é como a palavra em inglês. É *Fan-tá-zi* com i no final. Para outras pessoas, pode ser uma coisa estúpida. Quem coloca o sobrenome em homenagem a um clube de strip-tease? Mas para mim, faz parte da minha história. Ei, não chora.

— Desculpa é que... uau que história.

— Você quis ouvir.

— Eu não me arrependo. — Funguei o nariz. — Eu não tenho nenhuma história interessante para contar a você, mas saiba que não vou te largar.

Calena tirou o pequeno anel de seu septo e o colocou na minha orelha.

— Você me tem, e eu tenho você. Te protegerei com minha vida. Eu juro.

13

Calena Fantazi

Com os serviços no bar apenas começando, ansiava em encontrar Katherine, na qual eu havia literalmente acabado de me separar.

Aquela que em público, era culta, sorria e acenava para todos com as suas belas roupas e maquiagem perfeita; e a sua segunda versão, que assim que passava pela porta de seu apartamento deixava a etiqueta de lado. Virávamos duas mulheres sedentas por prazer e fazíamos sexo até ficarmos exaustas e com cãibras. Era excitante o poder que eu tinha sobre ela, assim como ela tem sobre mim. E aquela manhã, particularmente, foi a melhor que já tive.

Ela treinava com Daniel e Ellen cerca de oito horas por dia. Eu não aguentei 5 minutos. Era peão para cá, Dama para lá, se cavalo isso e o bispo aquilo, então o cavalo faz isso... Eles antecipavam dezenas de movimentos.

A nova placa acabava de ser colocada. *The Assassin.* Mesmo deixando aquele tempo para trás, eu não pude evitar o nome. Agora sou dona de um bar movimentado no centro da cidade de Copenhagen.

Melhor que assassinatos.

O horário de abertura estava próximo e eu observava alguns afazeres dos funcionários. Eles sabiam cada detalhe, conheciam cada cliente, e eu era a novata ali. A comunicação era um pouco estranha porque alguns não falavam inglês e eu estava aprendendo a língua daquele país com aulas particulares.

Parei no meio do salão e suspirei olhando a estrutura de madeira polida.

Nada de sangue e morte.

Estou adorando este estilo de vida.

— Senhorita Calena, alguns homens querem falar com você — Axel adentrou pela porta da frente jogando um pano branco por cima dos cabelos castanhos que tocavam os ombros.

Odeio ser chamada de *senhorita.* Eles não sabem de meu passado porque ele não existe. São muito cuidadosos ao meu redor e eu não acho que é porque sou a chefe deles. Meu rosto e o de Katherine está estampado em todo o lugar. O mundo inteiro sabe sobre nós. Estamos mantendo um perfil baixo e preciso mandar repórteres embora a todo momento, porém, adoro como as pessoas me tratam e me olham deslumbradas como se eu fosse uma segunda princesa.

— Quem? Repórteres de novo?

— Disseram que são da Inteligência. — O rosto exibia preocupação e eu revirei os olhos. *Eu tenho coisas a fazer. Vieram me perturbar logo agora?*

Fiz questão de não ter nenhuma ponta solta em meu passado para que problemas não pudessem surgir e colocar Katherine em risco. A inteligência também garantiu que tudo a meu respeito fosse confidencial tipo por uns cem anos.

Os homens adentraram o bar.

— Você de novo.

— Senhorita Calena.

Puta que pariu.

O Homem do Arquivo. Ele está acompanhado de um outro agente. Ele me observa com uma cara de bunda.

— O que querem? Eu cumpri minha parte.

Cara De Bunda e o Homem Do Arquivo se entreolham. O Homem Do Arquivo limpou a garganta. Estava confortável em não saber o nome de nenhum deles.

— Nos acompanhe.

— Para onde? Eu estou trabalhando. — Eles apenas esperaram eu me mover. — Axel!

— Sim?

— Abra o bar, não sei quando eu volto.

Do lado de fora três SUVs pretos e agentes estavam espalhados. Eles me revistaram e retiraram minhas quatro facas. Não fizeram perguntas. Brandon, o chefe da segurança da rainha estava no banco da frente, e logo antecipei o que estaria por vir. O Homem Do Arquivo abriu a porta para mim e lá estava Emelia em seu vestido azul escuro de pano grosso que descia até os tornozelos, um colar prateado no pescoço e os óculos de armação roxa que não largava o seu rosto. Do seu lado, Braithwaite o chefe da inteligência.

— Eu estou começando a achar que vocês dois são um casal.

— Vamos dar uma volta, menina — disse a rainha, não dando a mínima atenção a minha fala.

— Vossa Majestade — fiz uma reverência antes de entrar. Eu precisava ser educada também.

O carro deu partida.

— Você comprou o bar — começou ela.

—Tentando ter uma vida, Vossa Majestade.

— Já conheço os motivos por trás. Você é realmente aficionada pela minha filha.

— Eu a amo e quero estar com ela, senhora.

— Que ultraje! Deve adereçar a nossa Rainha como Vossa Majestade. — Respondeu Brandon por ela.

— Você acabou de interromper a Vossa Majestade, Brandon, isto também não é um ultraje?

— Quietos vocês dois! — chiou Emelia. — Fez um bom trabalho. Reconheço.

Suas mãos cruzadas no colo não se moviam.

— Está falando do bar?

— Não. Sobre o homem que pegou para nós. Ele deixava um rastro de terror onde passava.

— Acho podres até em fruta de plástico — me gabei.

— Agradeço novamente por ter pegado Niels e Kaviv. Eles confessaram tudo serão julgados este mês e ficarão presos pelo resto da vida. Você e Katherine serão chamadas. Irão depor de portas fechadas e apenas na presença dos advogados e do juiz. Não quero nada vazando para a mídia.

— Eu queria matá-los. Mas se eu fizesse isso eu não estaria aqui.

— Braithwaite disse que você pode ser um recurso valioso para nós.

Eu sei que sou valiosa. Eu não irei trabalhar para ninguém.

— Desculpa já tenho emprego.

— Podemos falar disso mais tarde. Katherine está muito ocupada e não fala muito sobre você. Eu não gosto de você, acho que isto está claro, mas isso pode mudar. Prove que merece. Se quiser ter a remota chance de estar perto da minha filha, quero que me diga tudo que aconteceu em sua vida, nos mínimos detalhes.

— Eu já não disse isso no interrogatório?

— Não tudo que *eu* quero saber.

— Estamos meio que namorando agora. É segredo não conte a ninguém — brinquei.

Emelia foi pega de surpresa, os olhos Braithwaite faltaram saltar e cair no colo da monarca. Brandon estava no mesmo estado.

Consegui fazer os três ficarem calados.

Nunca namorei na vida. Não sei como fazer isso, mas posso aprender. Toda essa coisa de realeza é um pé no saco. Não duvido que a inteligência esteja me vigiando vinte e quatro horas por dia. Desde que eu não os veja e não me interfira, tudo bem para mim.

O bar foi uma escolha segura. Adoro os drinks. Aprendi a preparar vários tipos quando estava na Itália e estou aprendendo outros com os Barmen, embora a comunicação seja um pequeno empecilho.

Antes de partir atrás do homem que aterrorizava cidades dinamarquesas há anos, soube por uma conversa casual com Jorgen que ele estava vendendo o bar para comprar uma fazenda onde viveria tranquilamente.

O bar ficava a poucos minutos de caminhada do apartamento Katherine, o que era perfeito.

— Ela não contou isso para mim — disse a rainha depois da notícia. Minha filha realmente faz um esforço fora do comum por você. Ela está obcecada, nunca a vi assim. — Admitiu Emelia.

Pousei em um país desconhecido, a segui pelos cantos, protegi de uma emboscada, matando os bandidos, encontrei e capturei os envolvidos; depois cruzei o país atrás de outro homem e também o peguei. Isso tudo somente para ficar com ela, então, sim. Também estou obcecada.

— Podemos conversar mais, porém, não com esses dois escutando — disse, olhando para Brandon e Braithwaite.

O carro cruzou os jardins do palácio. A rainha junto com sua equipe me levou para uma volta nas dependências externas.

Duas horas se passaram e eu contei tudo sobre mim, coisas que eu não havia dito no primeiro interrogatório, porque não perguntaram. Começando pela mesma história que contei a princesa, passando por meus treinamentos e "missões", deixando a origem de meu nome de fora. Passei pelo fascínio e momentos com Katherine até chegar no presente.

A rainha Emelia me propôs um juramento.

O de proteger e a princesa com minha vida.

— Eu já jurei isso. *Para ela.*

Eu tive que fazer novamente, e fiz de bom grado com direito a mão na bíblia e tudo.

A rainha me deu um voto de confiança. E me veio novamente com uma proposta de eu ser uma agente livre e fazer trabalhos para eles.

A resposta era não.

— Desculpe, Vossa Majestade, mas eu também jurei que eu não a deixaria.

Pela primeira vez eu vi um sorriso por parte da mulher, apenas um resquício.

Já era alguma coisa.

Início da tarde. Início de expediente. O bar estava pronto para receber os clientes. Eu ainda pensava no encontro com a rainha. Contei toda a conversa para Katherine. Mesmo com o voto de confiança, eu sentia que precisava provar ainda mais que eu realmente darei minha vida pela princesa.

Limpava o balcão com uma flanela ligeiramente úmida quando a porta se abriu e encarei a pessoa que passava por ela.

Meu primeiro instinto foi alcançar minha arma, mas ela não estava lá.

Merda Katherine! Por que me fez prometer?

Peguei a faca no balcão e apontei para ele, mesmo as chances sendo baixíssimas, porque certamente estava armado.

— Bela placa você tem lá fora. E belo bar. Eu vim em paz pode abaixar isso.

Aleksandr vestia um terno negro perfeitamente moldado e olhava ao redor com as mãos no bolso. Os cabelos pretos labuzados de gel deixavam os brilhantes fios no lugar. Ele estava sozinho.

— O que está fazendo aqui?

Éramos a dupla de assassinos de Kurochev. Ele ainda é. Quando eu cheguei, ele já estava treinando para suas primeiras missões.

Nem em mil possibilidades pensei que ele poderia aparecer aqui.

— Cinco meses sumida. Kurochev sente saudades.

— Estou bem. Se é só isso, então tchau.

Ele se sentou na cadeira à minha frente.

— Não, não é só isso.

Eu havia abaixado a faca, mas ela ainda estava presa em minha mão e virada para o lado dele. Apenas um movimento e sua garganta estaria perfurada.

Alguns funcionários estavam na parte de trás e poderiam sair a qualquer momento.

Não podemos dar um passo fora da linha ou estamos ferradas, a voz de Katherine surgiu em minha mente.

A rainha também deixou muito claro que no primeiro deslize, eu pagaria as consequências. Ela daria um jeito de me separar da princesa.

A minha próxima pergunta seria a mesma de quando ele entrou. Kurochev não faria mal a mim. Ele não mandaria Aleksandr para me matar. Não tinha razão para tal coisa. Eu acreditava nisso.

— Vim tratar de algo para Kurochev. Ele quer fechar novos negócios e nossa pequena agência foi terminada e ele não quis dar motivos, mas creio que tenha dedo seu metido.

— Eu não fiz nada além de dar conselhos.

— Conselhos? Você? Há! — desdenhou ele, rindo, imaginando que eu não poderia elaborar uma frase inteligente. Eu sempre fui uma pessoa de ações e ele sabe a quão boa eu sou. Era minha característica e eu não gostava muito de falar.

— Quais são os negócios?

— Tem vodca? Ele pretende adquirir a Kaviv têxtil. Não no nome dele, é claro.

Mas que porra? Me surpreendi com a notícia, mas agi como se não fosse muita coisa. Lhe dei um olhar cuidadoso, mas não virei as costas enquanto pegava e servia a bebida.

— Por que aqui?

— Lucro. Não tem nada a ver com você, porque eu perguntei. Ele deu o primeiro gole. — Como vai a nova vida? Soube que está com a princesa. Parece ser a única coisa que se fala por aqui. Eu realmente não esperava isso. É como um filme! — ecoou ele, com uma ligeira risada.

Os funcionários começaram a tomar os seus lugares e a fazer tarefas.

— Estou bem. Melhor coisa que fiz foi sair disso tudo, agora que não tem mais agência, o que vai fazer?

— Como disse, estou cuidando de uns negócios para o chefe.

— Hm. Como vai o pequeno Dmitry? E Sonya?

— Vão bem. O chefe está passando mais tempo com eles.

Parece que ele agarrou a minha ideia.

Pessoas começaram a entrar. Alguém ligou a música ambiente. Tive que deixar Aleksandr

para atender algumas pessoas, mas ainda de olho nele. Não sei o que iria fazer se Katherine aparecesse ali. Ela estava em algum evento que requisitava sua presença.

Aleksandr não fez mais perguntas sobre minha companheira e se levantou ajeitando seu terno caro.

— Hora de ir. Bom te ver Calena. Boa sorte em sua nova vida.

— Não ouse pisar aqui novamente — ameacei.

Com um piscar de olhos e um sorriso tosco, Aleksandr se virou e saiu.



Campeonatos Mundiais de Xadrez *Blitz* e *Rápido* da *FIDE*.
Moscou 2026

Depois de ter uma conversa agradável com Elena Andreeva, me sentei em uma das cadeiras reservadas para o público que acompanharia as partidas. Daniel estava ao meu lado junto com Rob, Andersen e Matt.

Ellen e Katherine estavam frente a frente. A primeira partida seria entre as duas. Cada uma estava mergulhada em algum lugar da própria mente olhando para o tabuleiro esperando o início do jogo.

A francesa iniciou o relógio. Dezenas de jogos aconteciam ao mesmo tempo, tanto os masculinos quanto femininos, mas eu tinha somente olhos para uma pessoa em especial.

Vi os minutos passarem com aquele jogo que era paixão de Katherine. E me forcei o bastante em aprender muito mais sobre aquele esporte. Claro que para a dinamarquesa aquilo não era somente um jogo, era o seu ofício. De vez em quando disputávamos uma partida, onde a princesa sempre saía vitoriosa. O placar no momento era 32 a 0 e 1 empate. Não sabia o que faria quando ganhasse, mas seria algo que Katherine nunca iria esquecer.

Após várias jogadas, minha namorada tinha uma ligeira vantagem de acordo com Daniel. Uma das coisas que me dava nos nervos era demora para mover uma peça. O jogador precisava pensar em dezenas de jogadas e possibilidades. Preferia os jogos rápidos ou de blitz como os que aconteciam no momento. Sua maioria não passava de meia hora e de alguma forma eram mais intensos e com finais eletrizantes.

A princesa saiu com sua primeira vitória.

Ela tinha muitos campeonatos para disputar e não podia acompanhá-la em todos eles, pois agora eu tinha algumas responsabilidades.

Como o bar.

A imprensa não dava descanso. Nossas vidas tornaram ainda mais privadas depois que a notícia de que a princesa da Dinamarca era lésbica e namorava uma mulher em que a vida era desconhecida. Precisamos ficar em casa por uma semana inteira depois que ela respondeu à pergunta que o mundo inteiro queria ouvir. E vi o alívio estampar todo o rosto dela.

Eu gosto de mulheres. Eu sou lésbica.

Eu estava orgulhosa dela, assim como toda sua família.

Pelo menos as pessoas pareciam gostar de mim, principalmente porque salvei a princesa deles.

Qualquer um que entrava em meu bar para arrancar informações era enxotado. Meu passado não existe e a inteligência havia criado um novo para mim. Calena Fantazi, ex-agente da inteligência, ex-segurança da princesa. Poucos sabiam quem eu realmente fui no passado. Era como se eu estivesse nascido alguns meses atrás para o resto do mundo. Isso abriu várias teorias da conspiração.

Sempre que tinha uma folga, acompanhava Katherine em eventos sociais, e éramos adoradas, mesmo não fazendo mais parte de sua proteção oficial, sempre ficava atenta a tudo.

Katherine Øster conquistou o campeonato mundial de xadrez Blitz. Era a primeira vez que vencia tal torneio. Ela massacrou suas oponentes, mas teve um tempo difícil contra Justina na

final, mas saiu vitoriosa. No xadrez rápido, perdeu na final para a americana Micaela Smith. Todos os prêmios ela doava para o combate à poluição e centros juvenis em seu país. Sentia orgulho daquela mulher, minha mulher.



Voltamos do desfile em comemoração aos vinte e cinco anos de reinado da rainha Emelia. Katherine passou disparada para o quarto.

— Que pressa é essa?

— É a *Bullet Tuesday!*[2]

— Você já ganhou esse negócio não sei quantas vezes. Deixe os outros jogarem e vem tomar banho comigo. Você não tem que visitar sua escola de xadrez?

— Eu tenho tanta coisa para fazer! Vou ficar louca! — gritou ela, do quarto.

Eu já estava na banheira quando ela entrou e começou a se despir.

— Ainda está com a tiara. Posso tirar?

— Ah! — Tocou a peça, surpresa por ter esquecido.

Me levantei e sorri quando Katherine olhava para meu corpo escorrendo água ensaboada. Ela lentamente levantou as mãos e tocou meus seios e mordeu o lábio inferior. Ela sempre fazia este movimento quando me encontrava nua. Ela adorava meus peitos.

Retirei aquela peça valiosa que deveria valer milhões e a coloquei em cima da pia como se fosse uma escova que acabava de usar. A princesa não se opôs.

Desta vez, ela não usava vestido, mas sim uma roupa militar preta com adornos dourados onde exibia duas medalhas, uma da ordem de serviço da rainha e outra de serviço prestados à coroa.

Eu também recebi uma, assim como os seguranças dela pela ação na Alemanha.

Deixando a roupa no chão, ela entrou na banheira e eu a puxei para dentro de meus braços.

— Como vai o bar? — perguntou, se encaixando ao meu corpo.

— Bem. Não precisei socar ninguém ainda — brinquei.

— E o treinamento?

— Seu irmão acompanhou meus treinos uma vez. Ele quebrou minha cara. Prometi vingança vou fazê-lo engolir aquelas medalhas dele.

Katherine gargalhou.

— Também quero uma sessão de treinos.

— E você terá. É só me dizer quando.

Aproveitamos o banho relaxante, mas não fiquei parada por muito tempo. Alisei todo o seu corpo e ouvi ela gemer quando massageei sua boceta por baixo da água.

Ela segurou meu pescoço colando o nariz em minha bochecha enquanto se esfregava em mim. Nosso banho estava acabado. Eu a levei para cama.



Cidade de Nova Iorque, Estados Unidos
Campeonato Mundial de Xadrez Clássico 2026

Mais uma vez lá estava eu em um grande e lindo salão sentada ao lado de Daniel. A primeira defesa de título de Katherine estava indo muito bem contra Justina Alvarez. A mexicana venceu

quase todas suas partidas no torneio de candidatos para ser a desafiante. O grande salão estava lotado com pessoas todo o mundo e óbvio que não poderia perder de ver minha amada ao vivo. Ela fez todo aquele negócio de entrevista e fotos. Dançou ao som da música que só ela escutava pelos fones e logo estava na frente de sua oponente.

O tempo dela estava acabando, faltavam apenas vinte minutos e ela ainda mirava o tabuleiro rodando uma peça de bispo nas mãos.

— Que inferno. Eu odeio isso! — reclamei sobre a demora.

Eu quase perfurava o carpete de tanto nervosismo. Pela avaliação de Daniel, a partida estava a favor a Kath. O placar era 7.5 para Katherine e 6.5 para Justina. Apenas a vitória da mexicana a levaria a partida para o *tie-break* com partidas rápidas. Empate ou vitória da princesa, ela se tornaria bicampeã.

Daniel xingava baixinho a cada jogada perfeita de Justina. Katherine respondia se defendendo com as peças pretas e sem erros. Ele sempre tentava me explicar as jogadas, mas eu me perdia com tantas possibilidades. As duas estavam pressionadas pelo tempo e quem errou primeiro foi Alvarez. Se Katherine fizesse a melhor jogada disponível, o jogo iria terminar com a vitória da princesa.

E foi o que aconteceu dez minutos depois. A princesa tinha total vantagem no tabuleiro. Alvarez parou o relógio e estendeu a mão. Soquei o ar de modo silencioso vibrando com a vitória. Todo o estádio começou a cochichar baixinho. As duas ficaram por ali discutindo a partida como se fosse uma partida casual ao ar livre. Aquilo era uma das coisas que eu adorava naquele esporte.

Justina se retirou e Katherine bufou e se recostou na cadeira exausta como se tivesse ficado em pé o dia inteiro numa fila de banco.

Então as palmas vieram.

Nossos olhos se encontraram. A bicampeã mundial de xadrez clássico sorriu calorosamente e devolvi o sorriso, que apenas ela sabia o significado.

FIM

Conheça outras obras da autora

Livros da Kat

[1] Exercícios de xadrez para solucionar em um período de tempo onde a dificuldade aumenta a cada etapa.
[2] Pequeno campeonato semanal de xadrez online que acontece nas terças-feiras.